

AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 7

RIO DE JANEIRO, JUNHO DE 1922

ANNO I

SONHOS E REALIDADES DIPLOMATICAS

Tem, ultimamente, *La Prensa*, de Buenos Ayres, mostrado a mais irrequerida impertinencia nos commentarios em torno de nossa organização militar, cuja importancia e finalidade procura fixar "para contribuir a despejar los horizontes diplomaticos sudamericanos". Para o grande órgão argentino, o Brasil, apartando-se da harmonia continental, procura crear um ambiente de receios e desconfianças, buscando fazer o Uruguay gravitar no circulo de sua influencia absorvente. Seria a continuação do programma de Rio Branco, ainda que menos imperialista do que o fazia o eminente brasileiro, implantando "la politica hegemónica del Brasil sobre el Rio de la Plata". Nessa serie de considerações *La Prensa*, acha que o Brasil tenta sua militarização num triplice objectivo, que denuncia á America:

1º, o Brasil aspira ser reconhecido pelas grandes potencias europeas como grande potencia sul-americana, com missão semelhante á que o Japão desempenha no Oriente;

2º, o Brasil premedita um plano diplomatico para exercer pressão sobre a Republica Argentina, tendo em mira o Rio da Prata, a posse de Martin Garcia e a navegação dos rios interiores, que põem em comunicação sete provincias brasileiras com o Atlantico;

3º, finalmente, o Brasil teme uma aggressão da Republica Argentina, e adopta precauções para resistir-lhe e dominá-la.

Insinúa assim *La Prensa*, que o Brasil adopta um programma inquietador de armamentos, visando, não a defesa de seu vasto territorio, de mais de 8 milhões de kilometros quadrados, e de suas costas immensas, mas um plano offensivo, perturbador da cordialidade americana, cordialidade que nossa politica sempre manteve, á custa do proprio sangue brasileiro. Ha uma subtil e venenosa contradicção nas razões do órgão portenho. De um lado, premediariamos uma pressão, forçada pela supremacia militar, tendo em mira o Rio da Prata, Martin Garcia e a navegação dos rios que communicam o centro do paiz com o Atlantico, pela bacia do Prata, e do outro temeríamos uma aggressão argentina. Toda a America sabe, e a Argentina melhor do que o resto do continente, que são de todo falhas essas razões ou esses pretextos.

Em primeiro lugar, ha um exagero formidavel e tendencioso na questão de nossos armamentos, vistos através de lentes, que os engrandecem porrosamente. Como já escreveu a penna *de Carias*, no *Jornal do Bra-*

sil, "o novo programma militar brasileiro, alterado no respeitante á organização intima das armas, como consequencia das lições da guerra europea, é sensivelmente o mesmo que já existia nos dous governos anteriores. Muito antes de nós, já a Argentina havia organizado o seu Exército com 5 divisões de infantaria e 2 de cavallaria independente, e o Chile contava com 4 divisões de infantaria e 2 de cavallaria independente."

Agora, incluir todas as possibilidades de mobilização, não parece de boa-fé. Diz *La Prensa*, em artigo de 5 de Maio findo, cujo titulo aproveitamos para o presente, que "Este paiz, por decreto de 31 de Diciembre de 1921, numero 15.335, acaba de elevar su ejército permanente a 116.000 hombres, en la forma siguiente: oficiales, 3.933; escuelas, 2.900; suboficiales y tropa, 74.460; fuerzas organizadas por los Estados, 34.709." Ora, essa constituição militar não é exercito permanente. Ha nelle, as policias estaduais, e do Districto Federal, que são forças accessorias, incluídas evidentemente no exercito, por serem milicias militares, mas que não são exercito regular.

Tambem ha as escolas militares, cujos alumnos são aspirantes e só, em caso de mobilização, são incorporados ao serviço effectivo. Portanto, dos 116.000 homens, ficamos reduzidos a 3.933 officiaes e 74.460 homens de tropa. O exercito argentino, pelo calculo de *La Prensa* é de 27.168 e o de Chile de 27.037, portanto, ambos são, proporcionalmente, muito maiores do que o do Brasil, quer em relação á extensão territorial, quer em relação á população. Se a Argentina, com menos de 3 milhões de kilometros quadrados e 9.000.000 de habitantes, mantem 27.168 homens, não ha exagero no Brasil, com 30 milhões, ou seja mais do triplo de sua população, levantar 74.460. O que estamos fazendo, instruindo e reorganizando o exercito, por uma missão militar estrangeira, já foi feito annos atrás pelo paiz vizinho, quando teve na direcção de seu exercito a missão allemã, chefiada pelo famoso Von der Goltz, tido como das maiores capacidades militares do mundo. Quanto á marinha Argentina tem superioridade, sendo os seus encouraçados mais novos e poderosos do que os nossos. Portanto, onde o motivo de terror e de inquietação, para justificar esse alarme do grande jornal de Buenos Ayres? Quanto á nossa capacidade militar, claro está que ha de ser muito maior do que a da Argentina, em virtude de nossa população ser mais do triplo da sua. Dest'arte, na base de 10ºº, para as mobilizações, base ultrapassada

na grande guerra, por todos os paizes beligerantes, podemos levantar 3 milhões, enquanto a Argentina só mobilizará 900 mil homens. Mas, isso é uma contingencia de nossa grandeza e não fornece base para discussão. Não ha, portanto, motivo de espanto em que aqui, no Brasil, "siempre quedará un serio volumen de militarización efectiva, que, com relación a los demás paizes de America, comporta un poder formidable". Ora, o Brasil é o maior paiz da America do Sul, em extensão e população, logo é justo que, tendo uma responsabilidade maior a guardar, sejam tambem maiores as suas medidas defensivas. E' esse um direito nosso, que só a nós cabe regular, porque cada um põe nas suas portas as tranças que entende.

A finalidade de nossos armamentos é o que pôde e deve ser, puramente defensiva, garantindo aos filhos deste paiz, o trabalho honesto e progressivo, sem temor de qualquer incommodo. Quando a Argentina reorganizou seu exercito, estabeleceu a dimos explicações. No entanto, era um supremacia naval sobre nós, não lhe pe paiz menor, muito menor mesmo, que se armava mais do que o vizinho muitas vezes maior. Era, porém, seu direito incontestado e só a ella cabia regular-o. E', portanto, impertinente, se não fosse tendenciosa, a campanha de *La Prensa*, cujos argumentos são mesmo menos exactos.

No artigo de 10 de Maio — *La situación Internacional al sur del Ecuador*, o grande jornal preoccupa-se em mostrar que a Argentina está bem, muito bem, com todos os paizes do continente e só o Uruguay está sob a nossa esphera de influencia, assim mesmo o Uruguay official, porque deixa entender que "a opinião sensata" do paiz se afasta da orientação governamental. Depois, prova, de um modo absoluto, que o Brasil está só na America. Não era preciso grande esforço, e nós já o mostramos no nosso artigo inicial, clareando essa verdade a mais absoluta. Apenas, se estamos sós, aceitamos o destino historico, trabalhando para a grandeza da America, com o coração aberto, sem os preconceitos malevolos e perfidos que nos attribue o jornal platino. No nosso isolamento, não vivemos a machinar planos diabolicos, nem aafiando as nossas espadas, intimidados por um perigo argentino, aliás hypothese afastada de nossas cogitações, porque fazemos justiça ao paiz vizinho, não o acreditando capaz de um tal gesto, de todo injustificado. Se estamos sós, temos as nossas mãos lealmente estendidas para os paizes vizinhos e estamos promptos a trabalhar com elles para a maior grandeza e gloria mais radiosa do continente americano.

BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

Casa Matriz: AMSTERDAM

**Filiaes na America do Sul: Rio de Janeiro
— S. Paulo — Santos — Buenos-Aires
Santiago do Chile — VALPARAISO**

Capital autorizado: florins 50.080.000
Capital realizado e reservas: florins 30.180.000

Fundado pela Rotterdamsche Bankvereniging Amsterdam — Rotterdam — Haya, cujo Capital Realizado e Reservas montam a florins 114.000.000

Succursal no RIO DE JANEIRO

11-13, RUA BUENOS AIRES, 11-13

Telephones: Norte 5356, 5357 e 5358

Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

CAPITAL FRs. 50.000.000

CAPITAL REALIZADO

Acções Frs. 50.000.000

Obrigações Frs. 65.000.000

Fundo de reserva Frs. 12.500.000

Emprestitos sobre hypotheca a curto e longo prazo, reembolsaveis a prazo fixo ou por amortizações semestrais com direito de reembolso antecipado

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento. Dinheiro para construcções.

Abertura de credito para construcções de predios até 50 % do valor dos mesmos, inclusive o terreno

Adiantamento sobre titulos, mercadorias e warrants.

Gerencia de Immoveis, cobrança de juros sobre apolices, acções e debentures, guarda de valores, etc.

Séde Social em Paris: 39, BOULEVARD HAUSSMANN, 39

SEDE DE OPERAÇÕES E DIRECÇÃO GERAL: AVENIDA RIO BRANCO, 44

Endereço Telegraphico: BRÉSIFONCI

RIO DE JANEIRO

Telephones } Directoria N. 4.116
 } Secretaria N. 2.085
 } Expediente N. 3.750

Caixa Postal 1.307

Agencia — RUA S. BENTO, 24 — S. PAULO

AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 7

RIO DE JANEIRO, JUNHO DE 1922

ANNO I

SONHOS E REALIDADES DIPLOMATICAS

Tem, ultimamente, *La Prensa*, de Buenos Ayres, mostrado a mais irrequerida impertinencia nos commentarios em torno de nossa organização militar, cuja importância e finalidade procura fixar "para contribuir a despejar los horizontes diplomaticos sudamericanos". Para o grande órgão argentino, o Brasil, aparrando-se da harmonia continental, procura crear um ambiente de receios e desconfianças, buscando fazer o Uruguay gravitar no circulo de sua influencia absorvente. Seria a continuação do programma de Rio Branco, ainda que menos imperialista do que o fazia o eminente brasileiro, implantando "la politica hegemonica del Brasil sobre el Rio de la Plata". Nessa serie de considerações *La Prensa*, acha que o Brasil tenta sua militarização num triplice objectivo, que denuncia á America:

1º, o Brasil aspira ser reconhecido pelas grandes potencias europeas como grande potencia sul-americana, com missão semelhante á que o Japão desempenha no Oriente;

2º, o Brasil premedita um plano diplomatico para exercer pressão sobre a Republica Argentina, tendo em mira o Rio da Prata, a posse de Martín Garcia e a navegação dos rios interiores, que põem em comunicação sete provincias brasileiras com o Atlantico;

3º, finalmente, o Brasil teme uma aggressão da Republica Argentina, e adopta precauções para resistir-lhe e dominá-la.

Insinúa assim *La Prensa*, que o Brasil adopta um programma inquietador de armamentos, visando, não a defesa de seu vasto territorio, de mais de 8 milhões de kilometros quadrados, e de suas costas immensas, mas um plano offensivo, perturbador da cordialidade americana, cordialidade que nossa politica sempre manteve, á custa do proprio sangue brasileiro. Ha uma subtil e venenosa contradicção nas razões do órgão portenho. De um lado, premeditamos uma pressão, forçada pela supremacia militar, tendo em mira o Rio da Prata, Martín Garcia e a navegação dos rios que communicam o centro do paiz com o Atlantico, pela bacia do Prata, e do outro temeríamos uma aggressão argentina. Toda a America sabe, e a Argentina melhor do que o resto do continente, que são de todo falhas essas razões ou esses pretextos.

Em primeiro lugar, ha um exagero formidavel e tendencioso na questão de nossos armamentos, vistos através de fortes lentes, que os engrandecem poderosamente. Como já escreveu a penna competente de *Caxias*, no *Jornal do Bra-*

sil, "o novo programma militar brasileiro, alterado no respeitante á organização intima das armas, como consequencia das lições da guerra europea, é sensivelmente o mesmo que já existia nos dous governos anteriores. Muito antes de nós, já a Argentina havia organizado o seu Exército com 5 divisões de infantaria e 2 de cavallaria independente, e o Chile contava com 4 divisões de infantaria e 2 de cavallaria independente."

Agora, incluir todas as possibilidades de mobilização, não parece de boa-fé. Diz *La Prensa*, em artigo de 5 de Maio findo, cujo titulo aproveitamos para o presente, que "Este pais, por decreto de 31 de Diciembre de 1921, numero 15.335, acaba de elevar su ejército permanente a 116.000 hombres, en la forma siguiente: oficiales, 3.933; escuelas, 2.900; suboficiales y tropa, 74.460; fuerzas organizadas por los Estados, 34.709." Ora, essa constituição militar não é exercito permanente. Ha nelle, as policias estaduais, e do Districto Federal, que são forças accessorias, incluídas evidentemente no exercito, por serem milicias militares, mas que não são exercito regular.

Tambem ha as escolas militares, cujos alumnos são aspirantes e só, em caso de mobilização, são incorporados ao serviço effectivo. Portanto, dos 116.000 homens, ficamos reduzidos a 3.933 officiaes e 74.460 homens de tropa. O exercito argentino, pelo calculo de *La Prensa* é de 27.168 e o de Chile de 27.037, portanto, ambos são, proporcionalmente, muito maiores do que o do Brasil, quer em relação á extensão territorial, quer em relação á população. Se a Argentina, com menos de 3 milhões de kilometros quadrados e 9.000.000 de habitantes, mantem 27.168 homens, não ha exagero no Brasil, com 30 milhões, ou seja mais do triplo de sua população, levantar 74.460. O que estamos fazendo, instruindo e reorganizando o exercito, por uma missão militar estrangeira, já foi feito annos atrás pelo paiz vizinho, quando teve na direcção de seu exercito a missão allemã, chefiada pelo famoso Von der Goltz, tido como das maiores capacidades militares do mundo. Quanto á marinha Argentina tem superioridade, sendo os seus encouraçados mais novos e poderosos do que os nossos. Portanto, onde o motivo de terror e de inquietação, para justificar esse alarme do grande jornal de Buenos Ayres? Quanto á nossa capacidade militar, claro está que ha de ser muito maior do que a da Argentina, em virtude de nossa população ser mais do triplo da sua. Dest'arte, na base de 10º, para as mobilizações, base ultrapassada

na grande guerra, por todos os paizes beligerantes, podemos levantar 3 milhões, enquanto a Argentina só mobilizará 900 mil homens. Mas, isso é uma contingencia de nossa grandeza e não fornece base para discussão. Não ha, portanto, motivo de espanto em que aqui, no Brasil, "siempre quedará un serio volumen de militarización efectiva, que, com relación a los demás países de América, comporta un poder formidable". Ora, o Brasil é o maior paiz da America do Sul, em extensão e população, logo é justo que, tendo uma responsabilidade maior a guardar, sejam tambem maiores as suas medidas defensivas. E' esse um direito nosso, que só a nós cabe regular, porque cada um põe nas suas portas as tranças que entende.

A finalidade de nossos armamentos é o que pôde e deve ser, puramente defensiva, garantindo aos filhos deste paiz, o trabalho honesto e progressivo, sem temor de qualquer incommodo. Quando a Argentina reorganizou seu exercito, estabeleceu a dimos explicações. No entretanto, era um supremacia naval sobre nós, não lhe pe-paiz menor, muito menor mesmo, que se armava mais do que o vizinho muitas vezes maior. Era, porém, seu direito incon-tante e só a ella cabia regular-o. E', portanto, impertinente, se não fosse tendenciosa, a campanha de *La Prensa*, cujos argumentos são mesmo menos exactos.

No artigo de 10 de Maio — *La situación Internacional al sur del Ecuador*, o grande jornal preoccupa-se em mostrar que a Argentina está bem, muito bem, com todos os paizes do continente e só o Uruguay está sob a nossa esphera de influencia, assim mesmo o Uruguay official, porque deixa entender que "a opinião sensata" do paiz se afasta da orientação governamental. Depois, prova, de um modo absoluto, que o Brasil está só na America. Não era preciso grande esforço, e nós já o mostramos no nosso artigo inicial, clareando essa verdade a mais absoluta. Apenas, se estamos sós, aceitamos o destino historico, trabalhando para a grandeza da America, com o coração aberto, sem os preconceitos malevolos e perfidos que nos attribue o jornal platino. No nosso isolamento, não vivemos a machinar planos diabolicos, nem afiando as nossas espadas, intimidados por um perigo argentino, aliás hypothese afastada de nossas cogitações, porque fazemos justiça ao paiz vizinho, não o acreditando capaz de um tal gesto, de todo injustificado. Se estamos sós, temos as nossas mãos lealmente estendidas para os paizes vizinhos e estamos promptos a trabalhar com elles para a maior grandeza e gloria mais radiosa do continente americano.

DOCUMENTOS SOBRE A GUERRA CONTRA OS HOLLANDESES

As tres cartas que transcrevemos a seguir, figuram no primeiro volume da *Correspondencia Diplomatica de Francisco de Souza Coutinho*, durante a sua embaixada na Hollanda, de 1643 a 1646, organizada e editada em Lisboa, por Edgard Prestage, que ainda a prefacia, e Pedro de Azevedo, provetos historiadores e investigadores infatigaveis. A primeira, datada de 4 de Outubro de 1645, é de D. João IV. A segunda, que é assaz importante e conta principalmente a batalha de Tamandaré, em que o almirante flamengo Lichthardt destruiu a 6 de Setembro a esquadra portugueza commandada por Jeronymo Serrão de Paiva, é do punho de Antonio Telles da Silva, governador que foi do Brasil, e é datada de 15 de Outubro de 1645. Foi transmittida ao embaixador portuguez em Haya com ordens para ajustar com a Hollanda a compra das capitánias do norte do Brasil que se haviam levantado contra o jugo estrangeiro; mas, estas ordens chegaram tarde, por quanto vieram directamente de Pernambuco noticias da victoria ganha pelos brasileiros no monte das Taboas e que estes se tinham assenhoreado de varios fortes. Na Hollanda, a gente da Companhia Occidental das Indias queixaram-se de que as tropas que o governador Telles da Silva enviára da Bahia, com pretexto de medear, eram as que lhe tinham feito a guerra, espalhava que um general hollandez fóra preso em Pernambuco, mandado á Bahia e lá esartejado, e bramava pelas suas, tumultuando o povo contra o embaixador portuguez e a embaixada. Todos, na Hollanda, tirham por certo de que D. João IV era sabedor do levantamento dos pernambucanos e que o fomentara, auxiliando os insurrectos pelas armas e pelas vias diplomaticas. A carta regia, como informa Edgard Prestage, chegou a Haya nos fins de Novembro e Souza Coutinho levou os papeis aos Estados Geraes hollandezes, propondo-lhes razões para justificar os successos de Pernambuco e recusar o facto do governador ter mandado lá tropas. Na resposta disseram que não tomariam deliberação sem obter plenaria informação do negocio, mas o embaixador soube por particulares que elles não queriam desculpar o acto de Telles da Silva, allegando que com pretexto de meação o governador se quiz fazer senhor das terras e praças hollandezas, e que assim o provaram os papeis tomados a Serrão de Paiva; que os pernambucanos se revoltaram com promessas mandadas pelo Rei, e que os soldados que Antonio Telles da Silva mandou, sob o commando de Vidal de Negreiros, vieram ajudar os levantados, que a fortaleza do Cabo de S. Agostinho fóra comprada ao capitão flamengo, que passou a servir no Exercito portuguez, com posto de coronel. Por sua vez, soube Souza Coutinho que os Estados Geraes tinham dado 500.000 florins á Companhia Occidental para ajuda do socorro que tencionara mandar ao Brasil, enquanto as provincias de Hollanda e de Zeelandia tinham offerecido gente e navios de guerra á sua custa, sem esperar a resolução das provincias reunidas. No volume a que nos referimos, assistimos ao desenvolvimento da politica a que Souza Coutinho se consagrara com habilidade, dedicação e patriotismo, e nelle se encontra vasta documentação relativa ao segundo periodo da guerra contra os flamengos. Ahi vão as cartas.

E. DE C.

1. — El Rei a Souza Coutinho

4 DE SETEMBRO DE 1645

Agora se receberão do Brasil os avisos e papeis que se vos remetem com esta carta; logo os offerecereis, assy originalmente como me vierão, aos ministros dos Estados, para que lhes seja presente o procedimento de Antonio Telles nesta parte. No mesmo ponto se lhes despacharão duas caravelas para segurar em ambas o aviso, porque lhe mandey com summo aperto que sem ordem muito expressa dos do governo de Pernambuco, não mande gente algumas aos limites da jurisdicção; e que

logo, logo, (se elles assy o quizerem), faça recolher a infantaria que mandou a compôr e reduzir os portuguezes, e declarar por maos vassallos a Henrique Dias, Camarão, e os seus soldados; porque ainda que o intento de Antonio Telles foi tanto em beneficio dos hollandezes, como se vê dos papeis, para que cesse de todo o escrupullo em materia tão perigosa, me pareço mais conveniente advertillo com tais palavras, que se se dilatar hum ponto na execução do refferido, passarão a mayor rigor as demonstrações que com elles hei de mandar uzar; de que té gora não tratey porque, (posto que o mando averiguar por diferentes vias), não se alcança que Antonio Telles faltasse á sua obrigação e ás da boa correspondência que devia ter com os hollandezes seus vizinhos. Esse subcesso mostra bem que debalde se canção os da Companhia por tirar utilidades do Estado do Brazil, e delles se deixa entender facilmente que cada vez hão de creçer mais os damnos que a Companhia recebe daquella conquista. Por esta razão se tem aquy a occasião presente por muito acomodada para se tratar com os Estados, ou com os da Companhia, queirão largar o Brazil, com a conveniencia de que tantas vezes vos mandey advertir. Ponde agora em pratica este negocio, e segi-o com todo callor, vallendo-vos de hum papel que vos mandey remeter sobre o arbitrio do sal, e de tudo o mais que se vos offerecer, na forma de minhas ordens (de que vos não afastareis), por ver se podeis chegar agora este negocio á conclusão; e de tudo o que passardes me hireis dando conta, sem rezolver nada, ainda que em o concluir com brevidade, sem avizo meu, vos pareça que acertais.

Biblioteca Nacional, Lisboa, códice 7162, fl. 689.

2. — Antonio Telles da Silva a El Rei

15 DE OUTUBRO DE 1645

Por duplicadas cartas tenho dado particular conta a V. Magestade das causas que me movêrão a defferir ao que se me propôz por os dous deputados que me enviarão do Arrecife de Pernambuco os do Conselho Supremo de Hollanda que ali rezidem, com occasião de se lhe averem levantado os portuguezes que dominavão, [e] haverem-se-lhe passado as duas tropas de Indios e negros que residião no Rio Real, com Camarão e Henrique Dias, usando do mesmo dezaforo, sem ordem nem obediencia alguma, pedindo-me os ditos deputados mandasse recolher a estes inobedientes e atrevidos, e fazer socegar aos tumultuosos moradores, os quais tambem por suas cartas me pedião lhes acudisse, para os não deixar destruir; [e] havendo considerado attentadamente o que por huma e outra parte me representava, e feito junta de todas as pessoas de mayor juízo e postos, e comunicado com os mesmos deputados dos hollandezes os meços de que poderia uzar para melhor condescender com suas propostas, e averiguado que convinha que se não dilatasse, e que importava fazer que Camarão e Henrique Dias se recolhessem

logo com suas duas tropas de negros e Indios, e que elles o não havião de fazer, como tam culpados no que havião cometido, sem força bastante que os obrigasse e pudesse em caso de sua contumacia forçar com o castigo a dezistir e recolher-se; e que da mesma maneira se não havião de reduzir os moradores com razões e ordens, antes creceria sua sedicção e viria a perder-se o tempo em os persuadir sem redundancia alguma, era sómente precizamente necessario formar hum grosso de infantaria com que mandar acudir a estas dezordens, e fazellas sosegar, e poder castigar aos que o duvidassem, e que assi ficarião os hollandezes satisfeitos, e os Indios de Camarão, e negros de Henrique Dias recolhidos, ou castigados, e os moradores compostos e socegados.

Tratei com o assento do refferido de superar algumas dificuldades por poder apreçar a execução deste meyo, dispondo os possiveis para com elles servir aos vizinhos e aliados nesta occasião, com que lhe tornei a enviar os seus dous deputados, e fis aparelhar alguns dos navios que aqui tinha para acudir a Angola, em caso que os castelhanos a intentassem, como se dizia, e nelles mandey a Jeronymo Serrão de Paiva e aos mestres de campo Martim Soares e André Vidal, com a infantaria que pude, dando conta por mar e por terra aos do Conselho Supremo de Hollanda ao Recife do com que os socorria, e de como tudo hia á sua ordem, para que despuzessem o que melhor lhes parecesse.

Chegarão as nossas embarcações a Tamandaré, donde logo os cabos dellas e da infantaria o avizarão ao Recife, e avendó despois disto chegado aqui a esta bahia do Rio de Janeiro o general das frotas deste Estado Salvador Correa, lhe pedi quizesse tambem, pois hia de caminho para esse Reino, hir a dar fundo de frente do Arrecife, e offerecer-se aos hollandezes para o que elles quizessem de seu servisso para o effeito do que me tinhão pedido, como o fes, e se lhe respondeo pelos do Conselho Supremo que lho agardecião, e que podia fazer sua viagem com os galeões e mais frota que trazia, o que logo fes Salvador Correa, e se tornou o cabo das embarcações que primeiro daqui partio com o socorro para o mesmo porto de Tamandaré donde avia saído, acompanhado a frota de Salvador Correa.

Tendo-se da minha parte procedido com este bom animo e desejo de poder ajudar e servir aos hollandezes, compondo aos moradores com elles, e avenduzado de hum tam grande primor, sómente afim de seu beneficcio, a grata recompensa haverem malizozamente tomado por motivo a sedicção dos moradores para me poderem mandar pedir acudisse por meços constrangentes, para me empenharem e fazerem destituir da mayor parte das forças com que me achava, como fiado em nossa amizade e aliança de pazes o fis; e assi poderem melhor e mais a seu salvo cometerem a mais atrás e abominavel accção que jamais se haverá visto, como se verifica de averem antecipadamente prevenido huma armada de onze baixels com o seu proprio general Lechthardt, com que mandarão asaltar as nossas embarcações que estavam em Tamandaré, onde as man-

LUSIADAS

dey a levar-lhe o socorro, e ali as tomá-
rão e queimá-ão, matando aos mais dos
que nellas se achavão, e ainda procuran-
do escapar a nado os não perdoá-ão, ha-
vendo-os os nossos recebido com toda a
demonstração de pas e alegria. Foi a
paga indigna de refferir-se de racionaes
e premeditadamente assi disposta, e por
terra avião também lançado algumas
grossas tropas de infantaria a degolar
as duas que mandey a seu servisso com
Martim Soares e André Vidal, havendo
preynido que se lhes negasse e impe-
disse o sustento ordinario, em cujo ex-
tremo, constringidos da ultima neçedade
de o procurá-ão, e logo forão com armas
e violencia dos holandeys atalhados, e
para se defenderem uzado dos meyoys na-
turaes para poderem chegar a Serinhaem,
onde tivessem os mantimentos que se lhe
negavão; e foi tal o rigor deste excesso,
que chegarão a persuadir-se os nossos
que aquelles holandezes e Indios que ali
se achavão, devião também de estar le-
vantados contra os do Conselho Supre-
mo e mais holandezes que assistião no
Arreciffe, [e] havendo-sse ali tomados
alguns destes Indios, os mandárão logo
os nossos emforçar, parecendo-lhe que
com aquelle exemplo se sosegarião os
mais de ajudar a Camarão e aos mora-
dores que persistião contra os holande-
zes.

Nesta forma hião os nossos esperan-
do a resposta das cartas que avião es-
crito aos do Conselho Supremo do Arre-
ciffe, quando chegou a nova dosuccedi-
do ás nossas embarcações em Tamandaré,
parecendo-lhe que devião ser alguns na-
vios de Castella, e que era impossível que
fossem de holandezes, a quem elles vi-
nhão a socorrer, e assi tornarão os mes-
tres de campo Martim Soares e André
Vidal a escrever outras cartas aos do
Conselho Supremo ao Reciffe, sem ave-
rem tido reposta das primeiras, achando-
sse confuzos e afalhados; e com tu-
do, sem dezistirem do intento a que os
mandei, de seguirem em tudo e por tudo
o que os holandezes do Arreciffe lhe or-
denassem, os quais cavilosamente té en-
tão lhe não havião enviado reposta nem
ordem alguma, antes mandando reforçar
com gente e sair-lhe do cabo de Santo
Agostinho a impedir poderem os nossos
sustentar-se, nem dar hum passo; e ven-
do-sse sem reposta de suas cartas, e sem
a ordem que esperavão dos holandezes do
Arreciffe, e totalmente impossibilitados
a poder-se sustentar, compellidos deste
rigor e experimentando coal era a ten-
ção de os averem procurado, queimando-
lhe suas embarcações, não lhe diffirindo
as suas cartas e tirando-lhe o sustento,
que para se segurarem desta violencia e
poderem suprir a extrema necessidade
em que se vião, lhes foi forçado arima-
rem-se ao mesmo prezidio que os holan-
dezes tinham em Nazaret e de que erão
perseguidos, e procurarem reduzi-los a
que os não tratassem como a inimigos,
pois somente hião a ajuda-los e seguir
suas ordens; e elles não só lhes pareceo
justificada a proposta, mas achavão-se
tam irritados dos termos de seus supe-
riores, que pedirão lhes deixassem pas-
sar-se para esta praça, para della pode-
rem fazer para suas terras; e comtudo
proseguirão os nossos [a] atalhar as
dezordens que os moradores cometião na
campanha, avendo saído com alguns dos
seus soldados o mestre de campo André
Vidal, chegou incubertamente e prendeo
a hum João Fernandes Vieira, que era
a cabeça principal dos sediciosos, e tra-
zendo-o já prisioneiro, o alcançou o tu-
multo e furor popular, e lho tomá-ão com
força e com vozes em motim: juntos fo-
rão correndo em demanda dos holande-
zes que achavão na varzea, e logo André
Vidal avizou ao mestre de campo Martim
Soares que marchasse com toda a gente
para acudir com ella ao furor do ex-

Ha uma profunda emoção nessa
admiravel prova do genio portu-
guês, através dos ares, que cortou
em azas de avião, como outr'ora as
quilhas das caravellas rompiam os
mares "nunca dantes navegados",
para a descoberta dos mundos. Ha
uma grandeza indefinivel na audaz
tentativa, marcando o mesmo espiri-
to inquebrantavel da raça, revivido,
translucido, no feito de Gago Cou-
tinho e Saccadura Cabral. Ha algu-
ma coisa de formidavel, que palpi-
ta, vibrante, nessa viagem maravi-
lhosa pelos céos, fixando a rota dos
ares, para ligar as terras. Esse cla-
rão resplendente, que chammeja, é
a fé do velho povo português, tri-
umphando por sobre as vicissitu-
des de uma vida atribulada, in-
quieta e difficil, para elevar o nome
luminoso que os navegadores qui-
nhentistas immortalizaram, atra-
vés das estrophes de bronze do poe-
ma de Camões. Na Audacia, na Sa-
bedoria, na Persistencia dos avia-
dores magnificos, refulge a mesma
fé dos que dobraram o Cabo da Boa
Esperança, conquistaram Ceuta e
descobriram o Brasil. Foi essa a for-

ça que os animou e seu reflexo é
que nos faz palpitar, na mesma sen-
sação de epopéa, descripta aos nos-
sos olhos, nesse traço rutilo das azas
que os trouxeram ao Brasil, sob a
bandeira da Cruz. O que ha de sabio
e de util na realização portentosa, se
some, porventura, diante da belleza
translucida do feito e da gloria de
seus heróes, que nos empolgam e nos
deslumbram. Os povos se criam ao
alento de suas epopéas e para Por-
tugal a viagem maravilhosa de Gago
Coutinho e Saccadura Cabral é um
episodio novo dos Lusíadas, para
cantar esses varões que, "por feitos
valerosos, se vão da lei da morte li-
bertando". No fremente enthusias-
mo desses momentos de commovida
exaltação, nós, brasileiros, devemos
compreender que os povos só vivem
da fé que os engrandece, pelo he-
roismo e pela tenacidade. Não sau-
demos apenas os triumphadores,
mas o symbolo que elles encerram,
as virtudes excelsas da raça, que é
nossa, e que havemos de exaltar,
numa trajectoria luminosa. Honre-
mos essa gloria, que é nossa, e sai-
bamos continual-a.

ceço do povo, como fizerão, achando-o
já com os holandezes reduzidos a huma
caza, e elles todos dispondo a pegar-lhe
o fogo a tempo que acudio o mestre de
campo André Vidal levando trombeta com
huma bandeira branca; e ainda assi lhe
tirárão os holandezes e lho matárão, e
derão duas pelouradas no seu cavallo, e
com tudo chegou aos moradores com a
espada na mão, e os fez sosegar e dizis-
tir do insendio e morte que procuravão
dar, e derão logo a todos os holandezes,
se o ditto André Vidal não fora.

Com tudo isto tornarão os mestres de
campo Martim Soares e André Vidal a
escrever ao Reciffe, queixando-sse dos
termos que com elles se avião uzado, e
de se lhe não haver respondido e de ou-
tros excessos, a que os holandezes lhe
responderão com carta de que com esta
vay a copia autentica, mostrando-sse
queixosos dos prosedimentos dos nossos,
como V. Magestade sendo servido poderá
mandar ver.

Hé senhor muy particular o meu sen-
timento, porque quando me pareceo que
obraava nesta ocazião com toda a ponde-
ração e acerto em socorrer aos holan-
dezes como a nossos aliados, vizinhos e
amigos, veio [a] aver rezultado tudo
tanto ao contrario, como experimento da
maldade com que se me enviárão os
deputados do Arreciffe, para debaixo
deste termo chegarem a poder obrar
huma tam grande atosidade como a de
queimarem as embarcações que lhe man-
dey, matando a mayor parte da gente
dellas, e mandarem matar á fome ou a
ferro com a força de sua infantaria e ar-
mas aos mesmos que mandey, e hindo
por terra a fazer o que elles lhe man-
dassem, e não contentes com isto, che-
gando a fazer-lhe cargo do que refferem
em sua carta, que passa tudo tanto ao
contrario, como he notorio.

Dizem que tratárão os nossos de pei-
tar a hum dos seus, para lhe entregarem

huma das mais importantes fortalezas
daquelle Estado, havendo a ultima neces-
sidade da fome a que obrigarão aos nos-
sos, e os muitos actos de hostilidade que
com elles fizerão os do cabo de Santo
Agostinho a que se arrimassem a elle, para
se poderem defender e não perecerem.

Dizem que dezembrarão os nossos
com hum grande poder de infantaria,
lançando em sua jurisdicção, sem seu co-
nhecimento, e com pretexto e fantastica
interpretação da carta que me escreverão,
avendo-se tomado este asento com apro-
vação dos seus deputados e mandado
pouco mais de mil soldados somente, es-
crevendo-lhe eu por mar e por terra
deste socorro que lhes enviava, com par-
ticular noticia do que por os servir avia
resolvido.

Dizem que foi huma tão poderosa ar-
mada nossa á vista da barra do Arrecif-
fe, a qual como relato nesta a S. Mage-
stade, foi a frota de Salvador Correa que
hia para esse Reyno, e se deteve ali só-
mente as oras que os holandezes quize-
rão, a cujas ordens esteve.

Dizem que lhe invadirão os nossos o
forte de Serinhaem muito mais estranha-
do pela morte de tantos naturaes a san-
gue frio; em Serinhaem não avia forte,
e os que ali se achavão forão os que vie-
rão a impedir aos nossos (de que prezu-
mirão o que reffiro a V. Magestade),
e achando que os Indios erão os que assi-
stião aos moradores sediciosos, e a Cama-
rão que os ajudava, mandárão fazer del-
les justiça, em ajuda e favor dos mes-
mos holandezes a quem hião socorrer.

Dizem que ultimamente a nossa gen-
te lhes fora dar oppressão ás suas tropas
que tinham na campanha, sendo que a
socorre-las sómente sairão e marchárão
a acudir-lhe, como o fizerão e lhe valé-
rão para que os sediciosos as não quei-
massem no engenho de Torlon e caza em
que a ultimo estado as tinham reduzido.

ANTONIO FERRO

POR

ANTONIO FERRO

Está no Brasil o Sr. Antonio Ferro, o escriptor mais original de Portugal moderno. A sua arte estranha e bizarra, cheia de accentos novos, illuminada por tons vibrantes e raros, com toques exquisitos, é "uma arte de encruzilhadas, de encontros imprevisos, de assaltos á intelligencia, de tiros á queima roupa e de punhaes sangrentos". Não é igual a ninguém; é independente e audaz. Não conhece preconceitos, nem canones, nem limites. Seu espirito comparou-o a um cartaz espantando a multidão. Não tem piedade, nem contempções. É feroz e violento. Vinga-se das insufficiencias rindo do seu doloroso ridiculo. Não tem crenças, ou melhor só tem uma crença, em si mesmo. Antonio Ferro crê firmemente em Antonio Ferro. É o que se vê desse prefacio admiravel da segunda edição de sua "Theoria da Indifferença", que transcrevemos para dar ao leitor o mais puro goso mental:

Antonio Ferro, *chemineau* de si proprio, oleiro de phrases, exigio-me que lhe prefaciasse a segunda edição da sua preoccupada *Theoria da Indifferença*. Aborrecido, importunado na quietação budhica do meu Espirito, á viva força pretendi esquivar-me, indicando-lhe outros nomes, outras firmas, trombetas que mais alto berrassem o seu nome. Tudo inutil, porém. As varias plataformas que a minha indolencia lhe propoz, Antonio Ferro respondeu-me, com azedume, que só eu, Antonio Ferro, o saberia comprehender. Os amigos são implacavelmente delicados, em virtude do celebrado contrato social. Só os inimigos nos fazem justiça. Em mim tinha elle observado um juiz severo para todos os seus actos, contrariando-o em tudo, analysando-o, discutindo-o, autopsiando-lhe a alma, por vicio, por systema. Amoiado pelos argumentos, concordando, na verdade, que o nosso Eu foi sempre o inimigo mais interessado em vencer-nos, espojei-me nos meus sentidos — esteiras atravessadas no lagedo musica da minha alma — *Páteo de las Muñecas* — e envergado o kimono branco da sinceridade, fumei o opio das phrases que ahí vão...

Antonio Ferro é um funambulo de circos e de feiras. Mergulhando, no bahu magico do seu tinteiro, esse outro dedo que elle tem na sua caneta direita, como um escamoteador, descobre, extrahе, arranca — bandeiras, fitas, lenços de cores, labaredas, pombas, mulheres...

A sua Arte é uma arte de encruzilhada, de encontros imprevisos, de assaltos á intelligencia, de tiros á queima-roupa e de punhaes sangrentos. A alma de Antonio Ferro é um cartaz espantando a multidão. A sua prosa é um automovel *carrosserie* vermelha, que passa a buzinar, atropellando tudo, senhores de calva e pança, myopes, oculos, lunetas, monoculos, jornalistas de artigos de fundo, mais propriamente, jornaleiros de fundilhos.

O carnaval é a semana santa do artista, semana sagrada onde as imagens desfilam, em procissão, no andor das suas phrases...

Antonio Ferro é um trapeiro de cores. Elle anda pelo chiqueiro da vida, curvado, envelhecido, de sentidos esfarrapados, apanhando no harpão da sua penna — rodilhas do céu, trapos de arco-iris,

gommos de luz, pedaços de vitral, cascas de frutos... Antonio Ferro tem o *parti-pris* da cor, a obsessão, a tara esthetica e divina do protagonista do *chef-d'oeuvre-inconnu*, desse velho Balzac — *vient-de-paraitre* no decorrer dos seculos. Antonio Ferro triumphará na Hora-Aguia em que sentir marulhar na sua arte o ritmo oceanico das cores — cascatas de vermelho, ondulação de azues, calmarias de cinzento, ciclar de lilazes. Elle é um alcoolico, um bebedor dos sentidos. A sua alma anda aos tombos na sua sensibilidade. Elle sobrepõe as suas multiplas sensações como cartas de jogar, erguendo-se em castello, nas mãos de certo infante... Epicuro, no somnambulismo das idades, ensaiou a *maquette* do espirito de Antonio Ferro nesta phrase legenda: "Todos os meus pensamentos vêm dos meus sentidos". Como alguem affirmou, ha tempos, o autor da *Theoria da Indifferença* é um *clown*, um palhaço lantejoulado, enfarinhado de luar. As cousas, em seus dedos, são *marionettes* vistosas, *marionettes* que elle veste como entende, que elle traja de seda, de veludo, de setim ou de chita... O corpo humano é, para Antonio Ferro, uma barraca de feira, onde os cabellos, os olhos, o nariz, a bocca, os seios, se debruçam como fantoches... Irmanado com Anatole France no *Petit Pierre*, os dedos das mãos são para elle, uma *troupe* de comicos, de bohemios, de saltimbancos.

O meu prefaciado é, tambem, um alquimista de sinteses. Sublinha com um traço as suas emoções, acha-lhes a somma, a seguir... A arte é uma sugestão, a campanha electrica da Vida. Por fóra das gavetas indica-se o que está dentro. Quem tiver curiosidade, abra as gavetas e escolha o que entender. É ainda Anatole — esse gato borralheiro da litteratura franceza — quem ronroneja no "Jardin d'Epicure" esta verdade profunda — tão bella como qualquer mentira: — *Qu'est-ce qu'un livre? Une suite de petits signes. Rien de plus. C'est au lecteur á tirer lui-même les formes, les couleurs et les sentiments auxquels ces signes correspondent. Il dependra de lui que ce livre soit ou brillant, ardent ou glacé.*

Antonio Ferro é um escriptor objectivo, apenas objectivo — Elle não olha a Vida através de Si, mas vê-se a Si através da Vida. O papel branco em que escreve é o seu espelho. A sua imagem reflecte-se nas suas imagens. Elle não tem a premeditação da sua arte. As suas palavras florescem na sua pena, como cravos vermelhos. Jean Cocteau, o dadaista, forneceu-lhe o ex-libris da sua arte nesta phrase — mil phrases: *L'idée naît de la frase comme le rêve dévie selon les poses d'un dormeur qui se retourne.*

Antonio Ferro, é, finalmente, um impressionista, talvez o unico impressionista conhecido em litteratura. Como Manet, Sisley, Renoir, elle proclamou na sua arte a realeza do Sol. A luz é o sangue das coisas. A arte é uma illuminura. A propria sombra é recortada na claridade. O Sol é o grande mentiroso, o resplendor da paisagem, o mais bello photographo. O nosso melhor retrato é elle quem nos tira. No seu "Elogio das Horas" Antonio Ferro fez com palavras o

que Claude Monet fez com tintas, nas suas variações sobre os passos do Sol. Impressionista pelo estudo da luz, elle é tambem, um impressionista na escolha livre dos motivos. Para a sua visão não ha assumptos bons nem assumptos máos, ha cores vivas ou cores mortas. A cor é o seu principio, meio e fim. Tudo, para elle, se distingue por *nuances*. A cor é a linguagem de Deus, o idioma dos olhos. Antonio Ferro é ainda um impressionista na distribuição dos tons. Como Renoir elle pinta em *touches* successivas: palavras estrelajantes, cinzentas, agudas, desmaiadas...

A sua prosa é um poente esbraseado.

Antonio Ferro é um fundador de paradoxos. A *Theoria da Indifferença* é, portanto, um livro de mortalhas, um livro de mortalhas zig-zag. Tem sido este livro bastante commentado, fartamente autopsiado nas mesas dos cafés — mesas de anatomia... O primeiro ataque que se lhe faz, maneirinho e futil, é a insinuação de que o autor da *Theoria da Indifferença* não é, de modo algum, um indifferente. Estamos de accordo. Não é, nem o quer ser.

As teorias não são factos, são aspirações. A sua theoria é um programma que póde ser alterado por qualquer imprevisito. As mulheres, por exemplo, são sempre motivos imprevisos da Indifferença. Os apostolos são os escravos das idéas, não são as proprias idéas. Quem prega uma idéa deixa de a praticar inevitavelmente. Elle bem o sabe. Antonio Ferro não se preocupa, porém com as suas incoerencias: tem por ellas a maxima indifferença.

A outra accusação, mais viva e impertinente, é aquella que se refere á fragilidade do livro, livro de *beutades, de blagues*, de frivolidades sibilinas. Isto já eu sabia, aquillo tambem eu dizia... Não duvido que a soubessem, nego que o tivessem dito... Raku da sua arte, Antonio Ferro poderia offerecer, afoitamente, uma quantia avultada a quem conseguisse desenterrar do pó das bibliothecas um livro igual ao seu. Já Nietzsche esse Diogenes das idéas raras, philosophava no "Humano desmaziado Humano": *o cérebro mais subtil não é capaz de apreciar a arte de subtilizar um paradoxo, se não tiver sido educado para isso, ou se o não tiver já tentado. Suppõe, ingenuamente, que a agudeza de espirito necessaria para sintetizar, é mais facil do que na verdade é, e passam-lhe despercebidos os atractivos e os sentidos occultos das maximas e pensamentos.*

Efectivamente, a humanidade escusa de pensar mais. O que é essencial é caber logar as idéas, arrumal-as na alma, como numa estante. O trabalho mental está feito. Resta pôr etiquetas ao pensamento humano. A maxima originalidade está em reunir, numa formula, o maior numero de verdades eternas. É essa a preocupação do autor deste livro. A arte de Antonio Ferro será o ovo de Colombo; Antonio Ferro, portanto, que a descobriu, é, logicamente, o Christovão Colombo da sua arte.

RENATO ALMEIDA

POR

TASSO DA SILVEIRA

O volume, por varios aspectos notavel, em que Renato Almeida nos dá, sob a forma de uma interpretação do *Fausto* de Goethe, o seu pensamento philosophico-religioso, é dos que indicam avanço da intelligencia brasileira e verdadeiramente enriquecem nossa literatura. Com este livro collocou-se o joven pensador entre os que melhor representam as possibilidades novas de nosso espirito. Aliás, parece que os factos se congregam para desautorar o scepticismo dos que perderam a capacidade de sentir o tumulto nascente de nossa alma, e lhe negam, por exemplo, o sentimento metaphysico. Farias Brito, a primeira expressão verdadeiramente philosophica dos povos que falam o idioma português, poderia ter sido phenomeno isolado. Não ficou, todavia, perdido na sua grandeza solitaria. Outras intelligencias se lhe agruparam em torno, e por effeito, talvez, de seu influxo forte, houve em nossas letras, um despertar significativo do espirito metaphysico, que vem com o arruibo e a eloquencia da propria legitimidade. Bastaria citar Jackson de Figueiredo e, agora, Renato Almeida.

Que importa a censura e a ironia dos que, por esta ou por aquella causa, não comprehendem ou não sentem a angustia dos chamados problemas do absoluto? Quando falamos em "ansia metaphysica" não proferimos vãs palavras sem conteúdo logico: exprimimos o que constatamos e verificamos em nosso espirito, fatalidade organica que poderá servir a alimentar-nos a vaidade de alguns instantes, por a julgarmos signal de superioridade mas que, no fim de contas, muito mais nos dóe e amargura.

O livro de Renato Almeida não é apenas um indice de nossa capacidade philosophica. Pelo que resume ou transmite de interpretações alheias e pelo que dá de interpretação propria da tragedia de Goethe, poderá ser fecundo elemento de cultura intellectual no Brasil e factor de desenvolvimento de nossa visão critico-artistica.

Contudo, o thezouro de erudição que o pensador nos apresenta e o facto mesmo de haver escolhido o *Fausto* para pretexto de sua divagação metaphysica (no melhor sentido da expressão), dão-lhe ao complexo trabalho caracter demasiedamente literario, em prejuizo do sabôr de sentimento profundo e limpido que poderia ter. Em paginas de simples confissão de pensamento, ressaltariam mais ao vivo a individualidade do philosopho e o matiz particular de suas crenças e convicções.

Não resta duvida, porem, que ha neste livro uma attitude espiritual grave e seria, commovente e respeitavel. Renato Almeida é uma consciencia que se contempla em seu proprio mysterio e sentiu realmente o problema do ser em toda a sua profundidade. A solução a que chegou poderá estar em desacordo com o espirito da época, scientificista e sceptico, se é que já não entrámos definitivamente em novo periodo de renascimento das crenças vivas do homem; mas será sempre a solução das almas verdadeiramente profundas, das que sentem taes problemas, não como simples curiosidade mental, mas como soffrimento, como dôr aguda e subtil interessando a propria vitalidade interior.

"Aprendamos com *Fausto*", diz o pensador no capitulo final da obra. "que só a fé redime, mas que a acção constante é o meio de obtê-la. Guardemos intacta a

consciencia, mas deixemos a orgia da razão, onde a agua se transforma em vinho..."

Dos espiritos novos e verdadeiramente significativos no mundo do pensamento philosophico, Renato Almeida é, em nosso paiz, o segundo que assim se insurgiu contra os excessos do racionalismo, — desse mesmo racionalismo de que Farias Brito, em contradicção com seu irreprimivel impulso intimo, fizera o fundamento de sua admiravel philosophia. Precedeu-o Jackson de Figueiredo, que nessa propria tendencia anti-racionalista encontrou o caminho que o levaria definitivamente á Igreja Catholica. Penso que tal tendencia propende a se universalizar na hora que passa. Delirio scientificista e delirio de racionalismo, irmãos gêmeos ou talvez dois nomes numa mesma cousa, chegaram ao fastigio, e declinam. O homem volta a comprehender que, de certo ponto em diante, a logica é o grande entrave da intelligencia, porque, instrumento feito para applicações limitadissimas, pretendem usal-o na medida integral do ser e sua significação. Dá-se com ella o mesmo que com a sciencia classica em relação ao mundo material, a serem verdadeiras as assombrosas concepções einsteinianas do universo.

E' radical, neste sentido, a attitude de Renato Almeida. "A razão, o sentimento e o instincto", diz elle, "disputam-se como o meio mais perfeito de penetrar no supremo conhecimento, o qual permanece inacessivel aos elementos de verificação, que temos como realidade. O limite ultimo só nos pode dar a fé, manifestação derradeira e suprema da psyche humana." Assim, o joven philosopho propõe como solução suprema a redempção pela fé. Redempção de nossa duvida, de nossa insufficiencia intellectual, da amargura de querermos saber encarada como condicção necessaria de nosso espirito. Fóra desta solução, só persistirá no homem a tortura do desejo, "levando-o a beber avidamente as taças que a sciencia a philosophia, a arte, os sentidos lhe offerecem, as quaes, porém, longe da des-sedentar, mais laguçam a vontade cruel", para empregar expressões do pensador. E', pois, absoluta a sua negação relativamente á completa efficacia da razão, do sentimento e do instincto como instrumentos para a medida do infinito.

Das expressões affirmativas e commovidas do escriptor resalta, ás vezes, em doloroso accento, não obstante o refugio sereno que encontrou na fé, a angustia que lhe valeu a constatação desta verdade. Ha um verdadeira calefrio espiritual nestas palavras: "Belleza, sabedoria, bondade, ou o conjunto de tudo quanto suspeitamos ser a perfeição, o que caracteriza esse além é ser inatingivel e o que caracteriza nossa miseria é essa certeza, talvez a unica restante sobre a terra."

No *Fausto* de Goethe, Renato Almeida vê, como outros exegetas da formidavel tragedia, o symbolo mais grandioso do homem amargurado e torturado pelas ansias do proprio pensamento. "*Fausto* — são palavras suas — é uma das mais extraordinarias mascaras humanas que jamais o genio modelou; tem alguma cousa dessa totalidade que o Poeta fez divina, respira o infinito e contem nosso destino. Goethe lhe deu um fulgor eterno e collocou-o a uma altura tal que resiste a todas as systematizações philosophicas e moraes; póde ser a forma de todas as cogitações. Como nos grandes symbolos da humanidade, nelle se espe-lham todas as inquietações dos que soffrem pela razão e dos que querem alcançar a verdade." *Fausto* "é o drama inexoravel da intelligencia deante do universo mudo e ameaçador."

Justifica-se, assim, embora não se destrua a observação feita antes a este respeito, o haver o pensador escolhido para vehiculo de seu pensamento philosophico a forma de commentario, que admiravelmente desenvolve em torno do poema immortal. A exaltação de gozo artistico que recebera do *Fausto*, congregou-se viva e intimamente a sua angustia espiritual em face do problema de vida. *Fausto* revelou-lhe, talvez, mais claramente o seu proprio mundo interior.

A obra que dahi resultou é uma pagina que nos dignifica perante nossos propios olhos. Se os soffrimentos supremos da alma são o mais legitimo titulo de nobreza espiritual, a nós brasileiros não mais nos poderão negar, diante de documentos como os representados por este livro, a attitude de espirito compativel com esta era de esplendor maravilhoso da mentalidade humana.

(Do livro *Egreja Silenciosa*.)

PROFESSOR MARTINANCHE

Em transitio para Buenos Ayres, onde inaugurará o Instituto Francez, passou por esta Capital, o illustre professor Ernest Martinanche, da Sorbonna, director da "*Revue de l'Amérique Latine*". O notavel escriptor foi recebido nesta Capital por varios intellectuaes, tendo vindo á terra em companhia dos Srs. Graça Aranha, Rodrigo Octavio e Afranio Peixoto, e assistido á recepção que o Sr. Elysio de Carvalho offereceu em sua residencia, a que compareceram varios academicos, escriptores, artistas e pessoas da sociedade. O Sr. Graça Aranha offeceu-lhe um jantar intimo, em que tomaram parte varios

homens de letras, que acompanharam depois o illustre professor á bordo do "*Lutetia*". Em seu regresso da capital argentina o professor Martinanche representará o Governo francez no Congresso de Historia da America, a realizar-se nesta capital. S. Ex., é em Paris o presidente do Aggrupamento para o intercambio intellectual entre a França e o Brasil, utilissima e louvavel instituição, á qual se deve o inicio das conferencias levadas a effeito pelos Drs. Oliveira Lima, Arrojado Lisboa, Rodrigo Octavio, sobre o grande movimento de idéas do nosso paiz.

OS NEGROS NA AMERICA

ANTES DA ESCRAVIDÃO

POR
JOÃO DO NORTE

Geralmente se pensa que a raça negra somente tomou pé nas terras americanas importada da Africa, quando a necessidade de braços nos incipientes estabelecimentos colonias obrigou o homem branco a ir comprar ou capturar escravos nos sertões da Guiné, do Congo e de Moçambique. Entretanto, parece hoje em dia scientificamente admittido que, antes da chegada de Colombo a Guahanihi, já existiam relações, embora esporádicas e talvez mais devidas ao acaso do que a outras razões, entre a America e o continente lybico.

Sem precisar recorrer ao que relata o chronista arabe Edrisi, a respeito de viagens dos arabes da Mauritania através o oceano Atlantico e das aventuras dos irmãos Almagurinos, que estiveram nas terras colombianas, encontram-se em outras fontes authenticos documentos a respeito das relações entre a Africa e a America.

Façamos notar, entre parenthesis, que relações entre o Velho e o Novo Mundo, effectuadas por phenicios, bascos, judeus, gallezes, venezianos, dieppezes, escandinavos, devem ter certamente existido, porque nunca se apagaram nos mythos antigos, nas tradições medievas e nas sagas runicas. Mas nós só nos occupamos das ligações lybico-americanas. no sentido de demonstrar a existencia da raça negra no nosso continente, antes da chegada dos espanhões.

Jean Benoit Scherer, pensionista do Rei e empregado no Ministerio de Negocios Extrangeiros da França, que viveu na Russia como juriscônsulto do Collegio Imperial de Justiça, escreveu uma obra curiosa sob a epigraphe "Recherches historiques et géographiques sur le Nouveau Monde". Possuo o exemplar que pertenceu a Eduardo Prado, editado em Paris, chez Brunet, no anno de 1777. Esse interessante escriptor dedica o capitulo V do seu volume a apontar as conformidades de costumes entre os indigenas americanos das margens do Atlantico e os da Africa occidental, entre cujas linguas estabelece tambem muitos pontos de contacto. Após um sem numero de confrontos verdadeiramente dignos de nota, affirma o seguinte:

"Il resulteroit de toutes ces observations que l'Amérique Septentrionale a été peuplée par le Nord de l'Asie; et les isles de l'Amérique Méridionale, par l'Asie Méridionale, de même que le Pérou; tandis que le Brésil et le Chili, dont les langues ont un caractère absolument différent des langues de l'Amérique Septentrionale, auront pu se peupler par l'Afrique Occidentale."

Sem esposar *in totum* essa ousada affirmativa, podemos, no entanto, assegurar estribados em bons autores que existiram traços de união entre a Africa e a America pré-colombiana, tanto assim que os exploradores do novo continente nelle encontraram populações absolutamente de origem lybica.

Esta é a opinião franca do grande historiador mexicano Orozco y Berra, na sua formidável obra "Historia antigua y de la conquista de Mexico", quando trata do deus Ixtliltón e dos sóes cosmogonicos dos indios de Anahuac. A pagina 444 do segundo volume da obra citada, elle repisa o assumpto e traz á baila a erudita palavra do Sr. Rafinesque, citado pelo autor dos "Antiquités Américaines", o celebre sabio Alexandre de Humboldt. Esse Sr. Rafinesque provou numa memoria apresentada á Sociedade de Geo-

graphia de Paris o estabelecimento de nações negras na America, anteriormente ao descobrimento, especialmente com quadros comparativos das similitudes linguisticas entre tribus americanas e os pretos da Africa e da Polynesia. Segundo o autor dessa memoria, eram as seguintes as gentes de raça negra existentes outr'ora na quarta parte do mundo:

Os antiquissimos *Caracoles* da ilha de Haiti, que os naturaes do lugar celebravam nos seus cantos como animaes horriveis e dos quaes falam Roman e Martur. Os *californians* das ilhas Caribes, que Rochefort e Herrera denominam negros, ou *gubánis*, no dialecto local. Os *Arquabos* citados no livro de Cutara e que Garcia nas "Origenes de los indios del Nuevo Mundo" menciona como pretos. Os negros de Baleigh, *Aroras* ou *Yaruras*, habitantes das margens do Orenoco, appellidados *macacos* pelos povos vizinhos. Os hotentotes da Guyana ou *Chaymas*, que Humboldt profundamente estudou. As tribus escuras do Brasil, de cabellos encarapinhados, a que se referiram Vespucio e Pigaffeta, que o sabio Nierhoff rotula como *Manjipas* e *Porcigis*, e o ethnographo Knivet, como *Motayas*. Os *Nigritas* do isthmo de Darien, tambem chamados *Chuanos*, *Guanos*, ou *Chinos*, negros cor de cobre a que se refere o padre Martyr e que Mollien observou. Os pretos de Stevenson, os *Manabis* de Popayan. Os *Guabos*, *Jaras* ou *Zambos* de Honduras. Os *Enslens* ou *Esteros* da Nova California, cuja cor, diz Langsdorff, é profundamente desagradavel. Os *moon-eyed* (olhos de lua) e os *Olbinos* do Panamá, a que se reporta a obra de Bardon. Emfim, os pretos que Hernando de Soto encontrou na invasão da Luiziania.

Rafinesque acrescenta, textualmente:

"Entre essas nações, a lingua Yarura tem cincoenta por cento de affinidade com a Gauno, quarenta por cento com o Aschanti ou Fanty da Guiné, quasi trinta e tres por cento com as linguas de Fulah, Bornú e Congo, na Africa. Na Asia tem uma relação de trinta e nove por cento com os negros Samang e de quarenta por cento com os de Andanan, assim como com as dos negros da Australia e Nova Hollanda."

Orozco y Berra faz notar a proposito que essas tribus não são mescladas do negro e indio, formados após a conquista. Ellas existiam antes do Colombo. Elle cita estas palavras conclusentes de Herrera, chronista da viagem de Colombo em 1498:

"...lo que decian los indios de la Española que habian ido á ella, de la parte del S. y del S. E., gente negra que traía los hierros de las azaguayas de un metal que llamaban *guanin*..."

Na sua "Historia de las Indias", Gomara escreve isto, no capitulo LXII:

"Entró Balboa en Quareop, no halló pan, ni oro, que lo habian alzado antes de pelear; empero halló algunos esclavos negros del señor. Preguntó de donde los habian, y no le supieron decir ó entender, más de que habia hombres de aquel color cerca de alli, con quienes tenian guerra muy ordinaria. Estos fueron los primeros negros que se vieron en Indias..."

Orozco y Berra fórma ao lado de Scherer, apoando a opinião de que houve, por mar, communicações entre os povos africanos e americanos. Em auxilio dessas affirmações, podemos citar

ainda o erudito Paul Gaffarel, no seu maravilhoso livro "Rapports de l'Amérique et de l'Ancien Continent avant Colomb", edição de Thorin, Paris, 1869. Elle acha possiveis essas communicações, embora não inteiramente provadas, e cita o encontro de Balboa, referido na obra de Gomara.

Documentando-se em Gumilla e Quatrefages, Gaffarel acrescenta á pagina 205 da obra citada:

"...constatait aussi leur presence sur les bords de l'Orénoque au commencement du XVIII siècle. C'étaient encore des Africains que ces négres de Saint-Vincent trouvés par les premiers colons, en lutte avec les Caraibes et ces Yamassés de la Floride, au teint presque noir, qui monsurait plutôt que de se commettre aux lois des Creeks; de même ces Charazanis du Pérou, qui se distinguent des autres tribus voisines avec lesquelles ils évitent de s'allier, et se sont aussi garantis de tout melange avec les races blanche ou rouge. Le type negre n'était donc pas étranger á l'Amérique, avant l'arrivée des Espagnols. Seulement tout porte á croire que ces peuplades n'aborderent jamais ce continent dans l'intention de le conquérir ou d'y faire du commerce."

A esse respeito a opinião eminente de De Quatrefages, no seu "Rapport sur le progrès de l'Anthropologie", se condensa neste periodo:

"Le petit nombre des populations se rattachant á ce type d'une maniere plus ou moins accusée, leur position constante non loin des points ou les courants marins d'Afrique ou d'Asie rencontrent les rivages américains et y apportent les corps flottants, tout concourt á prouver que la race negre n'est arrivée sur le continent américain que par hasard et par voie de dissémination volontaire, avant l'époque ou les blancs l'y ont transportée comme esclave."

Uma das grandes provas das communicações entre os povos de raça africana e os indigenas do nosso continente se acha nos "folk-lore" de ambos. Como explicar similitudes desta ordem: Mboatá ou Mbat-tatá, transformado mais tarde em Boitatá, Baitatá e Batatão era chamado o fogo-fatuo pelo indio; Mboya chama-lhe o negro. (V pag. 19 de "Anthologie Nègre", de B. Cendrars, edition "La Sirene", 1921). A simples leitura do que ha no nosso "folk-lore", provindo do elemento indigena, e conjunctamente, a do que das lendas, cantos e tradições africanas dizem Cendrars, op. cit., René Basset nos "Contes populaires d'Afrique", Zeltner nos "Contes du Senegal et du Niger", R. G. Trilles nos "Contes et legendes Fan" e Moritex nos "Contes Soudanais", demonstrará quasi absolutamente a nossa these.

"AMERICA BRASILEIRA"

Chamamos a attenção de nossos agentes que ainda não liquidaram suas contas com esta Revista, conforme M em circular lhes solicitamos, o obsequio de o fazerem o mais breve possivel. O mesmo pedimos quanto as contas referentes ao livro "Brava Gente".

A MINGUA DE IDÉAL

Na nova phase em que entra o mundo, depois da grande guerra, como em um abismo insondável, diante do qual todos tremem e se horrorizam, é justo que o problema social brasileiro não menos se esboce grave e inquietante, sobretudo tratando-se de um paiz novo, cheio, todavia, de vícios de adaptação e soffrendo ainda de poderosa desorganização de suas forças dispersas, á mercê de ambições e experiencias. Todos sentimos que, no momento que corre, é que se ha de resolver o problema essencial do Brasil e, posto um fundo de optimismo consolador nos anime, receiamos a perspectiva ignorada, que nos levará ou não, ao triumpho. Mas, a ampulheta do tempo não estanca seu fio de areia, e é mister, mais do que o temor, a acção, a energia, a vontade do poder, para usar a synthetica expressão de Nietzsche, que resume toda a ansia do homem para vencer e dominar. O Brazil não pode permanecer a afirmar que está á beira do classico abysmo, e se consolar com o auxilio da Providencia, que o assiste. Carecemos de acção e nessa vontade se consolidem todas as energias de nossa terra.

Mas a acção não é mais do que uma manifestação de vontade e a vontade supõe o que nos falta, mais radicalmente, a fé. O Brazil anda contaminado por um profundo e doentio scepticismo, uma enorme descrença envolve todas as nossas idéas e aspirações e, com um motojo de espirito, pretendemos destruir, e não raro conseguimos enfraquecer, pelo menos, as iniciativas mais proveitosas, os empreendimentos mais ousados. Ou porque tememos excessivamente, ou porque nos falte coragem, o que existe é uma ausencia de fé, em todas as suas manifestações creadoras. Fé religiosa, porque sem ella os povos se abatem e enfraquecem, como communhões sem disciplina moral; fé civica, porque só assim crearemos uma patria grande e vigorosa; fé individual, porque o cidadão que descrê de si proprio, difficilmente realizará uma obra aproveitavel; enfim, fé brasileira, porque a nossa terra prodigiosa merece que se acredite em seu futuro, em sua grandeza, em suas possibilidades.

Quando Bilac clamou, em S. Paulo, pela mingua de idéal, de que se resentia a mocidade brasileira, lançava a semente fecunda dessa campanha, que não pode enfraquecer, pelo despertar das energias nacionaes. E tudo é uma questão de fé. Um povo sem fé, decêe e desaparece; é o exemplo da historia, é o exemplo dos nossos dias. Qual o motivo por que o imperio austro-hungaro, com um poderoso e municado exercito, não conseguiu, na guerra, igualar a energia germanica? Porque, explica o testemunho insuspeito de von Hindenburg, faltava-lhe estímulo, faltava-lhe fé na causa que defendia, cohesão nacional, e o ardor da luta era fugaz e inconstante. Enquanto o allemão e o francez, por exemplo, se batiam como leões, cheios de fé e de idéal, conseguindo assombros de passar o mundo, o austriaco, ou o turco, lutavam mollemente, denunciando a decadencia e a derrocada de seus imperios. Porque a Allemanha vencida não desapareceu, e sua civilização curada do morbus militarista, ha de continuar a illuminar o mundo com a mesma grandeza de antes.

E o Brazil, moço e vigoroso, não pôde continuar na mesma attitudo de descrença e indiferencia, em que estiolará seu caracter. O problema brasileiro não está em restabelecer nossas finanças, nem remodelar nossos habitos politicos, tão degradantes, aliás, nem em organizar a agricultura, ou as industrias, nada

disso, posto tudo seja igualmente necessario. O essencial é crearmos uma escola de fé, em que se ensine a nossos filhos, e a nós mesmos, a acreditar, para agir, porque só um moral firme produz obra duradoura. Não basta que clamemos patriotismo em hymnos, discursos ou odes, mas precisamos que cada acto de cada brasileiro seja feito com confiança na sua efficacia, o que nos habituará a agir sempre bem, e o paiz cujo esforço singular de cada um de seus filhos é benefico, é uma grande patria. Que melhor exemplo do que os Estados Unidos, onde é minima a intervenção official e maximo o esforço individual? essa nação não tem, pelo valor proprio e intensivo de cada americano, creado o maior surto de civilização, em pouco mais de um seculo de independencia? e haverá paiz em que a confiança em si, a fé, a convicção seja apanagio de patriotismo mais decididos?

Entre nós, sabemos todos, não fal-

tará o soldado para defender o paiz em caso de guerra, mas tem faltado o defensor em tempo de paz, nessa obra proveitosa de abelha, em que cada homem lança uma pedra e só se admira o esplendor do monumento. Todos nós queremos fazer a decoração do edificio, mas falta quem vá construir os alicerces... E pedra, cimento e picareta são os elementos pesados de toda grande obra, para manejal-os precisa-se que haja disposição e coragem, cousas que só a fé impõe. O evangelho do Brazil deve ser um hymno de fé, principiando pela confiança em si e findando pela crença de sua missão civilisadora. Aprendamos um pouco de desinteresse e deixemos o commodismo languido, de que a nossa numerosissima burocracia é a triste prova, e, rejuvenescidos pela certeza de que podemos realizar um grande Brasil, lancemo-nos, cheios de fé, na obra formidavel, que temos, e havemos de construir.

EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES

DE RONALD DE GARVALHO

ESTE PERFUME...

Este perfume de lirios e framboezas é toda a infancia!
(murmuram os riachos, em que entramos os pés descalços,
as mãos avidas em busca das lagostas cor de limo;
voam as borboletas, zinem as cigarras, zumbem os bezouros)!

Este perfume...

(gemem os bambuás, sôa a buzina dos tropeiros,
espalha-se no ar o cheiro das tangerinas e dos cambucás;
passam caçadores com enfiadas de passarinhos...
como brilham teus olhos-de cobiça, teus olhos como brilham novamente!)

Este perfume...

(Não tocas mais os minuetos de Mozart!
Dize: quem apanha agora as lagostas cor de limo,
quem apanha as borboletas azues?...)
Este perfume de lirios e framboezas...

CHEIRO DE TERRA

Ha versos que são como um jardim depois da chuva.
Deixam em nós a sensação da agua cahindo,
cabindo em bolhas tremulas da ponta das folhas,
escorrendo da pelle macia das pétalas,
pingando no ar...

Versos que cheiram á terra molhada,
versos que são como um jardim depois da chuva...

JANEIRO

A sombra debaixo das arvores é quente;
Ha um desejo de agua nas folhagens
A terra é morna como o corpo de um passaro,
Como o corpo de um passaro, sob a plumagem lustrosa

Entre a chuva de oiro de uma acacia
Zihé, longa, longamente, uma cigarra

IMAGEM

A verdade é talvez um momento feliz
O teu momento mais feliz...

O PROBLEMA VITAL

POR LEMOS DE BRITO

Educação não é, a bem dizer, instrução. A instrução, porém, constitui o alicerce de uma sólida educação. Nenhum povo convenientemente educado pôde ser um povo sem instrução. Dahi a interdependencia de ambas, dahi a necessidade que existe de se cuidar ao mesmo tempo da educação e da instrução, populares.

O Brasil muito tem feito pela diffusão do ensino publico; elle se preocupou, entretanto, mais com o ensino secundario e com o superior do que com o ensino primario. Ora, houve um erro grave nessa orientação, erro de que já se accusava D. João VI quando, lançando os fundamentos do novo Imperio, creava escolas superiores e deixava o povo á mingua de escolas elementares.

A necessidade do ensino primario é de tal ordem que o Sr. Bazilio Telles, homem de responsabilidades no assumpto, ao se fundar o novo regimen em Portugal, aconselhou o fechamento de todos os estabelecimentos de instrução secundaria e superior, no proposito de concentrar-se todo o esforço governamental no combate ao analfabetismo, ainda assim em moldes os mais acanhados, constando o programma, até melhores dias, de ensinar-se a ler e a contar, com algumas noções de educação civica.

Eu seria incapaz de preconizar esse programma para o Brasil; digo, porém, entristecido, que o grau de cultura a que chegamos na materia propedeutica e nos cursos de medicina, engenharia e direito, constitue moldura por demais brilhante para a tela escura do analfabetismo nacional, que, apesar de todos os esforços dispendidos pela Republica, ainda orça por uns 85 % da nossa população.

O Brasil carece de escolas. Todos repetem esta verdade insophismavel. Não será, pois, no apontar o mal que estará a salvação, sim no organização de um plano vasto, cuja execução, vencidos uns tantos escrúpulos de ordem constitucional, ha de caber á União.

Um paiz que disputa um posto permanente ao lado da Inglaterra e da França, da Italia, dos Estados Unidos e do Japão, no Conselho Supremo das grandes potencias mundiaes; um paiz que se fez o "leader" da America Latina em Haya e em Versailles; um paiz que vê eleito por maioria absoluta de votos um de seus estadistas-juiz da Suprema Corte Internacional, não pôde continuar roído por esse cancro — o analfabetismo, e deve combatel-o por todos os meios imaginaveis e a despeito de todos os sacrificios.

Nós precisamos, — eu falarei aqui com João de Barros —, nós precisamos realizar uma democracia de acção e de factos, a primeira dia a dia mais intensa, os segundos dia a dia mais indestructiveis e mais claros.

Para realizar esta democracia devemos disseminar a instrução, sem a qual o povo não poderá comprehender, jamais, o que é patria, lei, autoridade.

Se, porém, somos um paiz com esse coefficiente de analfabetos, mais elevado que o de Portugal, que não excede de 67 %, maior ainda é a nossa deficiencia do ponto de vista da educação democratica. E dahi a verdade de que na escola, no lar, na imprensa, no livro, em toda parte, por meio de todos os orgams de

manifestações do pensamento, precisamos ensinar o respeito á liberdade, não como expressão vaga de inexpressivo theorismo, mas como um acervo de garantias e de direitos que blindam a personalidade humana, o culto da patria, nas suas tradições, nas suas glorias e conquistas, nos seus homens do passado e do presente, e, emfim, a solidariedade sem a qual a obra da civilização abortaria.

Temos tido diante dos olhos o Brasil rumuroso que se estende pelo litoral e em raros nucleos do interior, nas grandes cidades, nas villas prosperas. Isto, porém, é apenas a physionomia exterior do paiz, está longe de representalo na realidade de seu territorio e de suas populações. Estas, que somma por ahi fóra cerca de dezoito milhões, exceptuadas as de taes nucleos, vivem ainda á mingua de instrução rudimentar e de qualquer educação systematisada.

E' para ellas que precisamos olhar, salvando-as na saude e na alma. As gerações das cidades vão-se entregando já á educação physica; a dos nucleos do reconcavo e do sertão, não.

Doutro lado, o brasileiro continua alimentando um ideal de vida que, com excepções, felizmente dia a dia mais vultuosas, se limita aos horisontes da burocracia e do bacharelismo. Combatamos, aos humbraes do novo seculo, essa errada perspectiva da vida. Convençamos a nova geração de que mais valhe a sabedoria que um diploma, e de que a vida moderna garante mais o successo aos homens de competencia e de energia que aos doutores que se apegam ao rotulo de um diploma como chave da victoria.

Carecemos de reformar pela base o nosso conceito da sociedade e da vida. Fazer dos cargos publicos um posto de abnegação e de sacrificio, nunca sinecuras para o ganha-pão sem esforço e sem trabalho. Buscar nas iniciativas individuais o exito e a felicidade. Não exigir do poder publico senão aquillo que elle nos deve e nós pôde dar. Confiar em nós mesmos, nas nossas energias e valor, antes que na protecção e no amparo alheios. Amar nossa patria com desvello, servir-a com desinteresse, consideral-a a melhor de todas as patrias, não para o effeito da basofia e da fanfarronice, sim para a pratica de actos que a garantam, a melhorem, a exaltam e a fecundem.

A proposito, e para encerrar estas considerações, um facto historico, perpetuado numa epistola celebre do Conde d'Eu. O famoso Barão de Cotegipe, aconselhando um jovem candidato a ter antes de tudo uma profissão, lastimava-se de não haver recebido uma educação profissional, não sabendo o que deveria fazer algum dia se uma revolução victoriosa banisse a monarchia e o deixasse, pauperismo, de mãos crusadas e sem um rumo pratico na vida...

Oxalá que todos os brasileiros jovens repitam, ao menos uma vez, esta passagem do grande estadista do Imperio, e um dos maiores que o Brasil de todos os tempos já produziu. O Brasil não carece de numerar ás duzias filhos sabios; carece de que seus filhos sejam instruidos, educados e aptos a exercer na sociedade uma função activa e util, contribuindo, cooperando para o exito definitivo de sua patria.

OLIVEIRA VIANNA

O Sr. Oliveira Vianna deu, com os seus estudos, uma orientação nova á nossa anthropo-sociologia, marcando-lhe bases seguras e definitivas. Em paiz de cultura ainda muito livresca e imaginação fremente, onde os dados da experiencia são esquecidos ou fantasiados, ao sabor voluvel das predilecções, a obra de analyse e penetração que tem feito o illustre escriptor é uma affirmação rara e poderosa, muito para honrar o nosso espirito. O Sr. Oliveira Vianna, para explicar a nossa formação ethnica-social, procurou suas origens no contacto do homem com a terra, na tradição da familia brasileira, nos resultantes dos seus phenomenos economicos e sociaes, de sorte a poder fixar, com mão segura, o caracter da nossa gente. "As populações Meridionaes do Brasil", é esse primeiro esforço, magistralmente realizado, de maneira a deixar viva, na fundo obscuro de nossas tumultuosas origens, o clarão chammeante do espirito brasileiro, transformando-se numa crescente grandesa. Por sua obra perpassa a confiança firme nos destinos nacionaes atravez as vicissitudes de uma educação social precaria e de bases economicas frageis, e na ligação do homem á terra, na permanencia desse contacto salutar e carinhoso, deixa a solução de um dos mais serios problemas de nosso paiz, aquelle talvez de maior gravidade na transição do momento. O illustre escriptor tem sido obreiro fecundo desse esforço tenaz de levantar as bases de nossa ethno-sociologia, no que tem conseguido uma admiravel realização. Ainda agora, o seu novo livro "Pequenos estudos de Psychologia Social", representa uma analyse palpitante e energica de nossas forças, atravez dos problemas que estuda e das mascaras que fixa, com esclarecida visão. Não é o imaginoso ardente, que ponteia de oiro toda a nossa psyche, num deslumbramento magico e irreal nem o melancolico, a cujos olhos baços, o paiz apparece como um rebento tardio e esteril, sem forças para vencer. Reage, como todo homem de intelligencia, contra taes excessos, vindos do desconhecimento de nossas fontes sociaes, da ignorancia dos factores de nossa formação, e do erro no proprio juizo que de nós formamos. Dahi, e da mania nacional de copiar o estrangeiro, nessa importação de todos os seus moldes, procedem os nossos mais graves defeitos, porque só "de nós é que não copiamos nada." No prefacio dos "Pequenos Estudos" o Sr. Oliveira Vianna nos mostra a finalidade da sua obra, nesses termos incisivos:

"Este livro, como as *Populações meridionaes do Brasil* e os outros em elaboração, inspiram-se num pensamento contrario a essa xenophilia exaggerada das nossas élites politicas e mentaes: o seu ponto de partida é a nossa gente, o nosso homem, a nossa terra, isto é, o quadro das realidades sociaes e naturaes, que nos cerca e em que vivemos. Esse ponto de partida é o unico ponto de partida sério de qualquer movimento nacionalista, que não queira ser apenas uma esteril logomachia apologetica de nós mesmos. O primeiro dever de um verdadeiro nacionalista é nacionalisar as suas idéas — e o melhor caminho para fazel-o é identificar-se, pela intelligencia, com o seu meio e a sua gente. Esse "Brasil maior" que é o motte mais em voga entre os nossos nacionalistas militantes, ou é uma palavra vã, ou implica o conhecimento meticuloso e intimo do "Brasil menor", do Brasil actual — do Brasil, como elle é. Que augmentar e onde augmentar? eis a pergunta. Ora, só o estudo do nosso povo poderá dizel-o."

A BATALHA DO PASSO DO ROSARIO

RONALD DE CARVALHO

É ponto incontroverso, na historia de Portugal, terem os dirigentes do Reino manifestado frequentes vezes a vontade de assentar, na America do Sul, os alicerces de um vasto imperio, onde, sob a protecção da Coroa bragantina, viesse refflorir livre e desembaraçada de quaesquer empecos a velha raça lusitana. Os manejos de Espanha, as intrigas dos seus estadistas para se apoderarem de toda a península, ora pelo apparatus das armas, ora por via de promessas e concessões vantajosas, punham sempre de sobreaviso os politicos portuguezes. Refere o Sr. Alfredo Varela, em sua documentadissima obra — *Duas Grandes Intrigas*, — que, ao tempo da usurpação castelhana, e, na previsão do seu duradouro successo, já alvitara D. Pedro da Cunha a idéa de transferir o Governop ortuguez para o Brasil, onde, "em vez de ser o rei dos agua-deiros de Lisboa", poderia o monarcha fidelissimo "grangear o throno de um paiz magnifico", resguardado das ameaças e tropelias dos exercitos de Felipe. Sabe-se que a D. João IV offereceu a Hespanha, em troca da faixa peninsular, a posse e o dominio da America lusitana, ao que oppoz o Rei formal recusa. Mas, sem embargo de taes declarações ostensivas, declinara tanto o prestigio de Portugal e era tão pouco de ameaçar o peso das suas forças, cada vez mais enfraquecidas desde o seculo XVII, que o proprio D. João IV, consoante aos testemunhos que nos depara a mencionada publicação do Sr. Varela, lançára "as augustas vistas para o Brasil, afim de prevenir á sua familia uma retirada segura no caso em que algum successo adverso, que então muito se temia, necessitasse deste ultimo remedio".

Seguindo Portugal na alheia de Inglaterra, não é de admirar se visse, por mal de seu grado, e em respeito á fé jurada nos tratados, envolvido nas contentas accesas por sua poderosa aliada, e posto como joguete entre a França e Castella. Desguarnecido de homens destros nos mistéres guerreiros, embora audazes e de boa tempera, corroido pelos vicios de uma sociedade que em tudo imitava os destemperos da casa reinante, malbaratando em folguedos e funçanatas, em jotas e repastos succulentos o melhor das faculdades, drenando para os mesmos fins lascivos não só os haveres mas o caracter, nem o pulso voluntarioso e firme de Pombal conseguiu refrear-lhe o imperio da queda em que se despenhava. Morto o grande Marquez, sentiu Portugal agravarem-se os symptomas da molestia que, da mais luzida fidalguia ao mais desprezível populacho, ia quebrando a resistencia e o animo do povo. Foi rapido o minuto da realza de Pombal. Aquella energia de que deu provas, aquella inabalavel confiança que depositou em si mesmo, aquella rude varonilidade com que enfrentava e resolvia os mais arduos problemas, não eram coisa vulgar em seu tempo. O ouro das Minas Geraes, a prata e a pedraria das Indias até stando as arcas da metropole, contribuíram para amolhecer a fibra dos herdeiros dos Afonso Henrique e dos Gama.

Do sensualismo felino de D. João V ao materialismo grosseiro de Dom João VI, houve apenas a marcha progressiva de uma tara, accrescida certamente de outras enfermidades congenitas e pedres desordens de educação. Ora, pois, quando ao raiar do XIX seculo, Portugal deu accordo de si troavam na península os panhões de Bonaparte, e aquillo que per-

deram lustres consecutivos de indisciplina desvario e incontinencia não recuperaria, por sem duvida, um surto de improvisação patriótica. Ia realizar-se dessarte, e ainda por mercê das armas, a previsão de D. Pedro da Cunha. A casa de Bragança deixava o continente europeu em demanda da America.

Não arrefecera de todo no espirito dos portuguezes a ambição de alargar as conquistas já feitas no novo mundo. Concorria para isso não só o desejo de augmentar a immensa área dos territorios ganhos ao selvicola, mas, tambem, o tradicional sentimento de rivalidade que sempre animou os lusos contra os seus vizinhos. A historia dessas lutas continuas que, travadas na península, vinham repercutir nas remotas regiões sul americanas, é um dos capitulos mais curiosos da nossa formação. Em livro recente, onde estuda as causas da campanha da Cisplatina, mostra o illustre General Tasso Fragoso, com abundancia de testemunhos e copiosa critica, ter sido o elemento militar factor preponderante na genese da nacionalidade brasileira. Emquanto, nas mesas das conferencias internacionais, discutiam os embaixadores e assignavam os representantes das Corôas de Portugal e Castella accórdos e convenções de feitura espeçiosa, decidiam-se aqui os negocios das respectivas colonias pela destreza dos braços e pela iniciativa dos capitães destemerosos. Determinando o impulso das bandeiras profundas penetrações no continente, o que fixava a letra morta dos convenios, iam os desfazendo, pouco e pouco, impellidos pelas necessidades oriundas das proprias condições da nossa existencia. As raias do nosso paiz não foram traçadas pelos diplomatas, se não pelos bandeirantes, pelos mineradores, agricultores e batedores de indios. O que aquelles fizeram foi homologia, com habilidade, o que estes conquistaram sem medir sacrificios.

Quando a comitiva de D. João para aqui se transportou, se noutras regiões da colonia estavam serenadas as questões lindieiras, continuava a Banda Oriental a ser a mesma fonte de intrigas e dissensões entre os povos do Brasil e da Argentina. Os colonizadores portuguezes sempre tiveram em mira levar até á foz do Prata os confins das terras por elles descobertas na costa do Atlantico. Nas doações de Capitánias já se fala na "bocca do rio da Prata", como linha divisoria extrema do Brasil. O primeiro passo para firmar os direitos de soberania sobre o territorio oriental, foi a fundação da Colonia do Sacramento, por Manoel Lobo, em 1680. Dehi até ao mallogrado combate do Passo do Rosario, tornou-se o Uruguay pomo de discordia perene. Diversas vezes entraram em accórdo as côrtes da península iberica, propondo e assignando varios tratados, desde o de 7 de Maio de 1681 ao de 1 de Outubro de 1777, com o intuito de dirimirem definitivamente a pendencia. Mas, como observa sagazmente o General Tasso Fragoso, espelhando as nossas contendas as desavenças da Europa, foram inúteis todas aquellas tentativas de conciliação, pois, o que se concluia hoje, amanhã se rompia, ao sabor dos revezes ou dos successos felizes nos campos de batalha ou nos bastidores diplomaticos do velho continente.

Emquanto isso acontecia, sustentavamos com as armas nas mãos, por si só recontra, defendendo-nos de investidas dos governadores de Buenos Aires, a exemplo das arriadas de Pedro de Cebal-

los sobre o Rio Grande, em 1763, e de Juan José Salcedo de Vertiz, em 1773, sobre o rio Pardo. Ao revés dos planos lusos de penetração no sul, alimentavam os hespanhões da Argentina a esperanza de desbaratar os portuguezes nas coxilhas rio-grandenses, atirando-os para o norte, e cerceando-lhes, assim as possibilidades de attingirem elles o estuário do Prata. Contribuiu muito essa perigosa ameaça para que se povoassem os campos do sul e se levantassem fortins e villas onde fosse possivel receber o inimigo vantajosamente. Traça o Sr. Tasso Fragoso um magnifico estudo das tentativas feitas por ambos os contendores no sentido de se apossarem da banda Oriental. Resalta claramente, da sua critica minuciosa e imparcial, a impotencia de brasileiros e argentinos para se firmarem no Uruguay, subjugado muitas vezes pela força, e sempre resistente ao dominio do invasor, alliando-se ora a uns e ora a outros, mas com o proposito manifesto de se libertar, afinal, quer das insinuações do Rio de Janeiro, quer das promessas de Buenos Aires.

Depois do incalculavel dislate que praticaram os dirigentes do Rio, fundando a Colonia do Sacramento e consintindo, ao mesmo tempo, que os hespanhões se estabelecessem em Montevideo, não era de espantar perdessemos irremediavelmente a banda Oriental. Tudo conspirava contra os designios da côrte bragantina, em relação ao Prata. Os governos que alli se improvisaram seriam fatalmente ephemeros, porquanto, apartados como estavam da capital da colonia, sem maiores recursos, desprovidos de soldados e material necessario á manutenção do seu poderio, rodeados de inimigos teimosos, não lhes era facil conservar intacto o prestigio da autoridade. Eis por que, máo grado das nossas intervenções nos negocios do Estado Oriental, das tropas que para lá enviamos, de todo o dinheiro gasto no custeio de varias occupações inconsistentes, nunca obtivemos um real triumpho. A batalha do Passo do Rosario, ou de Itusaingo, como lhe preferem chamar os argentinos, foi apenas o ponto final de uma série de medidas infelizes, de mallogrados enredos, de ambições mal sustentadas, já pelos nossos homens, já pelos de Buenos Aires. Barbacena e Alvear, nas suas marchas e contra-marchas, nos seus avanços e recuos, nas suas dubias attitudes, encarnavam perfeitamente as indecisões da politica internacional do Brasil e da Argentina. Defendia aquelle os interesses de um principe afouto e imprudente, a cujas mãos soffregas viera ter o espinhoso legado das machinações de D. Rodrigo de Souza Coutinho e D. Carlota Joaquina; representava este as tramas subteis de um caudilhismo ambioso e audaz.

Quer de um quer de outro lado, não estava em jogo uma causa justa. Não foi o povo brasileiro que se levantou para arrebatara a autonomia do Uruguay, pois, se em verdade dependesse dahi a salvação e garantia da patria, poderíamos varrer facilmente da margem esquerda do Prata todos os contingentes argentinos ou orientaes que se encontrassem porventura em nosso caminho. Eramos superiores em tudo aos nossos inimigos de então, em riqueza, em abundancia de homens e munições, em preparo tecnico e militar. Desfrutavamos a consideração das potencias estrangeiras e mantinhamos indisputavel hegemonia na America Latina. Sustentavamos, porém, uma

GUERRA JUNQUEIRO

guerra antipathica, em que não estava empenhado o renome da nação, e contra a qual se erguiam vozes autorizadas no proprio Parlamento do paiz. Vem em apoio desta insophismavel these, as declarações do Deputado Silva Maia, em 1826, quando, referindo-se á falla do throno, assim se exprimiu: "Se tomarmos o rio da Prata ao sul por ser uma divisa natural e bem visivel, então, pela mesma razão, deveriamos tomar por divisa, ao norte, o Amazonas, o que seria em grande prejuizo das possessões que temos para lá desse rio. Mas assim como não devemos perder o que de certo nos pertence, não devemos querer o que pertence aos vizinhos, estendendo-nos até ao Prata. Não faltemos ás regras e principios da justiça." Assim, muito embora militassem em nosso favor certos pretextos de ordem geographica e historica, eram despidiendos todos os precedentes que intentassemos invocar, em vista dos erros seculares commettidos pelos reinões e da sua incapacidade manifesta nos negocios do Prata.

Lança mão desse ponderoso argumento o autor eminente da "Batalha do Passo do Rosario", para demonstrar, á saciedade, que, não havendo um ideal superior que dirigisse os officiaes e soldados brasileiros, não puderam estes pelear com amor, posto lhes não minguasse o infemerato character revelado no correr da pugna. "A causa principal do nosso revez, escreve o General Tasso Fragoso, foram os factores moraes." Viram frustrados, por igual, os nossos inimigos, os planos com que procuravam assegurar o tão debatido Vice-Reinado do Prata. Depois que se retirou do Passo do Rosario o exercito de Barbacena, as tropas de Alvear, ou por desidia, ou por impossibilidade material, não puderam transformar em victoria decisiva o inopinado successo de Itusaingo. Perderam contacto com o grosso das nossas armas, limitando-se a frouxos assaltos diversivos, carecentes de importancia, e demonstrativos da má fé ou ignorancia daquelles que á semelhança de Baldrich, encarecem demasiado a estrategia do commandante em chefe dos corpos argentinos. O que ficou á prova, ao contrario disso, foi que, em toda a campanha da Cisplatina, não houve uma só inspiração genial, mas exclusivamente a canhestra applicação de expedientes e recursos suggeridos pelo momento ou pelas condições da luta.

Não foi em vão, contudo, que perdemos nessa guerra porfiada oito mil dos nossos compatriotas e quarenta e oito mil contos de réis. Nasceu da Convenção de 27 de Agosto de 1828 um paiz soberano, a quem prestaríamos ainda varias vezes o concurso desinteressado das nossas forças em defesa da sua integridade. Moralmente, ao menos, estavamos victoriosos, pois obrigamos a Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata a se desfazer aos territorios uruguayos, então sob a sua tutela. A obra do General Tasso Fragoso, cujos passos de maior relevo capitulo nesta breve noticia, não vale sómente como testemunho de pura doutrina militar, se não que se recommenda mui particularmente por uma profunda intuição da historia, da formação sociologica e do desenvolvimento politico do nosso paiz. Oxalá procurassemos sempre clarear, desvendare e analysar assim, com essa mesma agudeza e lealdade, os nossos desastres e desatinos. Não lhes dõam as mãos a quantos, imitando áquelle distincto escriptor militar, castigarem os nossos erros e apontarem, ajudados da serena razão, os verdadeiros caminhos que nos cumpre trilhar. Esses mostrarão que a historia não é mera collectanea de factos, simples materia que a nossa imaginação vai colorindo e animando, mas uma disciplina de vida, um manancial sempre renovado de experiencia e observação.

Caligraphada em pergaminho, a Academia Brasileira de Letras enviou ao poeta portuguez Guerra Junqueiro essa mensagem, convidando-o a visitar o Brasil, por occasião da commemoração do Centenario.

"Rio de Janeiro, 11 de Abril de 1922.
— Sr. Guerra Junqueiro.

Quando nos chegou a noticia de que haviéis sido indicado, por vossa Patria, para a representardes, entre nós, como seu embaixador intellectual, por occasião das festas do Centenario da nossa Independencia, já esta Academia, da qual sois membro, por voto unanime de todos os seus titulares, havia resolvido convidarvos, como seu hospede, prestando nas homenagens que vos tributasse um justo preito ao estro maior, e verdadeiramente representativo, da Poesia Portugueza contemporanea.

Escusaste-vos, por motivos intimos, á missão; nem por isto, entretanto, a Academia desiste do seu proposito manifestado em votos entusiasticos.

O amor radica-vos á terra patria e, naturalmente, recusai-vos a partir pelo receio que tendes de que o vosso coração não suporte a nostalgia.

Sabindo das vossas plagas não vos apartareis senão do sólo, o mais tereis sempre presente nos sentidos e, ainda, do espaço que percorredes, não de vos surgir á mente as glorias do Passado.

Sulcareis os mares cortados, pela primeira vez, em monção de ventura, pelas prôas altas dos galeões manuelinos. Vereis os astros que alumiam os navegadores na grande viagem mysteriosa.

Contemplareis, á luz de ouro do nosso sol, a terra moça e linda que se levantou das ondas vestida de selvas verdes e que foi festivamente sagrada, baptisada, esforçadamente desbravada, prodigamente semeada, heroicamente defendida pelos pescadores de mundos, gente sabida, ao clangôr de tubas, dos vossos campos, dos vossos montes e cidades, e ouvireis, contente, o som da Patria, que é o idioma um tanto quanto abrandado pela languidez das nossas vozes, instrumentos de alma.

Achareis no altar a mesma Crença, na Historia feitos de vossos bravos, nos lares os mesmos costumes vossos, a mesma tradição nos contos, o mesmo amor nas almas.

Mudareis apenas de casa — a familia será a mesma. E aqui, entre nós, sob o toldo da nossa bandeira, com a qual vos acenamos, sereis como o genio lyrico de Portugal em visita de amor á terra do Brasil. E recebido no ádyto onde se conserva o fogo sagrado da nossa nacionalidade, lume que a nossa Alma retirou do altar onde flammejam os Lusíadas e rebrilham os fulgores da mystica e ainda relumam os clarões das nevas chammias como as que aclaram a obra de Hercula-

no, corruscam intensamente nos brasidos de Camillo e scintillam nas tripodes de Eça de Queiroz e Fialho, vereis que a lingua é estimada com devoção pelos que nella procuram crear Bellezas como as que tendes realizado, mantendo-a á altura a que a elevaram os mestres.

Entre nós, onde sois amado e admirado, não andareis como estrangeiro, senão como da Familia, e a Poesia vinda comvosco das searas e dos olivães confraternizará com a Poesia juvenil das florestas virgens.

A Academia Brasileira espera a vossa resposta para transmittil-a ao Brasil. — Carlos de Laet, Presidente; Ataulpho de Paiva, Secretario Geral; J. M. Goulart de Andrade, 1.º Secretario; Aloysio de Castro, 2.º Secretario; Alberto Faria, Thesoureiro e Coelho Netto, (relator)."

Acompanha a mensagem o seguinte officio:

"Rio de Janeiro, 20 de Maio de 1922.
— Exmo. Sr. Guerra Junqueiro.

Foi de verdadeiro, completo e intenso jubilo o momento em que o illustre Sr. Coelho Netto, no meio de uma das nossas recentes lucubrações academicas, e provido do alto e merecido prestigio da sua palavra, do seu saber e da sua sinceridade, alçou-se em pé para propôr fosse V. Ex. convidado a vir ao nosso paiz, como hospede da Academia Brasileira, por occasião dos actos festivos da independencia nacional, recebendo então as homenagens que ella ambiciona consagrar ao maravilhoso poeta de estro immortal, egregia e incontroversa figura da gloriosa intellectualidade lusitana.

Todos juntos a uma voz e num admiravel movimento de adhesão incondicional, significaram o desejo ardente, o voto discreto e sincero para que em realidade se convertesse o nosso intento francamente harmonico, o qual, uma vez revelado, para logo animados proselytos teve e sem conta em todas as espheras, onde culminam a cultura e a civilização do Brasil pensante.

Maior transpareceu ainda a galhardia, quando o Sr. Coelho Netto, numa formosa effusão de confraternidade litteraria, aquiesceu em acceitar a incumbencia que lhe disputava a Academia unanime, qual a de formular e redigir a mensagem que, reverente, ousou enviar a V. Ex., e onde a cada passo e em cada vocabulo palpita, no maximo grão de excellencia, a alma robusta e integra do laureado prosador brasileiro, e em sua unidade suprema e ideal se estampa o mais perfeito significado das nossas aspirações communs.

Pela sua valia cordial e pela sua estimacão fraterna, esse documento da nossa admiracão ao cantor magistral, descolrido seria, emtanto, em sua forma e essencia, se accaso, alguém, sem animo forte para resistir ás ousadias reprovadas, tentasse, ainda que de leve explicar os seus termos ou traduzir o vigor com que foi elle sentido e elaborado.

Assim que, ao passar ás preciosas mãos de V. Ex. esse pergaminho symbolico e esmerado de segurarcas e sentir exactos, peço venia para ficar tão sómente na perpetua attitudo de muito respeito com que apresento a V. Ex. as expressões da minha viva e extrema veneração. — Ataulpho de Paiva, Secretario Geral.

EM VEZ DE VERSOS, BATATAS

DE

RAYMUNDO MORAES

A maioria dos escriptores brasileiros, dos mais finos e dos mais primorosos, tende para a mais burguezia das especialidades — a litteratura economica. Ha alguns annos já que eu venho observando a deserção franca e destemida dos cavalleiros do ideal das fileiras romanticas. Pelo milho e pelo arroz, pelo tabaco e pelo café, pelo bóde e pela cabra, pelo boi e pelo cavallo, os grandes artistas da prosa, considerados os principes encantados das mais contradictorias escolas, que iam do lyrismo ao nephelibatismo, do realismo ao symbolismo, deixaram as suas phantásias, as suas musas e os seus deuses. De Venus e de Cupido baixaram até Ceres e Pamonha. Em vez de Jupiter adoram Pan. E' um facto tangível, claro, real, inconfundível. O primeiro desertor de que eu tive noticia foi esse extraordinario Castro Menezes, das pisadas duras e das idéas puras, poeta fino e bizarro, jornalista elegante e completo, novelista simples e magnifico. Durante o tempo em que elle andou por aqui, como redactor e director da "Provincia do Pará", de Antonio Lemos, o festejado estylista vivia agarrado aos seus nobres sentimentos de fino lavrante da palavra, eleito de uma casta que caminha em busca da belleza como os peregrinos marchavam ao rumo de Méca. Se alguém, por pilheria, lhe pedisse, naquelles idos, para escrever sobre a problema alimenticio da laranja, da banana, do cará, em linha parallela com o feijão, a cebola e a mandioca, o autor dos "Jardins de Heloisa", teria, de certo, uma congestão cerebral. Naquelle alma candida e sonhadora tudo era espiritualizado, desde o trecho mais banal de uma noticia, até ao talhe curvelineo de seu fraque e a largura das abas do seu chapéo. Tempos depois Castro Menezes vae-se embora para o Rio. Sumiu-se do meu olhar, perdeu-se do meu convívio.

Um bello dia com uma carta sua, recebo um trabalho anonymo sobre a "Vacca Maninha". Registava esse folheto a primeira manifestação do animal em fóco nos campos, a sua influencia perniciososa nos rebanhos, a sedução desses lesbicos quadrupedes entre outras vaccas até então tidas por muito serias e respeitaveis. Frisava o estudo o juizo que semelhantes animaes despertaram no pensamento dos mais philosophicos novilhos e no meio paeato dos proprios fazendeiros. A vacca maninha recordava pela dissolução e pela escala que fazia a hetaira que fugiu de Lesbos para o esplendor e para o delirio das matronas de Athenas. Li bem aquillo.

Ainda continha, não havia duvida, um resquicio litterario nas referencias gregas, mas já era uma franca tendencia para as coisas positivas. Percebi francamente a parábola daquella intelligencia, que deixava os astros, as rosas e as mais queridas divindades para estudar um assumpto rasteiro, em que os chifres, os uberes, os couros e os cascos constituíam pontos de partida. Depois escreveu sobre o cavallo, sobre a egua, sobre o jumento, sobre a forragem, sobre a estrebaria. Eu, que conhecia aquelle talento, tinha sustos inexplicaveis. Um principe da litteratura perambulando sobre coisas sujas... Mas não ficou ahí. Certo dia sou sorprendido com outro largo folheto illustrado. Era um estudo completo sobre porcos, a mais perfeita monographia sobre a carne prohibida por Moysés. Desde o porco inglez ao porco mineiro, systema de engordar, a bolota como alimentação desse animal, espessura do toucinho, chispes, orelheira, presunto, tudo vinha explicado, confrontado, contrastado em diagrammas e tabellas. Fiquei varado, palavra! Como se degradára aquelle cerebro! Descia das maravilhas artisticas do seculo de Pericles, da philisophia de Pla-

tão, das guerras de Alexandre para a esterqueira do suino. Estive para desmaiar. Pois sabem o que succedeu depois? O Castro Menezes foi o secretario do Ministro da Agricultura e quando morreu era homem que não dependia de ninguém. Seguidamente a esse vi o Valente de Andrade dedicar-se também aos assumptos economicos. Não decorrerá muito tempo. Assis Chateaubriand atirava-se igualmente a essa litteratura. Começou analysando a cabra de Trib, o carneiro da Australia, o pato do Amazonas; dahi a mezes entrava gloriosamente no respeito publico e na consideração universal. Os banqueiros, os capitalistas, os fazendeiros, consultavam-no sobre emigração, sobre campinas e montanhas, sobre carreiras de navios, sobre pesca do bacalhão, sobre sardinhas em latas. E' hoje uma potencia. Esqueceu-se completamente da litteratura. — Verlaine e Baudelaire, Byron e Edgar Poe mal lhe figuram como sombras malignas de um pesadello que se apaga na memoria. Hugo, Shakspeare, Goethe, Dante, Camões, Cervantes são consultados de longe em longe sómente, isso mesmo quando ha um dado economico a tiralhes da philosophia e da arte. Mas eis que recebo hontem, pela mala do "Minas Geraes" um volume intitulado "Brasil, potencia mundial", de Elysio de Carvalho. Quasi caio das nuvens. O céos, até este? Toda a poesia que resumbrava da penna fidalga e esthetica do autor dos "Barbaros e Europeus", transformava-se no exame de possibilidades productivas e machinofactureiras. E' um inquerito sobre a

industria siderurgica no Brasil. Nada mais de Oscar Wilde, de paradoxos, de poesia, de maravilhas historicas, em que pese ao manes do Principe Mauricio de Nassau, com as suas cavallaricas de marmore, as suas montadas arabes, quando Pernambuco, no esplendor de uma civilização, possuia em cada porta das mais humildes habitações uma fechadura de prata; nada mais de sonho, de fantasia, de ficção. Elysio de Carvalho revolve agora as camadas geologicas da sua patria, perscruta as mais vivas dobras telluricas, os recantos mais perdidos das serras, afim de provar a existencia dos metaes no collo sagrado da terra. Os fornos, as usinas, os martelos, na faina cyclopica da siderurgia, repontam nas estatisticas, nas demonstrações metalurgicas em que se falla no carvão vegetal, na hulha branca, nas reservas florestaes, nas jazidas de ferro, nos arsenaes, nos estaleiros para chegar á demonstração do Brasil, como potencia. E' a litteratura economica que transvia mais este romeiro. Ninguém se illuda. Elysio de Carvalho, se não for a secretario do Ministerio da Agricultura, é porque será o proprio ministro. Eu, franqueza, dou razão. Este paiz ainda não lê bastante para sustentar ninguém litterariamente, através do verso e da prosa. Quem fizer um artigo fino, todo rendado, innocente como as pastoras, philosophico como as considerações do coveiro do "Hamlet", terá, quando muito, o elogio envenenado de meia duzia de amigos. Emquanto que o artigo sobre o oleo de carapato, sobre o couro do veado, ou sobre o capim gordura, interessa uma porção de sujeitos que valorizam essa litteratura. Olhem para o Enéas Pinheiro... Em vez de versos, batatas.

Belém, 21 de Abril de 1922.

D'ANNUNZIO E TCHITCHERINE

Se a capacidade de nosso espanto não devesse estar muito compromettida, sobretudo depois que um periodo de contradicções e incoherencias, pelos menos apparentes, entrou a dominar as acções humanas, havíamos, por certo, de nos encher de admiração deante deste telegramma, que nos trouxe, ha dias, a Havas:

"Procedente de Genova, chegou o Sr. Tchitcherine, commissario dos Negocios Estrangeiros do governo dos soviets, que aqui veio especialmente para saudar Gabriel D'Annunzio em nome do povo russo. O encontro realizou-se na propria residencia do poeta, onde o delegado russo se conservou até de manhã. Ao que consta, a entrevista, que foi extremamente cordial, versou sobre a revolução russa, sobre o funcionamento do regimen comunista, sobre a legislação militar e sobre o novo systema economico-social."

Ora, entre o poeta arditi, que vem dedicando sua acção energica e vibrante aos idéas ardentes de um grande patriotismo; que foi o paladino maravilhoso da entrada da Italia na guerra; que pelejou sempre, nos céos irredentos, a serviço da aviação real; que escreveu a pagina de um idealismo fremente, de Fiume; entre esse poeta, apostolo, soldado e conquistador e os "camaradas" de Moscou ha o mais sensível e intransponível abismo. D'Annunzio teria dito a Tchitcherine que a Patria é a carne e o sangue do homem, ligando-o á terra, irmanando-os aos que nasceram sob o mesmo céo, falando a mesma lingua e amando o mesmo amor. D'Annunzio lhe teria dito que sua glória era de soldado, imperialista pelo seu paiz, querendo dilatar-lhe as fronteiras, para conter a familia da mesma raça. D'An-

nunzio lhe teria dito que a Patria é a luz dos olhos, a alegria da communhão, o enlevo da paternidade. D'Annunzio lhe teria dito que o homem deve lutar pela Patria, porque bemaventurados são os que morrem no seu altar esplendente, porque se saciaram no ideal. Tudo isso e muito mais Gabriele D'Annunzio lhe teria dito numa emoção surpreendente de belleza. E Tchitcherine lhe teria replicado, de dentro de sua expressão minguada, que a Patria é, transitoriamente, uma forma geographica, que o homem é apenas homem, o servo do trabalho, ganhando o pão e, nivelado pela igualdade, sem forças para crescer e para vencer. Tchitcherine lhe teria contestado resolvendo a vida num jogo de valores economicos, cuja resultante o regime comunista encontrou no fundo de sua sabedoria. Teria respondido ainda que o estado burguez é um entrave á igualdade e que é preciso destruir, e com elle o individuo, reduzido á mola da machina do estado. E depois os dous se teriam calado. No silencio que passou, aquelles idealistas sentiriam talvez que mergulhando nas suas origens os nossos desejos e os nossos principios, só os trarão bellos se vierem molhados de sangue e de lagrimas, santificados pela dor. Nas obras e nas idéas daquelles homens a mesma fulguração chammeja, porque ambos querem elevar os seus irmãos: um pelo patriotismo que engrandece a terra, outro pela igualdade no trabalho, que nivelará as classes. E, se os seus olhos se encontraram, viram uma lagrima rolar, a lagrima amarga da desillusão, com que o sonho illude aos seus mais ardegos cavalleiros.

MAL DO SEculo

DE
ROMEU D'AVELLAR

(FRAGMENTO DE UM ROMANCE)

A vida de Roberto era sombria como uma janella sem horizonte que se agranda lá fóra...

Aborrido de remascar o seu tédio impenitente de moço pobre e bohemio, e já travendo ha um rosario de insipidas horas calcorriado quasi todas aquellas ruas do bairro onde morava ia para um anno — Roberto chegou em casa noite velha. Era na travessa S. Vicente de Paula, um becco de máo pizo, cheio de sombras pávidas por via das moles consideraveis dos vetustos casarões que muito subiam para o céu e como que absorviam egoisticamente a luz evanescente que dimanava dos astros longínquos. — A casa tinha o numero 49, um sobrado de esquina, de sensaborona architectura todo pintado de verde crú e corrido de janellas ao oitão.

Como não dormia em cima e recolhia-se invariavelmente fóra de horas, trazia consigo a chave grande do portão e entrava pelos fundos. Era um quarto miseravel o seu, uma especie de cafta, recuado para a retaguarda da escada da cozinha, muito exiguo, muito sem hygiene por ficar parede-meia com a privada. Uma cousa lamentavel! Dentro não era o pouso de um estudante pobre, antes a reclusão de um homisiado. O forro havia creado barriga com a humidade perenne que se infiltrava toda noite do banheiro em cima; e os ratos, mal crepusculava, eil-ós já a correr cavalhadas processionaes sobre a armação gasta, ensornando uma alluvião de terra, escura em todo o sentido do quarto. Veves sem conto Roberto acordou com muita terra na cara. Dormir, quem viu, em certas noites? Quando não os demonios dos roedores a chiar, a esfarinhar terra cá para baixo, as zimbradas da chuvarada militando por penetrar as duas claraboias, em congerie com o vento rouco e ruidoso como uma tosse hereditaria, que se embueirava pela abertura de cima e com desanda maior esbagoava as grossas bátegas sobre o pateo que ficava ao outro dia numa alagariça impossivel. Ademais era o frio navalhante que o inverno trazia áquelle reducto de triste, ou o calor de braza que emittiam aquellas quatro paredes no verão! Que na vida ás vezes o homem é perseguido em todos os sentidos como os gregos nos dez annos de Troya... E vá do destino esmurrar a creatura até á cova! Roberto se penetrava disto em tão arredia mansão, estreitado entre aquella ironia existencial. Porque o seu pouso era impossivel: — uma cama de lona já no fio e uma rede encardida como chumaço, amarrotada em trouxa, que lhe servia de cobertor ha quasi um anno; aos pés de uma rude mesinha, confeccionada com frageis taboas de caixão de kerozene, a sua mala de pintura já gasta e com os ferros encascados da ferrugem teimosa e consumidora; na parede, ao fundo, duas taboas de quarenta centimetros de largura por metro e meio de comprimento, intervaladas horizontalmente, á laia de estante, onde descansavam lugubrememente, em duas sequencias perfeitas, alguns livros de litteratura e sciencia em encadernações baratas. Por de cima da cama, no claro da cal, havia qualquer coisa escripta em letras desaprumadas, exquisitas como autographos celebres: — eram pensamentos subtis e pessimistas de Wertheimer, Rousseau, Hugo e Blasco Ibañez, sobre a mulher, a vida e Deus. Delle proprio, á margem dos outros, havia um

forte e medonho que lhe viera num dia escuro de tédio em que a Carmen, uma costureirinha viciosa do *Parc-Royal*, e de quem, de graça, esquentava os lençoes — amigara-se com um *chauffeur* e fóra desfrutar esta nova confluencia amorosa para Coqueiros... Das outras partes da parede grossos pregos batidos, e envoltos em jornal e cordão, dependuravam, como carne morta de talho, dois ternos usados de casimira escura, duas camisas, um sacco azul de roupa suja e um chapéo preto.

E era tão sómente isto a sua mobilia, a sua installação na vida!

Como os membros experimentassem um grande torpor da caminhada que fizera, Roberto, assim que se despiu não quiz ler — o que lhe era habito inveterado de toda noite; soprou o côto da véla e deitou-se amoixando-se nos pannos como um gato de estimação. Não tinha somno — vencio-o o cansaço. Aquella perlongada á toa pelas ruas o estafára até aos ossos... Abstracto, sem pensar em nada, como se houvesse mesmo per-

AMERICA BRASILEIRA

Por proposta do Sr. Ephygenio C. da Cunha, representante do Governo de Santa Catharina, o VII Congresso Nacional da Geographia, reunido na Parahyba, approvou uma mocção, "consignando um voto de louvor aos brilhantes intellectuaes patricios Elyσιο de Carvalho e Monteiro Lobato, pela orientação nacionalista que vêm dando á *America Brasileira* e á *Revista do Brasil*, de que são directores, estampando artigos sobre a nossa actualidade politica e serios estudos sobre o passado, o nosso presente e o nosso papel no futuro".

dido a materialidade, começou de vagar os olhos pela penumbra do quarto: subito, das bandeirolas da porta, discretamente, uma claridade ambarina derramou-se para o aposento, desenhando-se logo as duas sequencias de livros nas taboas; e então, as roupas, dependuradas ao alto da parede, cresceram, feias, como sombras de pesadelo. O quarto estava em meia-sombra sob a influencia da luz pallida que vinha de fóra. — Devia ser a lua passeando no céu... E os olhos, instinctivamente, convergiram-se para aquella abertura d'onde se destilava o pallôr suave do plenilunio. E ahí, elle pôde ver então uma nesga do firmamento onde a joia de uma estrella ardia incessantemente como um liliputiano e artificial vagalume colgado num fundo de seda azul. Largo tempo assim esteve, enamorando aquelle ponto de luz perdido, em evagações astronomicas, rememorando á revelia tudo o que lera sobre a vida hyperbolica dos astros nos livros curiosos de Flammarion.

Mas do quintal vizinho, após um bater surdo de azas pesadas, a garganta valente de um gallo rasgou o silencio conventual da noite. Roberto então se virou, na cama, passou o dorso da mão pelos olhos ardidos de insomnia e, sentindo-se só, no meio de tão abafada modestia, anonymo e esquecido como o ultimo dos homens, invejou os que pos-

suiam conforto e eram afestoadós pelo sorriso melhor que a vida tem. Iria assim até ao final? E ao outro dia completava vinte e dous annos e só vira uma nuvem negra parada sobre a sua existencia: o infortunio, talvez! Era como a arvore nova da serra fustigada por todos os ventos. Outros, até os velhos! libavam o que a vida tem de mais suave... O mundo embirra ás vezes com certas creaturas; e, por isso, para elle, a felicidade era um accidente, como uma furada no pé ou o tombo de uma arvore. Senão elle também seria feliz. Ah! que não fizera e impetrára afim de dulcificar a sua existencia! Desde muito novo que se inscrevera na grande batalha. Deixára o lar criança ainda, aos quinze annos, quando se não despertou dos sonhos alvoroçados dessa idade. Cedo então começára a conhecer tudo o que a vida possui de abandalhamentos e de cynismos. Intelligente, penetrando os homens com argucia, esteve sempre em guarda aos seus assaltos funestos de tigres. Na Bahia fóra revisor de um jornal chantagista; descia todos os dias á cidade baixa, a alma vasia, as botas já cambadas pelos attrictos nos alajões das ladeiras quasi ingremes. Fóra uma phase terrível aquella! Afinal para não receber nada, porque a empresa jornalistica fallira quatro mezes depois; peor: o director o ameaçára com uma grossa bengala por elle lhe apresentar um valie e exigir uma reparação no seu trabalho lesado. Trahindo os seus principios, porque ainda não havia aprendido a philosophia sabia de um Vautrin, constrangido, fóra obrigado a fugir alta noite da pensão em que morava ha cinco mezes sob palavra. Quando se principia assim vai-se longe. A vida lhe ensinára aquella evasiva. Elle aceitou-a incontinentemente, como um naufrago avançaria para uma taboa de salvagão, mas aí! com que revolta interior! E, pois, assim, veio rolando, como um rio sem álveo, de precipicio a precipicio... Um dia o Rio tentou-o como uma visão de sonho erotico. Visionou tanto a grande e viciosa cidade, que, na 2ª classe de um navio da *Costeira*, sentiu-se um aventureiro, um novo Robinson Crusoe, que iria affrontar o mundo com a sua mocidade e a sua audacia. Infelizmente, quando se é moço não acreditamos nos insuccessos. A vida! sabe-se lá! Tinha vindo para a casa de um irmão casado com uma viuva já quarentona, mulher irritante e difficil de entrar num accôrdo tacito até com o seu proprio Deus. Por isso elle, ao inverso inteiramente do que acariciava no espirito, não fóra recebido com sorrisos plenos na nova casa. O proprio irmão recebera-o friamente, cobardemente. Como aquillo, minou-o até ao fundo! O coração invadirase-lhe de pezar negro. A desillusão veio-lhe logo ao peito, humedecendo-lhe muitas vezes os olhos que não choravam. Nunca jámais, como as letras do alphabeto que aprendera a quando criança, pudera olvidar essa impressão dolorosa que ainda hoje se conservava inalteravel a um canto do seu cerebro... Quem esquece a ingratição? Os ingratos.

E foi assim que Roberto, ao saltar no Cães Pharoux, ainda attonito do jogo do mar, desorientado ante o aspecto formidavel e turbilhonante da luxuriosa capital do Brasil, teve um largo presentimento de que iria ser a sua vida ahí. O irmão, que o viera receber com má vontade, fez-lhe logo uma série de interrogações que lhe abalaram a sensibilidade;

PROFESSOR FEDOR KRAUSE

Encontra-se, entre nós, pela segunda vez o eminente cientista allemão Professor Fedor Krause, da Universidade de Berlim. Em sessão solemne, presidida pelo Ministro do Interior e assistida pelo Ministro Plenipotenciario allemão, Sr. G. Phehu, foi recebido pela Congregação da Faculdade de Medicina desta capital o illustre sabio, portador de mensagens das Universidades de Berlim, Tubingen, Halle, Leipzig, Edelberg, Jena, Bonn, Marburg e Rostock, contendo as saudações da sciencia allemã á cultura do nosso paiz, por intermedio da Universidade desta Capital.

Saudaram o Professor Krause o Director da Faculdade, Professor Aloysio de Castro e o Prof. Augusto Paulino, em nome da Congregação. Agradecendo, o sabio allemão proferiu um formoso discurso em que teve ensejo de se referir ao Fausto do nosso companheiro Renato Almeida, o que demonstra o seu interesse pela nossa vida intellectual. Transcrevemos do seu discurso as passagens seguintes:

"Agora é para mim muito agradável vos fazer a seguinte comunicação:

A confederação de todas as escolas superiores allemãs, assim como os conselhos de todas as Universidades, de todas as academias, das escolas superiores de engenharia, veterinaria, agricultura, minas, reunidas na "Verband der Deut-

schen Hochschulen", em portuguez: "A reunião das escolas superiores allemãs", deliberaram, numa moção commum e assignada por representantes de todas essas corporações, enviar as suas cordiaes felicitações á Universidade do Rio de Janeiro e a todas as outras escolas superiores brasileiras, por occasião das festas do Centenario. O original chegará em época opportuna, e serão enviadas cópias a todos os estabelecimentos scientificos brasileiros de ensino. A Universidade de Hamburgo foi encarregada de redigir a moção, de accordo com o Instituto Ibero-Americano da mesma cidade.

Hoje, tenho o immenso prazer de trazer á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro as mensagens que agora vos apresento com os votos de congratulação das primeiras Universidades e Faculdades de Medicina da Allemanha, primeiro da Universidade de Berlim — a que tenho a honra de pertencer. Esta mensagem traz as assignaturas do reitor, Professor Dr. Nerns, possuidor do ultimo premio Nobel, e de todos os membros do Senado da mesma Universidade. Trouxe tambem commigo a mensagem pela qual os 1.800 membros da "Berliner medizinischen Gerelochap", enviam as suas sinceras felicitações aos collegas do além-mar.

"E-me tambem muito grato ser o portador das saudações da juventude allemã aos dignos estudantes brasileiros..."

"Nenhuma sciencia é orientada mais no sentido internacional do que a sciencia medica.

As descobertas de um cientista, de qualquer paiz que elle seja, não somente serão beneficas para seu povo, mas para toda humanidade. Eu vos recordo a descoberta da anesthesia geral, a applicação do ether pelo cirurgião Jackson em Boston em mil oitocentos e quarenta e um, a do chloroformio pelo gynecologista Simpson em Edimburgo em mil oitocentos e quarenta e sete, a reforma na maneira de ver da pathologia por Morgani e Virchow, aos trabalhos fundamentaes de Pasteur, seus aperfeiçoamentos praticos por Joseph Lister, a luta contra as epidemias por Robert Koch, Ehrlich e Berhing, o combate ás molestias tropicaes por Oswaldo Cruz, Miguel Couto, Azevedo Sodré, Carlos Chagas e outros. Que abundancia de imaginação, que abundancia de trabalho, que abundancia de successo. E' que de todos os povos cultos sahiram estes paladinos da sciencia, e para todos os povos dedicaram os seus trabalhos!"

O notavel cientista tem realizado, na Faculdade de Medicina, varias conferencias, que se revestem do maximo interesse, já pelos assumptos versados, já pela capacidade do illustre sabio, figura das mais representativas na cultura medica da Allemanha.

O Professor Fedor Krause fez entrega ao Sr. Professor Aloysio de Castro do documento abaixo transcripto, firmado pelas principaes casas da industria chimico-pharmaceutica da Allemanha. Desejando participar da commemoração do Centenario da Independencia do Brasil, as referidas casas resolveram fazer á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro o valioso donativo de medicamentos allemães, no valor de muitos contos de réis. E' o seguinte o documento relativo á referida offerta: "Solemnizam neste anno os Estados Unidos do Brasil o centenario da independencia que deu motivo ao brilhante desenvolvimento que tomou esse paiz. Em consideração a este notavel acontecimento e como testemunho dos sentimentos amigaveis e das agradaveis relações que sempre ligaram e, como se espera, tambem no futuro ligarão os Estados Unidos do Brasil com a nação allemã, especialmente á industria chimico-pharmaceutica da Allemanha, tomam a liberdade de offerer a celeberrima Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro uma colleção dos principaes medicamentos, cuja lista se acha incluida nesta. Motivo de sincera alegria e extrema satisfação seria para as fabricas allemãs se estes medicamentos, repartidos entre os respectivos hospitaes, contribuisse para curar os enfermos cidadãos do paiz ou alliviar ao menos os seus soffrimentos. E' nesta intenção que pedem as casas abaixo assignadas queira a celebre Faculdade de Medicina aceitar esta modesta dadiva. E fazemos ardentes votos: A nobre Nação Brasileira Vivat, Crescat, Floreat!"

(A) Aktien Gesellschaft für Anilin-Fabrikation, C. F. Bohringer & Sohne, Leopold Cassella & Co., Chemische Fabrik auf Aktien, Chemische Fabrik Guntrow, Chemische Fabrik von Heyden, Farbwerke vorm Meister Lucius & Brüning, Farbenfabriken vorm Friedr. Bayer & Co., Kalle & C., E. Merck, I. D. Riedel, Vereinigte Chinin Fabriken, Zimmer & Co. A Faculdade de Medicina agradecerá opportunamente a valiosa dadiva que lhe acaba de ser feita e distribuirá pelos hospitaes desta cidade os medicamentos que lhe foram offerecidos.

e abandonou-o, pretextando um urgente negocio aquella hora avançada da tarde, e tão só orientando-o com o numero e a rua da sua residencia subscriptados ás pressas num cartão de visitas. Roberto estremeceu-se com o procedimento insolito do outro. Essa segunda lição que o mundo lhe deu foi como uma venda que se lhe arrancassem dos olhos: observou a vida como era por dentro. Infamias, torpezas, interesses. Mas como fôra sempre resolutivo nos seus actos, e ainda trazia no fundo do bolso coisa ahi para uns vinte mil réis, mettu-se num taxi, e mais a mala, e ordenou ao chauffeur tocasse para o endereço que lhe mostrara. O auto rodou macio pelo trottoir roulant do grande jardim da Praça Quinze e perdeu-se nas arterias estuantes da Babylonia carioca. Estava, alfim, dentro do paraíso sonhado, a cidade ruidosa das aventuras e das coisas impossiveis, tão falada lá fóra! Roberto sentira de cheio o choque da civilização. De cabeça tirada para fóra do toldo ia observando e lendo avidamente as placas das esquinas, os annuncijs dos camelots de riso cynico, os cartazes dos theatros e dos cinemas, a historia da vida ampliada na sua esphera civilizada. Viu a rua da Assembléa turbilhante como um boulevard pariziense, gozou ainda um lindo trecho da Avenida e subiu novamente pela mesma rua infinita e animada por um formigueiro humano. Que de coisas inusitadas não se aprendiam naquellas ruas com uma vida tão complexa? Balzac tinha razão quando disse que as ruas de Paris têm expressões humanas... Ia a psychologar, já se penetrando daquelle frisson intenso de civilização, quando o taxi parou num becco estreito como um corredor de cellas e calçado a alajões. — Era a travessa S. Vicente de Paula!

Agora estava allí, já suffocado da vida, arrastando uma existencia de suicida... Que de amarga desillusão, como tudo se desvanecera, se esfiapára como a

neblina que fumam os valles! E' sempre desastrada a morte de uma illusão.

Tudo forjava contra elle. A' noite os ratos derramavam-lhe terra sobre a cama, ou a agua da chuva penetrava-lhe pela clara-boia, estragando-lhe os livros e cortando-lhe o somno ao meio. Era um inferno aquillo! Entrementes, a sua miseria era ignorada de todos, por aquelle bairro que talvez resomnasse pesadamente, numa embriaguez feliz, da agitação fervente do dia... E o seu passado vinha, como um rio sereno e sem ondulações, espraiando-se suavemente pelo seu coração sensível como o de uma mulher. E era nessas horas doidas de arrependimento e maguada afflicção que elle visionava o Norte; e lá, no recanto solitario de uma cidade provinciana, entre velhas arvores generosas que davam sombras e conforto — a casa tão branca de seus paes, implantada dentre romanzeiras de flores escarlates, linda como um chromo, muito arejada, muito fresca, onde a alegria cantava na bocca das tres irmãs e os dias fugião arrematados por suaves brincos... Ahi, nessa mansão feliz, que perdera talvez para todo o sempre, elle tinha um quarto assejado, deitando janellas para um mundo de fruteiras e, o que mais era! o desvello santo da mãe que pelas noites mais longas de frio, quando o inverno roncava na terra, levantava-se para ir puxar-lhe o lençol e agasalhar-o melhor da friagem.

Via-se uma tarde chorando ao fundo da horta — morrerá-lhe a irmã. Isto como ia longe! Depois, a vida sua levára volta. Era isto!

E no fio das suas recordações, o peito cheio, a alma vasia, Roberto adormeceu profundamente, talvez a sonhar com a sua aldeia longinqua, a casa tão branca de seus paes, implantada entre romanzeiras de flores escarlates, linda como um chromo... longe, tão longe! e que talvez a perdera para sempre.

A COSTELA

POR
JORGE DE LIMA

Naquella tarde descera sobre o Jardim das delicias uma arájem morna do aroma das primeiras flores, que de sob as fraldas das idades, ainda nascituras, eram simples até a impudicicia, e sinjelas, como a alma das cousas primitivas.

Porque a natureza estivesse em modorra, e o hálito fecundo de Jeová pairasse sobre a terra, ainda em promessa de novas formas, quis a côrte do Predestinado glosar com as suas vozes bárbaras, com os seus eloquentes transportes mudos, um lino ás inefabilidades do Senhor.

Das luras e da obscuridade dos grotoes surgiram soffregos os seres minusculos e prolificos, cantando alto o côro dionisiaco da vida, rabeando-se no vôo, escorçados em arco, uns sobre os outros, azoando e enxameando os ares.

Atraídos pelo voluptuoso mistério da hora, coaxaram as primeiras rãs á beira humida e murmura das levadas.

O tiple elejiaco dos sapos respondia ao longe na clove de sol, e durante muito tempo, o ahoiado, os ruflos, as vozes roucas de uns, os trilos e os cristalinos apelos de outros, cruzaram-se no ar, alternando-se, permutando abandonos e renuncias.

O orfeão vibrou assim a escala maravilhosas das vocalizações amorosas.

Empós, atroaram as noites de clarim dos insectos namorados, os cicios dolentes das cigarras.

Chifrudos estercorários fungavam de grande anseio, sufocado, e agrediam, com bufidos raivosos, a obstipação intestinal das formas alentadas.

Os processionarios passeavam a sua numerosa projenie, fazendo valer com rigor a posição geométrica das hierarquias; e as esfinjes, que já as havia na terra, sob o desfarce dos lepidoterros, tentavam, num vôo arrastado e claudicante, desdobrar as asas densas de sombras.

Entretanto, porque escurecesse mais a grande lâmpada do sol, começaram a luzir, aqui e acolá, as luminescências esmeraldinas dos pirilampos.

As montanhas, silentes e espectrais, cresciam com o lusco-fusco, e os caminhos do paraíso terreal alongavam-se como gigantescas bôas, flexuosas e foscas, imobilizando-se na itnercadência das linhas rectas.

Duas gazelas biblicas, ardegas, ájeis, negaceando de ancas, retoçavam nas urzes.

Adão, pensativo, ateve-se á miral-a-interrogando-se.

Porque, nesta hora de anseios correspondidos, em que todos os seres se acolchetavam na sinevrose das caricias, interpellando-se com o metro de todas as sonoridades, a que até as brutas pedras acudiam, volvendo-se umas ás outras na voz imaterializada do éco, — porque somente ele não podia fazer côro dessas mornas correspondências instinctivas?

E pensando assim, eis que lobrigara dentre a velha caruma dos pinhais, o sobrecenho carregado de censuras de Jeová.

Era imensamente infeliz naquella fruticeto do Paraíso, onde o pusera hospedavelmente o Senhor, para que vivesse sem revoltas, sem dores, sem desassossegos.

Ansiava por alguma coisa indefinivel e fugitiva, mas não sabia integralizar e corporificar o que aspirava, nem penetrar a essência daquelle anseio incompreendido.

Não consta das santas escrituras do Pentateuco, nem tão pouco se pode asseverar que o Pai já então se preocupasse com os gestos equivocados dos outros seres

da criação, de que ele era o morgado, o senhor feudal.

Noite velha, o Santo Padre remoia na cachoia eterna as condições de uma boa mezinha, que fosse, por igual, remédio ás torturas de Adão e seu castigo.

Deus fizera estupiddarrões a todos os bichos da terra: mas dera ao Homem, para indemnizal-o das agruras da imparidade, um "tertium quid", que era o seu espirito, criado á sua imájem e semelhança, com o qual Adão praticaria os saberes da metafisica, antes de voltar ao Seu augusto seio, afim de que melhor o interpretasse.

Tais eram os ditames do Senhor, que Adão acolhia num gesto contrafeito, arregaçando a tromba platirrinica num: "Ora, dá-se!"

O tópo das montanhas mergulhava nas alturas estelares, donde baixavam sombras propicias á quietude do sono.

Os pirilampos revolteavam em idas e venidas ajitadas, descrevendo grandes circulos luminosos; e porque fossem ás miriades, e porque emudecessem sistros e élitros dos pequeninos seres que andavam de rojo na poeira dos caminhos esgraminhados do Paraíso, eles, santelmos alados, enchiam os ares ambientes, abobadados de verdura, da musica imperceptivel das suas asas.

Como se a côr tornara em som, pois aquella seolve neste e vice-versa, se confundem, se amalgaman na massa cinzenta de nossas construcções sensoriais: — vá desprender-se uma serena harmonia verde, tão verde e tão sonora, que era indistinctamente côr e era indistinctamente som...

Côr e som, nesse momento seriam a representação indefinivel, ritmica, colorida e sonora das grandes forças naturais que se atraíam.

Adão tinha entanto a hipocofose daquellas singulares sollicitações da natureza, que nós, seus cognatos, retivemos.

Conceovou Jeová, depois de muitas razões meditadas, os pulcros arcanjos ci-

atrigiões, estes mesmos que ainda hoje em dia, tão grande concorrência fazem á medicina, atendendo de somenos á congrua dos santos varões milagreiros.

Ordenou hissopes demonifugos, covilhete para o sarrabulho, lanceta afiada para o lanho, anestésico, ligaduras e o que mais uséiro e preciso fôsse nessas conjunturas do parturejar.

O resto seria da metaquimica do Senhor criador dos infusórios e outros bichinhos mais tementes de sua sabedoria, e de natureza menos obscena.

Quando abótoou no sono, — já madrugada, — Adão viu, tatalando as negras rémijes, descer do céu, como que atraídos pela carniça do seu pecado, uma révoa de abutres, que pareciam emerjir do ventre proceloso das nuvens.

Todos de uma vêz se abateram sobre ele, escarvando-lhe as entranhas com os bicos aduncos.

Sentia inermes os punhos, sob a pulseira de garras do pesadêlo.

Quis protestar, mas rejeitou pela bôca a sânie das visceras, que o esforço da revolta lhe revessava em vômitos azitumados.

Um daqueles cirurjiões, o mais agorado em audácias, lançou-lhe no rosto a mesma sórdida injúria; depois, trincoando-lhe no bico uma das costelas, em arrancos violentos de asas, procurava derradicar-a, cerce.

Desta costela teria feito Deus Nosso Senhor a Eva, companheira de Adão e sua cruz — "Vera donna in carne e in ossa colle sue giunture"

O povo anónimo e eterno dos protistas desse geito se reproduziria.

Com o amor, — "duo in carne una", — surjiu a Morte: — nesse particular devem de estar de acordo metafisicos, gnósticos e naturalistas.

(Da A Comedia dos Erros).

LUCILIA SIMÕES

E' uma suggestão profunda a arte de Lucilia Simões. Na sua mascara severa irradiam todas as nossas emoções e, pela voz e pelo gesto, communica-nos essa perenne e indefinivel ancia, através da qual se nos mostra a vida, transfigurada pelo rythmo, que procura a Perfeição. A sua sensibilidade é uma mysteriosa expressão creadora, que se renova e se modifica a cada instante, para nos dar o fundo perturbador de nosso espirito, que o theatro busca revelar, pelo tragico ou pelo comico, no desenrolar dos instantes sentidos no espectáculo da vida. Esse interior abstracto é a tortura do artista, sobretudo do interprete, que deve, pelo jogo expressivo apenas, dominar e suggerir, de sorte a não sacrificar a idéa do creador, reanimada pelo seu caracter. O artista, no theatro, não sente apenas, mas transmite pela suggestão o motivo revelado, impondo-o pela palavra, pelo gesto, pelo olhar. Lucilia Simões é a interprete admiravel desse jogo de paixões e sua arte é o esforço soberano do espirito para crear, commovendo pela emoção esthetica, o destino das cousas é o inspirador do seu temperamento, transformando ao tóme de sua sensibilidade todas as impressões que, pelo drama, buscam a solução de seus conflictos extranhos. Lucilia Simões nos dá esse vago

por sobre o tumulto humano, deixando em nós a certeza de que subsiste, mesmo nos fins mais imperiosos, alguma coisa que se perdeu, uma resonancia que ficou vibrando... Sua arte differente e inquietadora não nos impõe o drama, apenas insinua o estado d'alma que o, concebe, de sorte que possamos senti-lo em nós mesmo, do reflexo da emoção que se torna sentimento. Esse é o milagre da grande arte. Só quem não encerra o destino nos limites do momento passageiro, sente esse fluido indefinivel e eterno que domina a propria vida, no extase e no deslumbramento. Quando a artista consegue despertar em nós, venceu o destino, para se afirmar na criação, que o liberta.

E' do interprete estabelecer essa mysteriosa communhão esthetica, de que nos fala Graca Aranha, na qual "vive em tremenda realidade a existencia de outrem". A tremenda realidade é o rythmo de sua arte, cuja essência mysteriosa está na vida, e da qual se livra pela acção dramatica. E' uma profunda transfiguracão. Lucilia Simões vive essa realidade subjectiva, que nos eleva a uma mais intensa penetração da realidade, sentida em sua plenitude.

R. A.

A POPULAÇÃO DO BRASIL EM 1920

No desejo de attender a intensa curiosidade, que ha em todo o paiz, de conhecer os resultados do recenseamento geral da população realizado em Setembro de 1920, resolveu o Dr. Bulhões de Carvalho, Chefe da Directoria Geral de Estatística, apressar a divulgação dos algarismos censitários referentes ao numero de habitantes das capitães e de todos os municipios do Brasil, os quaes, em seguida, resumimos.

População geral 30.635.605

1 — Distribuição por Estados e territorio:

Territorio do Acre	Habitantes
Alagoas	92.379
Amazonas	978.748
Bahia	363.116
Districto Federal	3.334.465
Ceará	1.157.873
Espirito Santo	1.319.228
Goyaz	457.328
Maranhão	511.919
Matto Grosso	874.337
Minas Geraes	246.612
Pará	5.888.174
Parahyba	983.507
Paraná	961.106
Pernambuco	685.711
Piauí	2.154.835
Rio de Janeiro	609.003
Rio Grande do Norte	1.559.371
	537.135

Rio Grande do Sul	2.182.713
Santa Catharina	668.743
S. Paulo	4.592.188
Sergipe	477.064

2 — Distribuição por capitães:

Aracaju	37.440
Belém	236.402
Bello Horizonte	55.563
Curityba	78.986
Cuyabá	33.678
Florianopolis	41.338
Fortaleza	78.536
Goyaz	21.223
Maceio	74.166
Manáos	75.704
Natal	30.696
Nitheroy	86.238
Parahyba	52.990
Porto Alegre	179.263
Recife	238.843
S. Luiz	52.929
S. Paulo	579.033
S. Salvador	283.422
Therezina	57.500
Victoria	21.866

A população do Brasil, segundo o censo de 1920, é de 30.635.605 habitantes, ou 3,61 por kilometro quadrado, em relação á area de todo o territorio nacional. Esse coefficiente não é, porém, uniforme quanto ás diferentes regiões do paiz. Só na

Amazonia (Acre, Amazonas e Pará) se encontra a taxa reduzidissima de 0,45 habitantes por kilometro quadrado, se a mesma relação é apenas de 0,19 habitantes por kilometro quadrado, na região occidental formada pelos Estados do Amazonas e de Matto Grosso, outras zonas existem em que a densidade da população offerece coefficiente muito mais animadores, como acontece, por exemplo, em todo o nordeste (Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco e Alagoas), onde, apesar do flagello periodico das seccas, se verifica a taxa de 14,06 habitantes por kilometro quadrado, proporção só excedida em dois dos Estados meridionaes, favorecidos pela immigração estrangeira, — S. Paulo e Santa Catharina, — nos quaes a densidade territorial da população se eleva a 15,79 habitantes por kilometro quadrado, no primeiro e a 15,36 no segundo. Em numeros absolutos, continúa a ser Minas Geraes, cuja população é de 5.888.174 habitantes, o Estado mais populoso da Republica. Seguem-se: S. Paulo, com 4.592.188; Bahia, com 3.334.465; Rio Grande do Sul, com 2.182.713; Pernambuco, com 2.154.835; Rio de Janeiro, com 1.559.371 e Ceará, com 1.319.228. Dos Estados de menos de um milhão de habitantes, destacam-se: Alagoas, com 978.748 e Parahyba, com 961.106, — totaes correspondentes ás taxas de 16,73 e 12,86 habitantes por kilometro quadrado.

PAGINA DE UM ROMANCE NACIONAL

DE LOBÃO FILHO

Alli, naquella recanto virgiliano da terra das Alagóas, naquella mesmo torrão de provincia abençoada pela graça divina, Maio abria-se á luz clara de um céu escampo, re florindo esgalhado pelos arvoredos viçosos do arrabalde de Bebedouro. E a natureza bafejada pela temperatura amenisante daquella estação do anno, parecia vestir-se de flôres para esperar as bôdas da grande mater, antegozando a fecundação do fructo maravilhoso. Esvoaçavam os primeiros bandos de bem-te-vis vadios, numa gritaria esuziante e alacre.

A Lagôa Manguaba, em quietude de agua mansa, tremeluzia pelas espelhações dos raios solares que lhes acariciavam a superficie aluminea. Começavam a sahir do ancoradouro as canôas esguias e deslisantes, com as grandes velas triangulares, abertas e pandas pelo sopro do nordeste.

Escutava-se uma toada ao longe, cantada pelos pescadores pobres que seguiam rumo do littoral, a cata das carapebas e das cargas dos sururus, que pela abundancia promissora se constituíram no alimento primordial daquella gente bôa.

As jaqueiras da redondeza recendiam no perfume penetrante da seiva vigorosa.

E todo Bebedouro de então, regorgitava de contentamento, esperando a hora das compras matinaes, quando os pescadores retornavam das aguas buliçosas e salsas, que se quebravam de rôjo sobre as margens fervilhantes de aratús.

Era uma gente arrojada aquella, que sabia lutar desassombada com os remoinhos apavorantes do Calunga. Cada onda, espumejando no vae-e-vem da maré, lambendo a terra fôfa e lamaçal, infiltrava as suas aguas pelas fendas onde se defendiam os crustaceos precavidos.

O Manoel da Rufina, sentado em um tamborete na porta da quitanda da esquina, dava começo a palestra habitual. Gruparam-se em torno delle homens, mu-

lheres e meninos, que lhes escutavam as aventuras pandegas de caboclo intelligente e malandro, que se quedava alli com os companheiros, aguardando a chegada da pescaria.

De vez em vez, um molecote atarracado e obeso de pilarias, soltava a sua risada estridente e galhofeira.

Riam todos os assistentes num impulsivo fremito deslavado.

Nesse entremeio, despontaram as canôas da pescaria, entulhadas pelos mariscos abundantes.

Corriam de subito, bordejando o barco veleiro que chega.

Os canoeiros saltavam no ancoradouro, agarrados vigorosamente nos topêtes dianteiros das canôas, enquanto outros, no afan de ajudal-os na tarefa bemfazeja, rolavam os toros musgosos e escorregadios até a beira da lagôa, para de uma arrancada possível, atirarem cada prôa sobre as madeiras roliças, e empurrarem as embarcações de maré a terra, até sacudil-as fóra dagua.

Mulheres e meninos corriam de toda parte, dos quatro cantos daquella porto, carregados de cestas umas, outros de latas, numa confusão medonha, sacudidos pela curiosidade de vêr a pescaria e comprar o mantimento característico daquella zona.

Emquanto isto se passava na embocadura do arrabalde de Bebedouro, o Sebastião da Quitéria namorava a Maria, criada do Commendador Rangel, recostados no tóco de um coqueiro escamoso e bolorento.

Segredavam os beliscões levianos e sorraterios da noite passada no samba da Sociedade Flôr do Manacá, que ficava bem perto do banheiro do Coronel Theodorico.

O Sebastião andava apaixonado pela Maria desde o encontro que tiveram de uma feita no cotovelo de uma estrada que vae caminho certo da olaria.

A Maria era uma cabocla noviça e rosada, com olhares deslambidos e cabellos de bandó. Quando passava em meio dos conhecidos, advinhava-se nella um sorriso de adolescencia perigosa, desabrochando nos labios rubros e frescos que lhes ostentavam a dentadura perolada. As linhas curvas da Maria já se estavam accentuando precipitadamente, resaltando a sua carnação definida de mulher. Isso não escapara aos olhares ebriados do Sebastião que, sem se saber explicar, dera para ter umas tonturas, moitadas de insomnia, e até mesmo fraqueza nas pernas. Certa noite o Sebastião acordara nas horas da mais espessa treva, e se deixara ficar dentro da rêde, contando as ripas da telha vã e recordando certas phrases que a Maria lhe dissera, muito corada, mordendo a manga do vestido. E elle repetira instintivamente a doçura das palavras demoradas, daquelle segredo repassado de vergonha:

— Seu Sebastião, eu lhe amo.

— Qual, Maria, você está brincando commigo.

— Juro pela minha mãe, seu Sebastião, e boto a minha mão no fogo.

E num gesto explicativo a Maria juntara os dedos polegares em cruz, beijando tres vezes e respondendo:

— Tres cão, Caneca, se não é verdade o que digo.

O Sebastião despertara daquelle enleio como quem duvida de tanta felicidade.

Esfregava os olhos, e ria de contentamento, dentro da rêde, perguntando a si proprio:

— Sebastião, tu estás sonhando ou isto é verdade?!

Na manhã seguinte lá ia elle de volta ao ancoradouro, á espera de um novo encontro com a Maria, no tóco do coqueiro velho, assobiando uma valsa sentimental do professor Benedicto, musico de fama, e que andava em voga naquella tempo.

COMMENTARIOS

"America Brasileira"

Têm sido tantas e tão numerosas as manifestações de apoio e de applauso ao programma que a *America Brasileira* vem se esforçado para cumprir fielmente, que temos a mais absoluta certeza de corresponder nosso esforço a uma solicitação do espirito nacional, representando, ao mesmo tempo, forte contribuição á obra patriótica e cultural de nossa formação. As constantes demonstrações que temos recebido são tão eloquentes que servem bem como um incentivo admirável a proseguirmos no nosso roteiro, de critica e de analyse serenas das possibilidades do Brasil. Quizemos apenas ser uteis e verdadeiros. E temos sido, é o testemunho que recebemos diariamente. O banquete oferecido em Santos, ao nosso director, Sr. Elycio de Carvalho, foi um dos mais bellos applausos recebidos, representando a solidariedade de intellectuaes paulistas de grande destaque, que nos vieram trazer o sensível depoimento de seu patriotismo ardente, incentivando nosso trabalho. Ainda agora, uma commovedora prova de apoio acabamos de receber, partida de uma assembléa de homens cultos, e de grande responsabilidade, qual o VIII Congresso de Geographia, reunido na Parahyba. Por significativa unanimidade de votos, foi approvada a moção do Sr. Ephygenio C. da Cunha, delegado de Santa Catharina, consignando um voto de louvor ao nosso director pela orientação dada a esta revista, estampando artigos sobre a nossa actualidade politica e sérios estudos sobre o nosso passado, o nosso presente e o nosso papel no futuro. Transcrevemos o discurso com que o illustre congressista justificou sua moção, como uma homenagem ao seu alto espirito, bem como á assembléa illustre de que era conspicuo membro:

"Exmo. Sr. Presidente do VII Congresso de Geographia, Srs. congressistas: — Sejam as minhas primeiras palavras de saudação aos illustres membros desta douça Assembléa, cujos trabalhos venho acompanhando, pela leitura dos jornaes, com muita sympathia, tal o proveito resultante do acurado estudo de nossa geographia e de nossa historia, no tocante ao amanhã de nossa nacionalidade, que assim pelo pleno conhecimento de sua formação, e deste vastissimo legado de valores moraes que nos foi transmittido pelos nossos maiores, melhor tem assegurada, e em solidas bases, a sua continuidade no espaço e no tempo. Portador de credenciaes, para mim muito honrosas, do Governador de Santa Catharina, o Exmo. Sr. Raulino Horn, delegando-me poderes para representar aquella gloriosa e florescente unidade federativa neste certamen scientifico, compareço hoje, pela primeira vez, neste recinto, receoso pela consciencia de minha desvalia e maguado commigo mesmo por não haver cumprido pontualmente e com realce o mandato dignissimo que, tão generosamente, me fôra confiado. Excusame, porém, dessas faltas, os deveres decorrentes das funções que ora exerço, e o circulo estreito de conhecimentos que abrange as minhas possibilidades mentaes. O meu fraco concurso nada traria de proveitoso, em summa, aos debates aqui travados em torno de tão variados assumptos, mas o meu espirito obscuro muito lucraria deste momentaneo contacto com tantos eleitos da intelligencia e do saber. Encontrei-os, a contra gosto meu, no fim da jornada, mas felizmente quando palmilhámos o vasto e ubertoso campo dos conhecimentos humanos não

ha occaso, a luz da intelligencia é sempre intensa e forte até mesmo desvendando os arcanos da natureza, o saber concentra em tudo um halo de juventude, reina ainda hoje neste ambiente, saturado de boas idéas, a mesma concordia e satisfação dos primeiros dias consagrados a tão utilissima tarefa. Muitos dos presentes já disseram com proficiencia em erguidos conceitos, da finalidade de nossa missão, e a mim resta apenas contribuir com reduzido contingente para a victoria dessa magnifica cruzada nacionalista que comporta a grandeza e o futuro de nossa Patria — a maior das patrias, em cujo seio sempre se alimentaram os mais sublimes idéas da humanidade — o de liberdade e de justiça. Precisamos de sangue novo, dizem alguns, mas o nosso sangue é rico e generoso. Devemos cuidar de nossa gente, de sua saude phisica e espirital, tornando-a apta para as lutas compensadoras de todos os dias. E animado, assim, de semelhantes intuitos, apresento á consideração de meus pares a seguinte moção: Proponho que na acta de hoje de nossos trabalhos, nesta Assembléa, seja consignado um voto de louvor aos brilhantes intellectuaes patricios Elycio de Carvalho e Monteiro Lobato, pela orientação nacionalista que vêm dando á *America Brasileira* e á *Revista do Brasil*, de que são directores, estampando artigos sobre a nossa actualidade politica e sérios estudos sobre o nosso passado, o nosso presente e o nosso papel no futuro, e ainda mais pela campanha altamente patriótica que vêm mantendo o ultimo em sua revista contra a immigração nipponica, prejudicial sob todos os pontos de vista aos interesses do nosso paiz, e que esta deliberação, sendo approvada, seja comunicada officialmente áquelles compatriotas."

Toujours Lui...

Emquanto "La Prensa", de Buenos Aires, alarmando o continente, avisa-o de preparos militares do Brasil, insinuando intuitos bellicosos e aggressivos de nossa parte e aconselhando que as demais nações sul-americanas devem acompanhar esse "prurido militarista" brasileiro, o Sr. Estanislau Zeballos, afim de que o Ramo Argentino possa participar das festas do nosso Centenario, propoz e obteve que a Conferencia de Direito de Internacional, de Buenos Ayres se realizasse de 24 a 30 de Agosto. A noticia repercutio o mais favoravelmente na boa fé brasileira, "sempre avisada nunca prevenida", com o Padre Vieira já havia claramente visto. Para nosso mal, não podemos harmonisar attitudes tão diversas, de mesma fonte. Os votos de cordialidade pelo Brasil, vindos do Sr. Zeballos, não os podemos receber sem uma certa reserva, porquanto ainda não se apagaram de nossa memoria os acontecimentos do telegramma n. 9 e ainda hoje vemos, a todo momento, a hostilidade latente do ex-chanceller platino e de seu grande jornal. Recentemente, no artigo que publicou na "Revista de Derecho, Historia y Letras", o Sr. Zeballos, commentando o programma da "America Brasileira", procurou mostrar que creamos o "perigo argentino" e nessa "hypothese erronea", norteamos nossa politica internacional. Ora, se o Brasil é assim representado como um elemento de perturbação perenne da politica continental, não é bem comprehensível como lhe possa o Sr. Zeballos, cuja acção diplomatica e jornalística não tem sido de todo affectuosa para com o nosso paiz, ter tão sincero empenho em nos ser amavel... Ha-

porém, para muitos, intransigencia, se não malicia, em nossas reservas, logo attribuidas aos mais degradantes intuitos. Pouco importa que o Sr. Zeballos, em "La Prensa", affirme que queremos nos armar para "resolver" o caso da filha Martin Garcia; pouco importa que exagere os nossos preparativos militares que, solidamente, não passam de organização das nossas forças armadas, por meios semelhantes aos que os argentinos já fizeram; pouco importa que insinue intuitos aggressivos ao Brasil, desde que, por detrás de tudo isso, nos faça meia duzia de cumprimentos amáveis. Somos como certas mulheres faceiras que não se importam que se diga mal dellas, desde que seja para lhes reconhecer a belleza e a graça. Apenas, o Sr. Zeballos não deve star muito convencido dos nossos ademanos... Seja como fôr, os seus gabos é que não podem influir sobre o julgamento exacto das coisas e dos homens. Não acreditamos no Sr. Zeballos e no seu amor ao Brasil, não acreditamos em seus protestos de cordialidade, porque os factos mostram que o adversario do nosso paiz continúa a manter a mesma e inalteravel attitude, que dissimula, com intelligencia e uma certa habilidade. E' certo que não confundimos o sentimento argentino com os intuitos do Sr. Zeballos, embora não se possa ver muita sinceridade na politica de nossos vizinhos. Mas, a situação continental e as imperiosas razões historicas desviam muitas vezes as más intenções. Confiámos nellas, para esclarecer o espirito argentino, convencendo-o de que não procuramos, como jamais o fizemos em tempo algum, levar nossa politica a fins imperialistas e bellicosos, mas á grandeza de nosso paiz, num ambiente bemfazejo de paz e de cordialidade. Ademais, nunca empunhamos armas senão em defesa do direito e beneficio alheio. Queremos e aspiramos manter nossa condição de grande potencia, mas a nós nos basta nossa grandeza, sem olhos de cubiça.

Regime tributario

Um dos mais fortes motivos que justificam a necessidade imperiosa de revêr a Constituição Federal é estabelecer um regimen tributario, que consulte ás necessidades do paiz e esteja mais accorde com suas irremediaveis deficiencias financeiras. Pela organização presente, os impostos, onerando sobremaneira o contribuinte e entravando mesmo uma grande parte da economia nacional, não suprem as necessidades do Estado, por isso que não ha uma divisão razoavel, de accôrdo com a ordem politica de nosso mecanismo constitucional. Assim, a União, a que cabe os mais graves encargos da administração publica, tem um campo fiscal relativamente inferior aos dos Estados e dos municipios. Se esse principio é necessario corrigir, sem o que teremos comprometido todo o aparelhamento financeiro do paiz, não menos deve se attender á distribuição do imposto, evitando que continue a impedir o desenvolvimento do paiz. O Brasil tem de ouvir as suas maiores forças economicas na exportação, de onde recebe o ouro necessario ao equilibrio de sua existencia. Pois sobre essa exportação é que recahem os mais pesados impostos, na maior incoherencia concebível. E, no entretanto, essa tem sido a base de toda a vida economica dos nossos Estados, sugando assim as mais largas possibilidades da riqueza publica. Em alguns Estados, cogita-se de ir, aos poucos, reduzindo esse imposto, para substituí-lo pelo imposto territorial. Com ser mais logico,

não parece de grande alcance o remedio. Se o Brasil precisa, antes de tudo, de desenvolver a cultura de suas terras, que se alongam por kilometros e kilometros, na maioria sem produção alguma, a sua mais imperiosa necessidade está em facilitar o trabalho rural, favorecendo a agricultura e a criação. Taxar sobre a terra é, pois, dificultar ainda mais a nossa desorganizada vida do interior, deslocando, ainda mais, o homem da terra. E' erro e erro imperdoavel. Ademais, não ha muito beneficio da substituição, porque tanto faz taxar sobre a terra, onde se fez a cultura, como sobre a produção, no momento de sahir; de qualquer modo o productor é quem deve, mediata ou immediatamente, contribuir. E' certo que reforma de tal monta não é possível fazer de subito, sem desequilibrar o mecanismo administrativo dos nossos Estados, baseados nesses impostos indebitos. Para tanto seria mister iniciar, desde logo, uma outra politica fiscal, de sorte que fosse possível libertar, ao menos em parte, a nossa economia desse peso formidavel que a onera perpetuamente. Estamos a vêr a crise da industria de carnes no sul do paiz, porque são tantos os impostos que o producto estrangeiro vence a pauta alfandegaria e triumphna na concorrência com o nosso. Não é possível permanecer nessa expectativa incerta. Cabe a todos os homens de responsabilidade iniciar essa campanha salutar, que é uma das provas mais irrefutaveis da necessidade, já inadiavel, de revêr nossa carta politica de 1891.

O Saneamento

Os resultados constantes da mensagem do Presidente, no que se refere ao saneamento do paiz, systematizado pelo illustre professor Carlos Chagas, attestam a maior eficiencia do novo aparelho do Departamento de Saude Publica. A obra tentada, pela sua magnitude e pelas innumeras dificuldades que se lhe antolham, precisa, para a sua execução, desse curso leal e desinteressado de todos os homens de boa fé. Para nosso mal, é exactamente o que mais lhe falta. Por máo veso nosso, achamos sempre deficiente tudo quanto se faz no paiz; temos uma critica facil e displicente e sublinhamos, com um motejo, o esforço que não é logo realizado. Nessa obra de saneamento, ao invés de conjugarmos todos os esforços, auxiliando a acção do Departamento, levamos a querer desmoralizar, até pelo ridiculo, seu trabalho obstinado. Dahi, o enorme obstaculo á sua acção, redobrando o valor dos successos, que são legitimos e admiraveis. A prophylaxia rural, que já se organizou em 11 Estados, é um dos problemas mais sérios para preservar a nossa gente da gafeira desses sertões, onde a ankylostomiasse, o impaludismo, as verminoses e outros males que taes, consomem, numa fogueira perpetuamente accessa, as melhores energias da raça, dia a dia, debilitada e enfraquecida. O numero de postos, alguns fluviaes itinerantes, no Amazonas e no Pará, os hospitaes em via de construção e os já preparados, o numero de pessoas examinadas e medicadas, nos serviços de verminoses e impaludismo, e as obras prophylaticas realizadas, demonstram a grandeza do esforço tentado e o exito obliido. E' certo que tudo isso está longe, muito longe até, de representar o minimo do que deve ser esse serviço para se tornar efficaç, mas, levando em conta que data de um anno apenas, somos forçados a encarar com optimismo seu aparelhamento, nelle confiando decisiivamente. Tambem os serviços de prophylaxia das chamadas molestias sociaes: as doenças venereas, a syphilis, a lepra e o tuberculose, foram tentados com os mais auspiciosos resultados. Para o exito dessa campanha, é necessario, antes de tudo, educar o povo, fazendo ver a necessidade

de sujeitar-se á legislação sanitaria, na sua parte facultativa, preservando-se dos males e evitando contagiar os outros, de sorte que facilitem os cordões sanitarios. Porque, antes de tudo, é mister ensinar a todos que ha um interesse de salvação publica na hygiene, não só evitando as doenças, como defendendo a raça, do enfraquecimento, pelas taras hereditarias. Das obras sociaes, nenhuma é mais benemerita, preparando um indice hygido para o brasileiro, capaz de tornal-o apto para a grande obra de civilização a realizar. Póde ser que haja exagero na phrase celebre de Miguel Pereira — *o Brasil é um vasto hospital* — mas ninguém poderá contestar que um perigo constante ameaça desfibrar nossas energias, no impaludismo, na ankylostomiasse, na molestia de Chagas e em outros morbus que lavram pelo interior do paiz, definhando o homem, tolhendo-lhe a iniciativa, corrompendo-lhe o caracter. A campanha, que se seguiu ao grito amargurado de Miguel Pereira, só agora se substancia numa larga realização, digna de todos os louvores e de todos os incentivos. E' a campanha pelo homem, na luta contra o miasma. Certo os homens de ardente imaginação, para os quaes pisamos os lugares onde outr'ora o Senhor creou o Paraiso, consoante a opinião de Rocha Pitta, é um absurdo dizer que o interior do paiz é um ambiente de endemias, mas, para os homens de acção e de coragem, aos quaes não esmorece o perigo, a realidade não assombra, mas incentiva o animo para o trabalho, a pelega victoriosa. Esta está iniciada e oxalá o desanimo não alquebrante os seus mentores, que prestam ao Brasil o beneficio inestimavel de salvá-lo.

O Mexico no Centenario

A politica de cordialidade e affecto que o Mexico tem desenvolvido, ultimamente, para com o Brasil, já reflectida na elevação á embaixada de sua legação nesta capital, vai ter as mais eloquentes demonstrações, com a comemoração do nosso Centenario. São tantas e tão significativas as provas de amizade da valorosa Republica da America Septentrional, que a opinião nacional acolhe com ardente jubilo essa affectuosa manifestação, que encontra a mais entusiastica acolhida em seu espirito. O illustre embaixador Torre Diaz, que tem sido parte magna nessa approximação, e que se tem imposto em nosso paiz pelo seu elevado espirito e habilidade diplomatica e é hoje um grande e leal amigo do Brasil, entrevistado por um dos nossos jornaes, delineou o programma de representação mexicana no certamen de Setembro e nas festas civicas da grande comemoração. Não nos furtaremos ao prazer de transcrever alguns trechos de sua entrevista, bafejada da mais cordial sympathia pelo nosso paiz.

O Sr. embaixador falla-nos sobre a vinda das bandas de musica militares do seu paiz ao Brasil, em Setembro proximo.

Virá a banda do Estado-Maior Presidencial. Esta banda é dirigida pelo capitão Milchiades Campos, que foi condecorado em todas as cidades dos Estados Unidos que a milicia visitou, a convite dos seus habitantes. Nesta excursão triumphal, estiveram os musicos mexicanos em mais de vinte cidades norte-americanas, em dois annos de festas, exposições, etc., tendo sido ouvida, na cidade de Nova Orléans, pelo actual presidente Harding, poucos dias antes de sua posse.

O Sr. embaixador continuou: — No Mexico, as instituições das bandas militares estão muito adiantadas, porque o povo gosta muito de musica.

Na capital da Republica existem oito ou dez bandas militares de primeira ordem, sendo reputadas as melhores a do Estado-Maior e a da Policia. Cada domingo se effectuam concertos publicos,

nas praças e jardins, em todas as horas do dia. Os directores destas bandas escolhem os programmes, fazendo, pelos jornaes, a descrição das peças que vão executar, para que o povo comprehenda, e, praticam, desse modo, uma benéfica educação artistica no elemento popular. A orchestra typica, no Mexico, é a chamada Torreblanca, que tem o nome do artista que a dirige. Os seus musicos vestem um traje nacional, o "charro", com vistosos galões de ouro e prata. Executam, especialmente, peças de autores mexicanos.

Tanto a orchestra typica como a banda do Estado-Maior executam os mais difficeis autores da musica mexicana, como os mais faceis, os autores populares. Excusado é dizer que tambem executam peças de musica brasileira, átalhou, para logo, S. Ex., prevendo o successo que vai constituir a vinda das bandas do seu paiz.

Quanto ao elemento intellectual que o Mexico nos enviará, o Sr. embaixador assim se exprimio:

Vem como delegado ao Congresso de Historia da America, organizado pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o Dr. Juan de Dios Robledo, um dos mais distinctos historiographos mexicanos. Chefiando a representação especial diplomatica virá o Dr. Vasconcelos, ministro da Educação Publica e Bellas Artes, acompanhado pelo General Perez Treviño.

Tanto a banda como a orchestra typica e as duas companhias da Escola Militar, virão no navio de guerra mexicano "Nicolas Bravo".

Alludindo com entusiasmo á construção do pavilhão do Mexico, entregue á competencia tecnica do engenheiro Enrique Fremont, o Sr. embaixador diz com visível satisfação que o pavilhão mexicano tremulará no edificio construido, no dia 31 de Agosto, conforme declaração exacta do Dr. Fremont, a S. Ex.

Falámos, então, da estatua de Cuauhtemoc. O Sr. embaixador diz que já se iniciaram os trabalhos da escolha do local, no final da Avenida Flamengo, proximo ao morro da Viuva. A estatua, cuja fundição está sendo concluida, é a fiel reprodução da existente no parque "Reforma", da capital do seu paiz. Será em bronze, 4 metros e 90 de alto. O pedestal, em granito mexicano, medirá 7 metros e 5 de altura.

O Sr. embaixador declara-nos que o pavilhão mexicano vai ter uma sala de "Bibliotheca popular mexicana", e, antes que sahissemos, nos offertou gentilmente a *Anthologia dos novos poetas mexicanos* e o livro lyrial de Amado Nervo, *Serenadas*.

Por ocasião das festas do nosso Centenario, teremos o ensejo feliz de ver a posição de relevo, que temos adquirido na politica mundial, e demonstrações de affecto, como as do Mexico, nos enchem da mais effusiva alegria e sincera gratidão.

O egoismo intellectual e a dissolução da nacionalidade

Ha dias, numa palestra de intellectuaes, fez-se ligeira allusão á vida dos nossos homens de letras, ao isolamento em que vivem, cada um encerrado em seu gabinete, emparedado na torre de marfim da sua laboração intellectual, sem que seja dado a outro saber-lhe os projectos e as idéas. Não ha modalidade nova na existencia da Patria, problema inedito, aspiração despontante de grandeza, surto desabrochado de desenvolvimento material ou intellectual — que congreguem os nossos homens de letras, agitando-os contra os mãos administradores ou levando-os ao elogio dos melhores, que os reuna num estudo das necessidades brasileiras, procurando resolver todos os problemas da nacionalidade — o economico como o fi-

nanceiro, todos quantos veniam concorrer, se resolvidos, para a nossa vitalidade. Conjugados os esforços intellectuaes, activada uma propaganda em prol do que ainda não fizemos, afastados da nossa politica as incompetencias, dominando pela expressão de cultura e actividade a elite pensadora — dinamica das nacionalidades integras — um outro Brasil mais presto surgiria, grande e luminoso, no concerto das patrias fortes. Seriam, os intellectuaes, uma força propulsional, um elemento constructivo da raça, assim em bloco, como o já são, isoladamente, mas sem o poder que teriam unidos para a realização das mesmas idéas.

Somos dos que têm fé, dos que acreditam na grandeza cada vez mais proxima da America Brasileira, nada abatendo a nossa certeza civica. Mas uma patria não pôde viver sem as suas organizações mentaes, sem os seus escriptores que são o reflexo do seu pensamento e o aparelho aferidor da sua pujança, sem que assista á sua propria dissolução, o seu desmembramento. Nada justifica o egoismo em que vivem os nossos intellectuaes, pensando, para elles mesmos, como se a intelligencia não fosse um bem que Deus dá ao homem para que a semear, fazendo-a — semente divina — germinar e florescer candida na terra. Para a nossa existencia de nação joven não tem justificativa esse egoismo dos nossos homens de letras. Que os esforços e as idéas bons se unam, com o sentimento vivo da nacionalidade, e os nossos pensadores possam, ardendo no fogo do mesmo sonho patriótico, trabalhar pela nossa terra, illuminando os seus grandes destinos.

Empréstimos Estaduaes

Em sua recente mensagem ao Congresso, o Sr. Presidente da Republica observa, o perigo imminente a que estamos expostos por efeitos da faculdade concedida aos Estados de contrahirem empréstimos no estrangeiro. Diz ahí o Sr. Epitacio Pessoa: "Os Estados reclamam para si a faculdade de contrahir

empréstimos no estrangeiro, á revelia e sem nenhuma dependencia nos poderes federaes. Mas, intencionalmente, nem sempre se acautelam de modo que façam valer a sua autonomia tambem na época do vencimento, e esquecem que, quando os emprestadores appellam para a intervenção diplomatica, é ao Governo da União que esta se dirige, ao Governo da União que não tem meios regulares para compellir os Estados á satisfação de seus encargos, mas, que, entretanto, não ha de deixal-os entregues á ameaça ou á violencia de soberanias extranhas. Faz-se urgente venha um acto do Congresso impellido de operações nem sempre bem dirigidas e que, sobre concorrerem para o descredito dos Estados, provocam o descredito da Nação, que destes é a integração, e a arrastam a saldar responsabilidades que não assumiu." Ao se manifestar desta maneira, o actual Chefe de Estado se colloca no mesmo ponto de vista do pranteado Conselheiro Rodrigues Alves, que, em 1906, quando Presidente da Republica, assim se expressára sobre o assumpto, em mensagem dirigida ao Congresso: "E' de toda conveniencia que a União seja informada dos recursos que forem destinados á amortização de taes empréstimos, assim como si os Estados estão aparelhados para o pagamento das prestações no tempo proprio... Tem-se formado uma corrente contra essas idéas, que se dizem offensivas de uma attribuição conferida aos Estados e que já foi, em regimen de centralização, exercida pelas antigas provincias. E' mister não examinar, com exaggerado zelo, a natureza de uma função, cujo exercicio imprudente pôde comprometter o credito do paiz e obrigar a União, em dado momento, a encampar pesadas responsabilidades para fugir a complicações mais graves". No velho regimen, as provincias contrahiram alguns empréstimos, mas os Presidentes eram então delegados do poder central e agiam sempre de accôrdo com o seu pensamento. Sem supprimir essa attribuição, o que já se

fez em um dos paizes da America, por meio de reforma constitucional, em razao dos grandes inconvenientes reconhecidos, ha providencias para regular o seu exercicio, que um legislador sabio e prudente, tendo em justo apreço interesses ditos, tendo em ponderação, pôde e deve decretar com vantagem." Venios, deste modo, que vossos Chefes de Estado, e um dollos o valeroso estadista Rodrigues Alves, já se pronunciaram abertamente contra a grande loucura, solicitando ao Congresso que a procurasse reprimir. O Parlamento não deu attenção ao velho estadista morto, e certamente não acolherá com mais interesse a suggestão do Sr. Epitacio Pessoa. E' que a Camara e o Senado se constituem os mandatarios dos Governadores dos Estados, e para muitos desses Governadores a função de governar perderia toda a sua immensa sedução se lhes fosse tirada ou restringida a faculdade de levantar empréstimos. Temos, assim, que continuar sujeitos á grande vergonha, até que uma exigencia mais positiva de credores estrangeiros leve a Nação a reagir energicamente contra os administradores e politicos que a conduzem, dessa maneira, ao descredito e á humilhação. Porque as notas como a que o Governó Federal publicou recentemente, declarando que não aceita nenhuma responsabilidade, actual ou futura, de empréstimos contrahidos pelos Estados, serão de effeito quasi nulos para o fim de curar a inconsciencia dos nossos administradores. Não tendo contra si uma lei, estes não se deterão. Os capitalistas estrangeiros, por sua vez, sabem muito bem que de nada valem as notas presidenciaes não apoiadas em disposições legais. Essas notas lhes darão apenas a certeza de que vivemos em uma situação anarchica, em que a União não tem nenhuma força legal ou moral sobre os Estados. E, depois, como acreditar que o Governó Federal falla com sinceridade, quando elle é o primeiro a afundar-se, cada vez mais, na desastrosa politica financeira dos empréstimos externos?

NO SEIO DA PATRIA

Já estão na linda terra do Brasil, sob a infinita cupula pontilhada de astros de ouro — setim suavissimo com vivos de diamante — os restos mortaes do Barão de Santo Angelo, que durante muitos annos repousaram aliás no carinhoso regaço de uma terra irmã.

Vai Manoel de Araujo Porto Alegre receber agora as homenagens posthumas a que tem jús, por seus talentos singulares e pelos serviços que, como Consul em Vienna e Lisboa, prestou á patria.

Nossa encantadora cidade já ostenta em uma de suas praças o busto em bronze do notavel rio-grandense e é possível que um dia Rio Pardo, onde nasceu, lhe erija, no marmore sereno, a estatua gloriosa.

Este, sim, foi sem duvida um dos talentos mais complexos e creadores que já floresceram no seio da gente gaúcha.

Deus o encheu de preciosos dons, e Araujo Porto Alegre, entregando-se indefessamente ao estudo e ao cultivo das bellas-artes, soube tirar partido dos magníficos thesouros com que o céo o distinguira.

Depois de estudar na Academia de Bellas-Artes viajou. Frequentou os grandes mestres, os museus italianos e os de outros paizes.

Ao mesmo tempo recebia lições dos melhores mestres de então, lufando a principio com sérias difficuldades; depois, mais suavemente, graças a uma

subvenção concedida pelo Governó imperial.

Assim, foi Araujo Porto Alegre completando a sua cultura artistica e aperfeiçoando o seu engenho invulgar, que accentuava brilhantemente na pintura, na escultura e na architectura, artes em que realmente assás se distinguiu.

Foi tambem poeta, prosador e orador fluente.

Contemporaneo de Gonçalves Dias e Domingos Magalhães, não conseguiu honrar com estes poetas.

Em Portugal teria talvez se encontrado com Bocage, que tinha o plano de um poema sobre o descobrimento da America, precisamente com o titulo "Colombo".

A irrequieta bohemia e a vida irregular do poeta luso não lhe deram tempo para escrever a sonhada epopéa.

Mais tarde o vate brasileiro fel-a; mas que não nos fosse ella dada pelo poeta-bohemio, que primeiro a havia ideado.

Porque Araujo Porto Alegre teria sido sem duvida excellente nas demais artes em que o seu privilegiado engenho se manifestou.

Na poesia — é que não!

Seu verso é monotono, aspero, duro como silex.

E' verdade que, como pintor, a sua poesia era de molde a pender mais para o genero descriptivo que para o sensitivo ou emotivo; mas nem assim se encontra

PQR ZEFERINO BRASIL

no extenso poema uma paisagem risonha, um colorido ridente, uma raio de sol ou de lua se banhando no liquido crystal de uma fonte scismadora.

Nada. E' tudo ahí de um prosaismo estafante, doloroso mesmo.

Só mesmo por uma forte necessidade de estudo e observação critica, haverá alguém que se atreva a ler "Colombo" do principio ao fim...

Poesia sem musica e imagens não é poesia, e, por isso, dos poemas épicos da nossa literatura, o "Uruguay" resultará superior a todos, porque Basilio da Gama espalhou profusamente harmonias e imagens lindissimas por todas as estrophes de sua pequena epopéa.

"Caramuru" tambem de espaço a espaço encerra lanços de belleza; "Colombo", porém, é totalmente vazio de todo e qualquer brilho poetico.

Custa-me dizel-o, no momento em que o seio amantissimo da patria se abre para receber carinhosamente os despojos mortaes do meu illustre conterraneo; mas eu não sei fazer justiça de outra maneira.

De resto, não é de certo o poeta que é apothosado: — é o pintor, o escultor e o architecto — que em tudo isto Araujo Porto Alegre se distinguiu.

E', sobretudo, o varão insigne, tanto honrou e serviu o Brasil no estrangeiro.

Porto Alegre.

ANOTAÇÕES E REPAROS

POR SANCHO & MARTINHO

UM BRASILEIRO AMIGO DE SHELLEY

Ao que parece, é ignorado no Brasil o facto de ter tido o grande poeta inglês Shelley, como amigo pessoal um brasileiro, traductor de um de seus famosos poemas, e cuja individualidade não se pode identificar até agora. Nas *Memoirs of Shelley*, por Thomas Love Peacock, intimo do autor de *HELLAS*, memorias publicadas em tres volumes em 1875 e reeditadas em 1909 (*Peacock's Memoirs of Shelley with Shelley's letters to Peacock*, edited by H. F. B. Brett — Smith, London, Henry Fronde, 1909) encontra-se, com effeito, referencias a essa amizade. O trecho de Peacock, no original, é o seguinte; paginas 45 e 46: "From Bracknell, in the autumn of 1813, Shelley went to the Cumberland lakes; then to Edinburgh. In Edinburgh he became acquainted with a young Brazilian named Baptista, who had gone there to study medicine by his father's desire, and not from any vocation to the science, which he cordially abominated, as being all hypothesis, without the fraction of a basis of certainty to rest on. They corresponded after Shelley left Edinburgh, and subsequently renewed their intimacy in London. He was a frank, warm-hearted, very gentlemanly young man. He was a great enthusiast, and sympathized earnestly in all Shelley's views, even to the adoption of vegetable diet. He made some progress in a translation of *Queen Mab* into Portuguese. He showed me a sonnet, which he intended to prefix to his translation. It began

Sublime Shelley cantor di (sic) verdade!

and ended

Surja *Queen Mab* a restaurar o mundo.

I have forgotten the intermediate lines. But he died early, of a disease of the lungs. The climate did not suit him, and he exposed himself to it incautiously". A traducção é esta: "No outono de 1813, Shelley partio de Bracknell para os lagos de Cumberland e em seguida para Edimburgo. Em Edimburgo relacionou-se com um moço brasileiro chamado Baptista, que para ali fôra estudar medicina, não porque tivesse qualquer vocação para essa sciencia, que abominava cordialmente, por ser toda de hypotheses, sem a menor base de certeza em que assentasse, mas para satisfazer o desejo do pae. Corresponderam-se depois de Shelley partir de Edimburgo e mais tarde renovaram em Londres a sua intimidade. Elle, que era um rapaz franco, affectuoso e muito distincto, mostrava-se grande entusiasta, com fervorosa sympathia por todas as opiniões de Shelley e até pela adopção do regimen vegetariano. Ainda traduzio boa parte de *Queen Mab* em portuguez. Mostrou-me um soneto que tencionava antepor á sua traducção. Começava:

Sublime Shelley, cantor da verdade!

e terminava:

Surja *Queen Mab* a restaurar o mundo.

Esqueci os versos intermedios. Mas morreu cedo duma doença pulmonar. Não se dava bem com o clima e expunha-se imprudentemente a elle". Quem seria este Baptista, poeta e erudito, precursor obscuro do romantismo na litteratura de lingua portugueza? Talvez que se possa,

recorrendo aos archivos da Universidade de Edimburgo, descobrir os traços da sua passagem pela Inglaterra e, quem sabe, com outras pesquisas, estabelecer a sua identidade pessoal e averiguar se a sua traducção fragmentaria de *Queen Mab* foi publicada ou se conserva inedita em algum logar. O caso não tem um valor excepcional, mas aqui ficam registradas estas notas que poderão servir de base de qualquer indagação acerca desse amigo desconhecido do poeta de ALASTOR.

LES DIEUX ONT SOIF

O subtil Afranio Peixoto, no capitulo *Sugstões da Poeira da Estrada* (Alves, Rio de Janeiro, 1918), a pagina 137, conta como monsenhor Lacroix, no seu curso de historia na Sorbonne, em Paris, fez a descoberta da razão do titulo do famoso romance de Anatole France *Les dieux ont soif*. "No setimo e derradeiro numero do *Vieux Cordelier*, o jornal que Camille Desmoulin redigio na Revolução, o artigo principal terminava, precisamente, pela metáfora *Les dieux ont soif*." Acrescenta então o festejado autor de *Burginha*: "Não cahio no esquecimento, porque Carlyle, no III tomo de sua *Historia da Revolução Franceza*, cita-a e lhe encarece o simbolo. Somente, Anatole France, suppondo talvez que os seus innumeros leitores conhecem os poucos exemplares do jornal revolucionario, ou leram devotadamente Carlyle, omittio uma referencia, que seria de justiça, ao famoso jacobino, elle mesmo victima dessa sede de sangue que teem os deuses". Ora, Afranio Peixoto renovou o caso de monsenhor Lacroix, porque se esqueceu tambem de attribuir a phrase a quem pertence. Na verdade, citando Carlyle, não lhe ocorreu dizer que o historiador inglês não incidio no erro de imputar a terrível phrase á Desmoulin. Quem leu Carlyle conhece esta passagem: "Camille's First Number begins with '*O PITT!*' — his last is dated 15 Pluiose Year 2, 3d February 1794, and ends with these words of Montezuma's *Les dieux ont soif*, — 'The Gods are athirst,' — que se encontra em *The French Revolution*, Vol. II, 333, edição de J. M. Dent & Sons, London, 1916, ou na *Histoire de la Revolution Française*, Vol. III, 354, traducção de Jules Roche e edição de Felix Alcan, Paris, 1912. Não lance o amavel e ironico autor das *Parabolas* este commentario á conta de impertinencia. A Montezuma o que não é de Desmoulin..

O CAMINHO DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

João Ribeiro, o mestre de nós todos, em seu compendio de *Historia do Brazil* (Alves, 1917, pag., 144), escreveu que o grande caminho da civilização brasileira é o rio de S. Francisco. Assim lhe parece, diz elle, porque "é nas suas cabeceiras que pairam as grandes bandeiras, e dahi se expande e ondula o impulso das minas; é no seu curso médio e inferior que se expande e propaga o impulso da criação, os dois maximos factores do povoamento. As suas ondulações extremas desde S. Paulo (ligado a Minas) até o Piahy (ligado a Pernambuco) abraçam o que hoje se poderia chamar o *Brasil brasileiro*. O extremo norte, a Amazonia, é em excesso indiatico; o extremo sul (Rio Grande) é demasiado platinico: ambos esses extremos estão fóra ainda hoje do seu influxo original; revo-

lucionam-se quando tudo está em paz ou prosperam no meio da miseria universal". Ao contrario, não estará o caminho da nossa civilização no sul do paiz, onde o phenomeno da densidade de população, em futuro não muito remoto, obrigará o Brasil a dilatar as suas fronteiras geographicas, corrigindo deste modo o erro do tratado de 1856, pela lenta absorção ou pela conquista violenta de territorios vizinhos? Não será demais lembrar que nenhum motivo ou consideração de qualquer ordem terá força para impedir esse movimento, que já se esboça, de transformação politica, oriundo, naturalmente, das correntes immigratorias e da expansão da nossa actividade productiva. Tudo nos está dizendo que o futuro do Brasil não se contém numa simples formula geographica mas no dilema que creará o determinismo economico, lei cruenta que a natureza pratica e a historia revigora. Semelhante prognostico, certamente, redobra o desespero dos nossos pacifistas, habituados á indolencia dos tropicos, mas que, afinal, despertarão com o tinir das espadas e o troar dos canhões, flammejando sobre o nosso destino. O Brasil é uma esphynges sem segredos.

A QUAND LE TOUR DE GRACA ARANHA?

Lê-se na *Revue de l'Amérique Latine*, (Vol. I, 4, 382), que se edita em Paris, sob a direcção de Ernest Martinenche, Charles Lesca e Ventura Garcia Calderon: "L'Institut de France qui associe à ses travaux les personnalités étrangères les plus célèbres vient, par une série d'élections, de reconnaître l'éclatant mérite de grands sud-américains. Après l'élection de M. Enrique Larreta, un de nos amis s'entretenant avec M. Maurice Barrès lui demandait: "A quand le tour de Graca Aranha?" — "Je voterai pour lui des deux mains", répondit l'illustre auteur des "Déracinés". Voilà qui est d'heureux augure pour l'élection future de l'écrivain de "L'esthétique de la Vie"

A ASCENÇÃO DE GILBERTO.

Gilberto Amado chamou ao unico livro de poesias que deu á estampa de *Ascensão*, e semelhante graphia, em vez de *Ascenção*, é errado, porque a palavra procede do latim *ascensio*, no accusativo *ascensionem*, consoante a lição de Vieira Moraes, Aulette e outros dicionaristas e conforme o bom uso da linguagem vernacula do seculo XV.

UMA CARTA INEDITA DE PEDRO I

A carta de D. Pedro, Duque de Bragança, ao Sr. José da Costa Carvalho, depois Marquez de Monte Alegre, que damos a seguir foi copiada do original que se acha na secção de manuscritos da Bibliotheca Nacional, II, 30, 25.

Angra, 14 de Março de 1832.

Sr. José da Costa Carvalho.

Tendo chegado á Europa em occasião que meus serviços, crão necessarios á causa de minha filha, á Senhora D. Maria Segunda, Causa que se não fosse Constitucional eu seguramente não me metteria a defender, achei ser do meu dever e honra pôr-me attesta della a pedido de todos os subditos fieis da mesma Senhora, e com effeito depois de determinado na Europa o que me pareceu acertado parti de França para esta ilha aonde me acho desde o dia trez tendo tomado conta da Regencia como vêm da gaze-

ta que lhe remetto. A minha posição he muito delicada; mas espero com favor de Deus, poder adquirir grande gloria fazendo hum serviço á humanidade, e provando ao mundo qual o meu desinteresse, egual a meu decido e nunca interrompido Amor pela causa da Liberdade. Esta minha carta tem por objecto principal, pedir-lhe que faça todos os esforços que poder perto da Regencia de que he digno Membro, e das Camaras, para que se pague ao Governo de Minha Filha, não digo toda a divida Portugueza, mas huma parte d'ella afim de que esta tão nobre causa não pereça por falta de meios; o Brazil jamais poderia recusar, nem mesmo arrepende-se de prestar sua protecção poderosa á Causa da Humanidade e da Liberdade, portanto, eu conto que o Governo fará o que poder para satisfazer esta minha amigavel requisição. Se eu visse que este negocio poderia de algum modo comprometter o Brazil jamais nelle fallaria pois eu apesar de tudo não posso esquecer-me daquela Patria que adoptei, e que adoro e dos Brasileiros meus concidadãos; mas ao contrario eu vejo muita utilidade para o Brasil em particular e para todos os Governos livres em geral, cabendo ao mesmo tempo ao Brazil, somente, a gloria de cooperar para o resgate da Humanidade que jaz opprimida, para derribar a tyrannia e para restabelecer o Imperio da Lei na Europa, devendo estar certo o Governo Brasileiro que, emquanto eu estiver á frente dos negocios Portuguezes farei tudo que poder para felicitar o Brazil procurando manter o mais que me for possível as relações de estreita amizade que devem existir entre governos cujos principios são os mesmos e quando, por qualquer incidente assim o não possa fazer, farei então o que a minha honra exige: retirar-me-hei dos negocios publicos pois nunca farei guerra a hum país aonde nascerão meu filho e minhas filhas, e que continuará a ser minha Patria emquanto for mantido o Governo Monarchico Constitucional como deve existir para felicidade e prosperidade do Imperio Brasileiro.

Se entender que deve fazer uzo desta minha carta faça, ficando na intelligencia que os sentimentos nella expressados, para com o Brazil e os Brasileiros são os mesmos que sempre tive e que me moverão a declarar espontaneamente no alto do Piranga a Independencia do Brasil no memoravel dia 7 de Setembro de 1822.

Aproveito esta occasião e primeira vez que lhe escrevo, para lhe fazer os meus cumprimentos bem como á Regencia e Governo e para lhe assegurar que Sou

Seu afeiçoado

D. Pedro, Duque de Bragança"

LA FRANCE ETERNELLE

G. Le Gentil, que é um grande conhecedor das nossas coisas e está encarregado de um curso de literatura brasileira na Forbonne, publicou a seguinte nota, na *Revue de l'Amérique Latine*, de Paris, numero de Abril ultimo, sobre o discurso de Elyσιο de Carvalho, proferido no banquete a Paul Fort:

"La brochure de M. Elyσιο de Carvalho témoigne de la spontanéité, de la solidité des sympathies brésiliennes. Elle rassemble au surplus, dans un raccourci éloquent, plusieurs siècles d'histoire. Nous savions déjà quel accueil empressé, enthousiaste, réserve la terre de Santa-Cruz à nos célébrités contemporaines. On y conserve intact le souvenir de Paul Adam, l'apôtre du génie latin. M. Paul Fort, apportant à l'élite intellectuelle, qui protesta la première contre la violation de la Belgique, l'hommage de nos poètes, vient d'avoir l'incomparable surprise d'entendre vanter son œuvre, en

termes délicatement nuancés, par un écrivain qui aime autant notre langue qu'il se réjouit d'une victoire commune. M. Elyσιο de Carvalho applaudissait en lui non seulement le représentant des qualités de "luce de harmonie, de sagesse tranquille et de majestueux équilibre" qui distinguent l'art méditerranéen, mais l'auteur des ballades vengeresses, des bulletins lyriques de la guerre.

L'occasion ne pouvait être meilleure pour rappeler combien furent étroites les relations qui nous unissaient, dès le commencement du XVI siècle, à la France antarctique, dès le début du XVII à la France équinoxiale. Quoi qu'on doive penser du voyage hypothétique de Cousin qui aurait devancé de deux ans, suivant les Dieppois, la découverte de Cabral, ainsi que des explorations également contestées de Paulmier de Gonneville, son émule ou son continuateur, il n'est pas douteux que le projet d'un établissement durable à Rio de Janeiro apparaît comme la pensée maîtresse de l'amiral Coligny et de son lieutenant Villegagnon, surnommé par ses coreligionnaires, avant la défaite dont il faut chercher la cause principale dans les dissensions religieuses, le Cain d'Amérique. De la tentative plus récente de Riffault pour s'implanter au Maranhão, nous conservons, malgré l'interdiction d'imprimer les récits des missionnaires prononcée au temps de Louis XIII, les piquantes relations des Capucins, de Claude d'Abbeville, de Martin de Nantes, d'Arsène de Paris, d'Yves d'Evreux. La lutte, entre adversaires dignes de fraterniser, était menée avec des égards chevaleresques dont il semble que la tradition, depuis les progrès de la chimie industrialisée, doive se perdre. Tandis que Jeronymo de Albuquerque faisait ensevelir nos morts, La Ravardière envoyait son propre chirurgien au capitaine portugais avec la recommandation expresse de soigner d'abord les blessés brésiliens. La poétique légende, recueillie par le moine Santa Rita Durão, connue chez nous par la traduction d'Eugène de Montglave, de la belle Paragassú qui se jette à la mer pour rejoindre son amant, évoque, puisqu'on y fait intervenir le nom de Jean Duplessis et toute la cour de France, le temps où nos corsaires, sous la conduite des frères Anjo, s'enrichissaient par la contrebande des bois de teinture. Non moins pittoresque, bien que rigoureusement historique, est le décor de la fête brésilienne, organisée en 1550 à Rouen, où 250 marins, dans le costume de nos premiers pères, se joignirent, pour l'ébaudissement des ambassadeurs étrangers, à la troupe des tabajaras qui perçaient de leurs flèches les singes et les

perroquets. Elle eut assez de retentissement pour que Montaigne s'en fit l'écho: "Je trouve qu'il n'y a rien de barbare en cette nation, sinon que chacun appelle barbarie ce qui n'est point de son usage." Mais quoi, ajoutait le moraliste en esquissant le tableau d'une société naturelle et sage, "ils ne portent point de haut-de-chausse" Ronsard y découvrit, féru qu'il était de mythologie, une survivance de l'âge d'or:

Docte Villegagnon, tu fais une grand faute
De vouloir rendre fière une gent si peu caute.

L'échec de Leclerc, suivi à deux ans d'intervalle de l'expédition fructueuse de Duguay-Trouin, prouve que nos rois, depuis François I, qui s'indignait contre le partage du monde, que n'avait pas prévu le testament d'Adam, entre les Espagnols et les Portugais, et Catherine de Médicis qui offrait au Prieur de Crato son appui en échange du Brasil, n'avaient pas renoncé à tout espoir de reconquérir la France antarctique. Si l'influence des doctrines de l'Encyclopédie sur les intellectuels de Minas n'a point échappé aux historiens, on sait moins qu'Arruda Camara, l'un des champions de l'indépendance, avait étudié à Montpellier et que les conspirateurs, à la veille de l'émancipation, travaillaient, pour s'assurer une alliance ferme en Europe, à faire évader Napoléon. La part de nos voyageurs, La Nodamine, d'Orbigny, Saint-Hilaire, Castelnau, Dumont d'Urville, dans l'exploration méthodique des côtes et des fleuves, est loin d'être négligeable. Nos artistes, Debret, Grandjean de Montigny, Simon Pradier, les frères Taunay, ont fondé l'Ecole des Beaux-Arts de Rio de Janeiro. Certes, comme le faisait remarquer justement M. le baron d'Anthouard, "l'utilité du français aux yeux des Brésiliens conservera d'autant plus de valeur que notre activité économique se développera au Brésil et que nos industriels et nos financiers coopéreront directement à la mise en valeur du pays". Mais on ne peut s'empêcher, d'autre part, de regretter que dans le champ des investigations littéraires où Ferdinand Denis jouait, en 1826, le rôle d'initiateur, notre production se soit ralentie au point que les deux ouvrages français les plus récents qui nous éclairent sur le mouvement contemporain furent écrits, l'un par un Belge, M. Orban, l'autre par un Brésilien, M. Benedicto Costa. Nos amis sont trop généreux, on s'en aperçoit en lisant le discours de M. Elyσιο de Carvalho, pour compter avec nous. Il n'en est pas moins nécessaire de constater, non sans amertume, que nous sommes en reste. — G. LE GENTIL."



PEQUENAS NOTAS

Per proposta, unanimemente aceita do seu segundo secretario, Sr. Jayme d'Altavilla, nosso distincto collaborador, a "Academia Alagoana de Letras," em sessão de 31 de Maio findo, elegeu seus socios correspondentes nesta Capital, os escriptores Elycio de Carvalho, nosso director, Carlos Rubens, nosso companheiro de redacção e Carlos Pontes, nosso collaborador.

O Ministro da Fazenda, reconsiderando a sua decisão anterior, autorizou o Conselho Central das Comissões do Monumento a Christo Redemptor, a erigir o monumento a Christo no alto do Corcovado. A decisão do Sr. Homero Baptista foi fundamentada do seguinte modo: "Para decidir os casos que entendem com o culto religioso, deparam-se á administração razões plausiveis no criterio liberal que induz o respeito a todos os credos. Assim, e porque considerado fosse apenas do ponto de vista administrativo, teve o pedido deferimento. Levantada a duvida de ordem constitucional e ouvido o consultor geral que a sustentou, visto importar o deferimento na concessão de um favor do Estado em beneficio de uma igreja, reconsiderado foi o despacho para negar-se a autorização. Em face, agora, dos dez pareceres concludentes offerecidos; concordes em que a autorização não infringe dispositivo, resolvo, em definitivo, concedel-a, sem caracter algum de exclusividade. Fica, assim, mantido o meu primeiro despacho." Fica assim restabelecida a boa doutrina constitucional que a *America Brasileira* teve ensejo de defender.

O Governo do Brasil, por decreto de 1º do corrente, reconheceu a independencia do Egypto e a forma monarchica do seu Governo.

As nossas letras jurídicas perderam um dos seus mais illustres collaboradores, o eminente Professor Dr. João Vieira de Araújo, cujas lições de direito penal ainda são amiúde recordadas como luminosos ensinamentos. Nascido no Recife em 1844, formou-se pela Faculdade de Direito, exercendo a principio a magistratura no interior da provincia de Pernambuco, sendo eleito deputado provincial, para em 1877 entrar como professor substituto da Faculdade. Cathedrático em 1884, foi jubilado em 1907. Entre suas aulas mais notaveis, apontam-se o "Ensino de Direito Penal" e as "Dissertações sobre o Codigo Penal Brasileiro".

Realizou-se em Roma, com grande pompa, sob a presidencia de Pio XI, o Congresso Eucharistico, a que compareceram representantes de todo o mundo. Entre as ceremonias mais importantes desse grande certamen religioso, salienta-se a que foi dirigida por Monsenhor Bartolomasi, Arcebispo de Trieste, que celebrou missa no Colyseu, num altar erguido onde surgia o "podium" imperial. Alli receberam a communhão mais de 5.000 jovens, sem se mexerem dos seus lugares. Os sacerdotes circulavam, communicando o discurso de Monsenhor Bartolomasi, presidente da commissão central do Congresso Eucharistico, a cujas festas assistiram

30 cardeaes e 300 bispos, 60.000 peregrinos e os membros do Congresso Eucharistico, composto de catholicos de todo o mundo. A solemnidade do encerramento revestio grande sumptuosidade, tendo o Summo Pontifice comparecido, em proccissão, na Sedia Sestatorial até á porta da Basilica de S. Pedro, onde deu a benção papal ao povo, encerrando o Congresso.

O Governo do Japão agraciou com o cordão de ouro do Thesouro Sagrado o Sr. Ferreira Chaves, Ministro do Interior. A entrega do cordão foi feita, com solemnidade, pelo Ministro Horiguchi, que accentuou o alto apreço em que é tido no Japão o politico norte-rio-grandense...

O Senado da Bahia, em sua sessão de 29 do mez findo, approvou o projecto que eleva á categoria de cidade, ficando denominada Ruy Barbosa, a antiga Villa de Orobó.

O Cardeal Gasquet, prefeito dos estudos biblicos, bibliothecario de Vaticano, pertencente á Ordem Benedictina, embarcará a 5 de Julho proximo com destino a S. Paulo, afim de sagrar a igreja do Mosteiro de S. Bento. Essa cerimonia está marcada para o dia 13 de Agosto proximo. O Cardeal Gasquet virá como delegado do Papa Pio XI.

O "comité" França-America deu, em Paris, brilhante recepção em honra do aeronauta brasileiro Santos Dumont. O inventor da dirigibilidade dos balões compareceu acompanhado dos aviadores francezes Fonck e Delavaux. A sala estava magnificamente illuminada, e o distincto aeronauta foi recebido com todas as homenagens. Viam-se entre os assistentes tudo quanto Paris conta de selecto na sua sociedade, além das personalidades mais em evidencia da colonia brasileira, e os Srs. Castello Branco Clark e Souza Dantas, respectivamente, Encarregado de Negocios e Consul do Brasil. As honras da recepção eram feitas pela Marquiza Degany, assistida pelas Sras. Schneider e Solange Bodin. Durante a festa, varios poetas e artistas, inclusive o Presidente da Sociedade dos Homens de Letras, leram poemas que tinham como assumpto a navegação aerea.

Está despertando grande interesse o proximo livro do ex-Kronprinz da Alemanha, publicando os jornaes longos extractos da obra, pondo em relevo o destaque que o herdeiro do ex-Kaiser dá á figura do General Ludendorff como homem e como soldado. Esses extractos comprehendem trechos do capitulo que trata da abdicção do ex-Kaiser, dando o General Groener, actual chefe da administração das estradas de ferro, como um dos principaes instigadores desse acto do soberano allemão, enquanto que, por outro lado, o General Schulenberg concitava o ex-Imperador a proseguir na luta. Um outro ponto interessante é o que trata da primeira batalha do Marne, mostrando-se ahi convencido o ex-Kronprinz de que a retirada fora desnecessaria e que só se dera devido á incompetencia de von Moltke e á fatal influencia do official de ligação Hentsch. Finalmente, o resumo

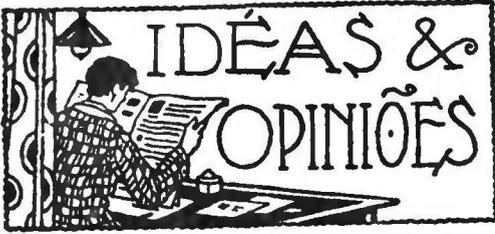
dessa obra do herdeiro allemão descreve a visita feita ao Principe pelo General von Moltke, já em Setembro de 1919, um homem vencido, impotente para conter suas lagrimas diante da certeza de que estava possuido de que o Exercito allemão fugira quasi precipitadamente.

Em mais de um ponto do vasto litoral do nosso paiz é sabido, diz *O Paiz*, que existem perolas. Ainda recentemente, o Commandante Villar, do cruzador *José Bonifacio*, em serviço da nacionalização da pesca, offertou ao Sr. Presidente da Republica uma concha pescada na região de Santos e contendo perolas finissimas. O maravilhoso rio Araguaya, affluente do Tocantins, e uma das mais soberbas e ricas caudae do mundo, encerra nos seus lagos uma grande riqueza perlifera, medioderamente explorada. O processo de apanha é ainda excessivamente rudimentar. Os indios carajás mergulham nos lagos e voltam á tona trazendo punhados de conchas, dentro das quaes as mais das vezes as perolas estão ainda em formação. Pena é que não se cuide de uma exploração systematica de tamanha fonte de riqueza.

A Sociedade Brasileira de Direito Internacional, reunida para homenagear o seu fallecido Presidente, Ministro Amaro Cavalcanti, depois de ouvir o Professor Rodrigo Octavio proferir uma erudita conferencia analysando a obra do saudoso juriconsulto, elegeu depois o seu successor, recahindo a escolha, feita por aclamação, no Dr. Rodrigo Octavio. Não é preciso salientar a justiça e o acerto da elevação do illustre internacionalista á presidencia dessa notavel sociedade de cultura juridica. O Dr. Rodrigo Octavio, com ser um dos nossos mais provecos internacionalistas, professor emerito da disciplina na nossa Universidade, é tambem daquelles cuja obra mais influencia tem tido sobre nossa legislação de direito internacional privado e cuja acção tem sido mais fecunda, em varios congressos internacionaes, onde representou tão honrosamente o Brasil. Além disso, o Professor Rodrigo Octavio tem, nesses ultimos annos, prestado ao nosso paiz notaveis serviços, pela sua actuação diplomatica. Delegado á Conferencia da Paz, de Versalhes, Sub-Secretario das Relações Exteriores e representante do Brasil na Liga das Nações, o illustre professor teve ensejo de desenvolver uma larga e intensa actividade em bem do nosso paiz, salientando-se entre os seus mais patrioticos serviços a solução do caso dos navios ex-allemães, com a França, que só se deve ao seu tino e habilidade diplomaticos a par de uma defesa solida e verdadeiramente notavel de nossos direitos. A Sociedade Brasileira de Direito Internacional é digna de todos os applausos, pela consagração que acaba de fazer. Na mesma sessão foi eleito secretario o Dr. Nuno Pinheiro.

Telegrammas de Washington informam que ha grande desejo nos circulos interessados em desenvolver as relações vankee-brasileiras, de que o Sr. Hughes, Secretario de Estado, visite o Brasil, durante a Exposição do Centenario, parecendo que os maios officiaes aceitam com muita sympathia a idea.

ECHOS & NOTICIAS



PERFIL DE CARLOS D. FERNANDES

Carlos Dias Fernandes é um fino e voluptuoso poeta; um humanista de raça, como existem poucos ainda no Brasil; um conhecedor sagaz de história, que falla e escreve, como diz o seu Manlius, do "Myriam", com o senso d'arte. Nos seus dous poemas resplandece um pensamento de belleza. A Myriam, que Claudia, a mulher de Pilatos, manda atirar aos peixes, é destas creaturas em cujo sacrificio transluz tanta sensualidade que a sua morte tragica possui qualque coisa de lubrico e de pagão, arripiando os nervos das indoles pudicas e honestas. Em "Samão e Dália", Domitila é a mesma heroina arrebatada de amor, que a pobre hebreia, amante de Pilatos. Nestas duas creações ha toda a palpitacão da sensibilidade luxuriante de Carlos D. Fernandes.

A provincia ainda tem desses encantos: na sua quietude os artistas vivem uma existencia menos immediata, mais desprendida dos pequenos factos da vida quotidiana, que nós, que trepidamos nas grandes cidades. Felizes, aquelles que podem recuar ao passado, para serem algumas horas, contemporaneos de Cesar, adivinhando os mysterios e os segredos de um mundo mil vezes mais interessante do que este monotono em que vivemos! Uma graça divina acompanha estes bemaventurados, capazes de sentir Roma em romano, Florença em florentino, Veneza em veneziano, mercê do poder de transfiguração, que possuem certas creaturas, as quaes realizam, pedaços arquejantes da alma de um Miguel Angelo, trechos da languldezmorna de Byzancio, linhas de Raphael, momentos dramaticos da historia romana, como se fossem testemunhas heroicas da angustia de Buonarrotti ou da morte de Cesar! Sem estes artistas os povos não teriam o dom de se fazerem comprehender uns aos outros. E'les que unem as épocas abraçam os continentes.

Ha dez annos, o Sr. Castro Pinto ha tomado conta do governo da Parahyba, decidindo a apprehender no seu Estado uma renovação de valores. Carlos Fernandes estava commosco em Pernambuco, e elle levou-o consigo, afim de dirigir a imprensa official e a "União", na Parahyba. O Sr. Castro Pinto se inclue entre as intelligencias mais altas e mais puras que o norte ainda produzio. A sua cultura é crespaa. Elle discute logica, philosophia, psychologia, d'reito, como bem pouca gente entre nós, e quem o vir modesto, esquivo a todo contacto social, retirada no silencio da sua vida contemplativa, não imaginará a scente ha deste espirito fulgurante. Como presidente do Estado, Castro Pinto escrevia com assiduidade na "União" e as suas notas modelares, apostolando idéas de governo, eram banhadas na agua lustral do espirito democratico. Pense-se no contraste de attitude de um puro cerebral como este exigindo dos condoneis rusticos do interior, tolerancia, respeito ao direito do voto, garantias para os adversarios, igualdade de tratamento fiscal, etc! Era sen-acional. Carlos D. Fernandes foi o jornalista de confiança desse governo suasso.

Carlos tem uma independencia tão feroz de espirito, processos de independencia mental tão rudes, e uma audacia de attitude de tal modo prodigiosa, que bem se pôde imaginar o que foi a presença dessa originalidade num meio pacato como o da Parahyba, quando elle alli estalou. A amorallidade da sua cultura, a exuberancia convulsiva do seu temperamento, a avidex leonina de sensações que o devorava, e os exotismos foscos da visão, tudo isso atarantava a Parahyba, cultada, tímida, catholica, temente. Deus, incapaz de comprehender aquelle demonio que elaborava dentro de um jornal do governo o espectáculo inédito da contra-sociedade dos poetas, dos sonhadores, dos artistas, em revolta contra o burguez e o vizario. Mas a Parahyba, que a principio pretendeu repellir Carlos, acabou habituando-se a admirar o trabalho incansavel, o bohemio innocente, o escriptor inconfundivel, que elle é. O clero e as classes conservadoras ensurdeceram as armas,

vieram confraternizar com as academias, onde o poeta illustre pontificava, com o credo da sua nova esthetica. O Arcebispo tomou-o em sympathia sealando com a sua autoridade archiepiscopal a conciliação politica. A Igreja tolerava o peccador irreverente no seu seio amoroso e magnanimo. A fascinação de Carlos conquistara-a.

Se Carlos Dias Fernandes tivesse nascido no seculo XV ou XVI, seria um duetista, a maneira de Cyrano de Bergerac. A luta é para elle um sport, uma condigão de existencia em belleza, em força, em saúde e em vedetta. Aos 20 annos, elle fez aqui a "Imprensa" ao lado Ruy Barbosa e aos vinte e pouco a seducção da Amazonia attrae-o. Vae para a cõrte de Antonio Lemos, dirigir a "Provincia do Pará"

Aqui no Rio nós não fazemos a minima idéa do que eram Belém e Manaós, quando a borracha mantinha com o café o cambio do Brasil. Ainda hoje ao tomar-se certas cifras da estatistica da Amazonia de ha doze e quinze annos passados, foge-se perplexo. Annos havia em que o saldo do commercio exterior, apurado em Belém e Manaós, era superior ao que ficava em Santos, que por detraz de si tem todo o "Hinterland" paulista, parte do mineiro, do goyano e do mattogrossense! Em 1910 a Amazonia attinge a um "superavit" de 254 mil contos contra 140 mil de Santos, na sua balança commercial. Num quinquennio, a hevea sósinha permite ao Thesouro Federal arrecadar 300 mil contos alli, e aos dous dous Estados 114 mil. A Amazonia converteu o leite das suas florestas em ouro. Passado um decenio, vem do seringa fantastico o clamor sinistro da fome, da miseria negra como o ouro que delle corria outrora. No tempo da riqueza, Belém e Manaós eram duas cidades asiaticas, mas da Asia rica, pilhada pelos primeiros conquistadores macedonios e romanos. A vida social de Antonio Lemos era a de uma cõrte babilonia ou assyria, accrescida do conforto de que a civilização contemporanea pôde cercar a um millonario dos nossos dias. O Sardanapalo amazonico se dava ao luxo rasta de imprimir o seu jornal, a "Provincia do Pará", em papel assetinado! E a "Provincia" não era o orgão da sua facção politica. Elle mantinha outro jornal, para porta-voz do partido, e deixava o grande diario, incontestavelmente dos mais primorosos que têm existido entre nós, como padrão de cultura, para o debate mais sereno das idéas e dos acontecimentos politicos, para camo das indagações literarias e philosophicas. Nenhum jornal no Brasil é mais bem feito o que era a "Provincia do Pará", onde collaboram escriptores de raça, daqui e da Europa. Carlos Fernandes dirigio essa grande tribuna e com um brilho singular, levando-a ao auge do seu prestigio intellectual.

Mas Carlos Fernandes não é só o romancista, o poeta, o escriptor, o pamphletario, que o Brasil inteiro conhece. Elle é ainda o conversador mais diabolico e rico de cores que tenho conhecido na minha vida de jornalista. Se eu pretendesse resumir-lhe o espirito literario numa unica faculdade, tomaria a da "causerie", o dom de palestrar, de viver imagens, idéas, sentimentos dramaticos, representações ardentes, na palavra animada. Falei aqui e na Europa com muitos conversadores interessantes, mas nenhum conheci com o pittoresco, a flamma, o imprevisto, de Carlos Fernandes. Elle empolga, com "boutades", em que a ironja alterna com a pleidade, o humor com a candura, saltando as phrases de espirito de uma verve inesgotavel...

A. Chateaubriand

(Correio da Manhã).

PORTO ALEGRE E ALBERTO DE OLIVEIRA

Alberto de Oliveira, o grande poeta que todo o Brasil conhece e admira, numa entrevista concedida ao "A. B. C.", acerca de Porto Alegre, cujo corpo acabava de ser transportado para a patria, disse:

Araujo Porto Alegre deu-nos o maior poema da lingua: COLOMBO. Nenhum dos seus contemporaneos teve inspiração tão potente, nem uma tão alta comprehensão das bellezas da Natureza. A critica do seu tempo não se apercebeu do valor genial da obra, da vasta obra de Porto Alegre, que culmina em COLOMBO. Mais surpreendente é que a critica moderna tivesse perelstido na mesma indifferença. Ha annos, chamei para o curioso phenomeno a attenção, a exaltação do genio poetico de Porto Alegre. José Verissimo prometeu-me estudar essa grande figura, que foi, a um tempo, extraordinario poe-

ta, pintor eminente, architecto consumado, dramata de qualidades raras. Não o fez entretanto. Araujo Porto Alegre é o coripeu do romantismo no Brasil. E o que eu mais prezo e admiro na sua poesia é o seu caracteristico objectivismo. Pôde dizer-se que a nota pessoal oitiva-se de si mesmo, esquece as proprias dores, paixões e sentimentos, e diante da Natureza exalta-lhe o augusto mysterio, a belleza magnificente, as harmonias majestosas. As estrophes descriptivas empolgam pela sua opulencia chromatica, pelos surtos potentes da imaginacão, e revelam um profundo conhecimento da botanica brasileira e da geographia brasileira. Não é de surprehender, porque Porto Alegre foi a mais variada cultura do Brasil na sua época. Considero Porto Alegre um vulto culminante da poesia nacional, embora até hoje insufficientemente apreciado na plenitude do seu valor. Ha no emtanto uma razão que se não justifica pelo menos explica o mediocre successo de um poema monumental como o COLOMBO. Porto Alegre teve a infelicidade de escrever essa obra em verso branco, o verso sem rima, repellido pelo gosto da época e profusamente desmoralizado por uma multidão de versejadores menores. Colombo, onde Porto Alegre se afirma maior pintor com a penna do que com o pincel, onde elle patenteia uma technica admiravel de navegacão, onde mostra uma cópia de conhecimento linguisticos como nenhuma outro poeta revelou, não teve apologistas.

O "FAUSTO" DE RENATO ALMEIDA

O Sr. Dr. Renato Almeida afirma neste livro admiravel a sua fulgurante mentalidade. E', sem duvida, um bello espirito, culto, idealista, amante de "sua" verdade, apaixonada pelas enygmata da vida e conduzido pelas suas preferencias estheticas e sentimentaes ás concepções dualistas, espiritualistas, theistas e finalistas.

A proposito do "Fausto" faz um "ensaio sobre o problema de ser" que para elle é resolvido pela affirmacão de Deus. Goethe e Fausto são um pretexto para um interessante estudo, no qual o autor procura encontrar e definir o seu proprio pensamento. Esta secção não pôde ser uma arena de controversias e só pôde ser um campo de classificacão.

O Sr. Renato Almeida está filiado á corrente espiritualista, que é maior agora, é verdade, do que ha quarenta ou trinta annos atraz; e é com erudicão e interesse que a proposito do poema celebre de "Fausto" discorre sobre os grandes problemas philosophicos. Essa e coiza de thema define as tendencias de seu espirito Anicso de poesia e de emoção, a sua propria philosophia é mais uma manifestação esthetica, e o critico litterario que se revelou com tanta força no seu primeiro livro se desdobra agora neste volume serio, que é um ensaio de fogo e um trabalho de grande valor... O Sr. Renato Almeida raciocina para deixar patente um vacuo, e pondera que elle deve ser preenchido pelas intuições da fé. E é para chegar a esta conclusão, que elle, num livro magnifico de 373 paginas, faz do "Fausto" de Goethe a melhor analyse critica da lingua portugueza e um dos estudos mais exhaustivos e interessantes em todos os idiomas. Antes de tudo, devemos louvar o talento, a intelligencia critica, a documentação, a habilidade, o idealismo do Sr. Renato Almeida, que se afirma assim como uma das primeiras figuras das modernas gerações intellectuaes do Brasil. O seu livro é magnifico, e sob o seu ponto de vista, é excellentemente documentado e desenvolvido.

O autor começa estudando a "Lenda do Doutor Fausto", depois na "Tortura Humana — "Fausto", a ahcia de saber, o orgulho da sciencia, no "Eterno Feminino" — "Margarida", chega a conclusão que a mulher, ente de amor, livra o sabio da sciencia e o salva pela fé; na "Inquietação da Razão", faz de "Mephistopheles" o symbolo do espirito que nega ou da sciencia; na "allégoria do Segundo Fausto" mostra a serenidade da fé, além da sciencia, depois exalta o "Esforço para a belleza", o "Engano da Belleza" e a "Illusão da actividade" e termina o exame do "Fausto" pela demonstracão da "Redempção pela fé". Na "Finalidade Humana", o Sr. Renato Almeida, depois de analyse litteraria, artistica e philosophica do "Fausto", estuda e condensa as differenças das tendencias philosophicas da humanidade, a que chama de "velha quiescencia philosophica sobre o problema do ser". Estas escolas são para o melhor denominadas mecanista e finalista.

autor é, como vimos, finalista. Para elle, a verdadeira philosophia conduz para além da sciencia e retroage ás concepções primitivas e symbolicas. Fausto é assim uma allegoria... A vida de Fausto foi "a obra da regeneração".

Assim o ensaio do Sr. Renato Almeida demonstra censo critico de accordo com o seu ponto de vista, belleza de expressão, conhecimento de critica estrangeira. Conduzido pela critica moderna, o Sr. Renato Almeida faz um interessante estudo sobre a influencia de Spinoza sobre as idéas de Goethe, a concepções e a elaborações do "Fausto", o que sob o ponto de vista da critica objectiva e historica é o melhor capitulo do livro. A leitura da "Ethica" foi para Goethe "uma libertação, o poeta havia encontrado no philosopho a forma de suas cogitações, e, embora não devesse seguir a mesma trilha, caminharia sob o mesmo sol". Assim o Sr. Renato Almeida nos deu um livro de valor, que é um forte trabalho da "grande critica" que raramente produz ensaios nas terras ainda novas da America. "Fausto" — "Ensaio sobre o Problema do Ser" é assim um ensaio que consagra o seu autor.

(Do Jornal do Commercio)



O EMBAIXADOR DOMICIO DA GAMA

Noticiando a nomeação do Sr. Dr. Domicio da Gama para substituir o Dr. Gastão da Cunha, durante a sua enfermidade, como membro do Conselho da Sociedade das Nações assim se manifesta o "Le Brésil", de Paris: "Ninguém melhor qualificado para assumir, nas penosas circumstancias actuaes, a ardua tarefa do embaixador do Brasil em Paris, que a vem exercendo com o maior brilho e com o mais louvavel zelo para o prestigio do seu país. O Sr. Domicio da Gama foi, no inicio da sua carreira, o auxiliar e o discipulo de Rio Branco e o depositario do pensamento e da tradição diplomatica do grande Brasileiro. Continuou essa tradição, com brilhante exito na sua qualidade de Embaixador em Washington, como Ministro dos Negocios Estrangeiros e, finalmente, como Embaixador, em Londres. Saberá mantela, como a manteve o Dr. Gastão da Cunha no Conselho da Sociedade das Nações durante o tempo de sua lamentavel ausencia."



VII CONGRESSO DE GEOGRAPHIA

Sob o patrocínio do Presidente de Parahyba, o Sr. Solon de Lucena, e Flavio Moroje, Presidente do Instituto Historico Parahybano, reuniu-se nesse Estado, o VII Congresso de Geographia. Abrindo os trabalhos, o Presidente do Estado, depois de dar as boas-vindas aos Congressistas, estudou o papel historico e social da Parahyba, nas suas festas e através de acção de seus estadistas e da obra de seus cultores de historia e de geographia. Depois o Presidente do Congresso, Sr. Flavio Moroje, em eloquente e erudito discurso, analysou a importancia do estudo, cada vez mais vasto e complexo, de geographia, como "Sciencia dos phenomenos physicos, biologicos e sociais, encardados em sua divisão a superficie do globo, suas causas e suas relações reciprocas."

"A nós importa tambem, continuou, conhecer a Geographia physica, a geographia historica, a geographia politica, a geographia zoologica e botanica, a geographia agricola, a geographia economica e a geographia medica. Não desconhecéis o valor que esta representa em

todo o orbé, offerecendo ao estudo dos investigadores importantissimas questões que dia a dia se agitam, magnos problemas que constantemente desafiam a observação dos scientistas inclusive este da distribuição geographica das molestias, sahidas do pleno dominio da Pathologia, para entrarem nas profundas cogitações dos Governos, positivadas patrioticamente nesse incomparavel serviço que entre nós é o do saneamento rural, que é o do combate ás innumerables molestias que dizem as nossas populações, dificultando a divulgação da sua "historia", a sua "organização", a sua "psychologia".

Depois de insistir na importancia de certamens dessa natureza, saudou os Congressistas, dizendo-lhes todo o entusiasmo com que os recebia o Parahyba.

Depois de terem fallado varios Congressistas, discutidos e approvados algumas indicações, inclusive a que saúda os aviadores portugueses Saccadura Cabral e Gago Coutinho pela formosa tentativa de atravessar o Atlantico de aeroplano e a que aclamou Presidentes de honra, afóra o Sr. Solon de Lucena, os Governadores dos Estados que enviaram delegações, Srs. Dr. Souza Castro, do Pará; Dr. Justiniano Serpa, do Ceará; Dr. Antonio de Souza, do Rio Grande do Norte; Dr. Severino Pinheiro, de Pernambuco; Dr. Fernandes Lima, de Alagoas; Dr. Nestor Gomes, do Espirito Santo, e Dr. Arthur Bernardes de Minas Geraes, passou-se a constituir as commissões especiaes do Congresso, assim organizadas.

1.ª Commissão — Geographia mathematica — Presidente, Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha; Secretario, Dr. Roberto de Vasconcellos; Dr. Mariano Sepuivada, Dr. Romulo Campos, Professor Rodolpho Lima.

2.ª Commissão — Geographia physica — Presidente, Dr. Pedro Celso; Secretario, Dr. Carlos Xavier; Dr. Pompeu Sobrinho, Dr. Floro Freire, Dr. Irineu Joffily.

3.ª Commissão — Geographia economica — Presidente, Dr. Aurelio Pires; Secretario, Pharmaceutico Assis e Silva; Monsenhor Odilon Coutinho, Dr. Joaquim Pessoa e Dr. Neiva de Figueiredo.

4.ª Commissão — Geographia politica — Presidente, Dr. Francisco Seraphico da Nobrega; Secretario, Padre Nicodemus das Neves; Dr. Miguel Santa Cruz Oliveira, Professor Coriolano de Medeiros e Dr. Mario Mello.

5.ª Commissão — Ethnographia e ethnologia — Presidente, Conego Dr. Pedro Anisio, Secretario, Dr. José Americo de Almeida; Dr. Simons da Silva, Desembargador Botto de Menezes e Bacharelado Paulo de Magalhães.

6.ª Commissão — Monographia regionaes — Presidente, Dr. Manoel Dantas; Secretario, Dr. João da Matta; Desembargador Heraclito Cavalcante, Professor Octavio de Barros e Professor Elyseu Maul.

7.ª Commissão — Ensino da geographia — Presidente, Dr. Castro Azevedo; Secretario, Academico Camara Cascudo; Dr. Raposo Pinto, Dr. Manoel Dantas.

O Congresso discutiu e approvou as seguintes theses: — "A' margem da chorographia amazonica" — pharm. Assis e Silva. — "A fabrica de cimento do Parahyba" — Dr. José Vinagre. — "O Recife" — Dr. Mario Mello. — "O monte das Tabocas" — Dr. Mario Mello. — "Chorographia de Pernambuco" — Dr. Mario Mello. — "Escorço de chorographia da Parahyba" — prof. José Coelho. — "Apanhados historicos" — Celso Mariz. — "Fortaleza de Santo Catharina" — conejo Florentino Barbosa. — "A bacía do São Francisco" — professor Burzenczer. — "O ensino de geographia" — Alcides Bezerra. — "A cidade da Parahyba" — Alcides Bezerra. — "Joanna Angelica" — prof. Bernardino de Souza. — "O municipio de Abadia" — prof. Bernardino de Souza. — "As industrias parahybanas" — Matheus de Oliveira. — "O Brasil e os Estados Unidos" — Matheus de Oliveira. — "Estradas de Rodagem" — Matheus de Oliveira. — "Orographia do Brasil" — prof. Octavio de Barros. — "Geographia Politica de Europa" — prof. Octavio de Barros. — "A inquisição no Parahyba" — padre Nicodemus Neves. — "O vocabulo Parahyba" — Dr. Wencesláu de Almeida. — "O clero catholico nos acontecimentos libertarios do Brasil" — Ignacio B. de Moura. — "Mappas mudos" — prof. Eduardo de Medeiros e Sizenando Costa. — "O sub-solo do Espirito Santo" — Archimmo Mattos. — "Apanhados historicos geographico e ethenographico do Espirito Santo" — Dr. Carlos Xavier Paes Barreto.

Como noticiamos noutro local, o Congresso approvou unanimemente uma moção de applauso ao programma de America Brasileira, de critico constructora na analyse dos problemas moclonaes.

UMA FESTA DE ARTE NO INSTITUTO HISTORICO DA BAHIA

No dia 13 de Maio realizou o Instituto Geographico e Historico da Bahia eloquente festa artistica. O maior poeta bahiano da actualidade Arthur de Salles deu aos confrades do Instituto a ouvida de seus "Poemas do Mar" em via de publicação. Durante 90 minutos a grande assistencia applaudiu entusiasticamente o forte poeta. Após a leitura amigos e admiradores fizeram-lhe expressiva manifestação, orando o Dr. Armando de Campos, Redactor-Chefe da "A Tarde", que produziu bellissima saudação, tendo recitado sonetos os poetas Adalicio Nogueira e Alvaro Reis. O Dr. Theodoro Sampaio leu então a Mensagem que os consocios do Instituto enviaram ao Poeta, paginas antes do seu livro "Poesias", editado em 1920. Assignaturas dos mais genuinos representantes das letras bahianas subscreveram as palavras do Dr. Theodoro Sampaio que passou ás mãos do artista o seu livro ricamente encadernado com um grande cartão de ouro incrustado no frontespicio e um ramalhete de flores. Bella festa que tão bem falla da cultura litteraria da Bahia, com uma assistencia de cento e cincoenta e tres pessoas.



O FUTURO GOVERNO ARGENTINO

Recente telegramma de Paris para La Nation, de Buenos Aires, fazia interessantes revelações sobre o provavel ministerio, do Sr. Marcelo Alvear, presidente eleito da Republica Argentina. Assim é que para a pasta da agricultura se espera seja convidado o Sr. Le Breton, embaixador em Washington. A fazenda caberá, ao que parece, a eminente personalidade dos meios financeiros de Buenos Aires, cujo nome não é declinado. Um joven deputado, intimo do presidente Irigoyen, terá provavelmente uma pasta, sendo de crer que alguns ministros actuaes continuem a servir na presidencia Alvear. Para a prefeitura de Buenos Aires virá, ao que parece, o Dr. Fernando Perez, ministro em Vienna, e velho amigo do presidente eleito. Acredita-se que na pasta do Exterior não continuará o Sr. Pueyrreón, de cujo politica estrangeira o Sr. Alvear discordou francamente no memoravel episodio da attitude da Argentina na Liga das Nações. Sabe-se ainda que o futuro presidente deseja imprimir grande actividade, ao ministerio da agricultura, particularmente no que se refere á exploração do petroleo.

O PRESIDENTE DA COLUMBIA

Em 7 de Agosto assumirá a presidencia da Republica da Colombia, o General Pedro Nel Ospita, eleito para o periodo de 1922-1926, como candidato do Partido Conservador. O General Ospita é filho do notavel estadista colombiano Mariano Ospita, que foi presidente da Republica de 1857 a 1860, e depois de ter se formado por varias universidades europeas e americanas, entrou para a politica de seu país, sendo eleito deputado e depois senador pela Antioquia. Exerceu tambem o Governo desse Estado, tendo sido anteriormente ministro da guerra, na luta civil de 1900 a 1903, e diplomata, acreditado junto ao governo de Washington e depois junto á Corte de Bruxellas. E', em summa, uma das figuras mais representativas do seu país, que agora o investe na sua mais alta função publica.

LITTERATURA HISPANO-AMERICANA

A proposito do artigo, que publicou sobre Blanco-Fombona, no ultimo numero da America Brasileira, recebeu o nosso director a seguinte carta: "Rio de Janeiro, 29 de Mayo de 1922. Sr. Elyseu de Carvalho, Director de "America Brasileira" — Muy distinguido Sr. mio: — Permitame que le felicite muy sincera y calorosamente por el articulo de divulgación litteraria que, sobre Rufino Blanco-Fombona, publica en la Revista de su dirección, número de Mayo e la carta del Sr. João Ribeiro, inserta en el número anterior, respecto al distanciamiento intelectual y reciproca ignorancia en que vien los ibero-americanos, y sorprendiéndome, agradablemente, ver que el movimiento intelectual de la América Española despertaba algún interés en los círculos literarios de esta

Capital. Y con una muy viva, intensísima satisfacción, acabo de leer el artículo de Ud. sobre la fulgurante y batalladora personalidad del tormentoso y originalísimo venezolano; artículo que creo no sería aventurado considerar como el primero de una serie sobre la intelectualidad más brillante de la flamante literatura hispano-americana. Para iniciar una serie de estudios sobre escritores de la América Española, ha obrado acertadísimo el escoger el nombre del Sr. Blanco-Fombona, personalidad potentísima, inconfundible, única, "tipo representativo del literato hispano-americano" y "el que más dignamente representa nuestra cultura en Europa". Halágame la esperanza de ver desfilar por las páginas de su cultísima Revista los nombres gloriosos de Rubén Darío y José Enrique Rodó, los dos más altos exponentes de la literatura hispano-americana, y, de entre la falange brillantísima que forma la vanguardia de nuestro movimiento intelectual, los no menos notables de Francisco García Calderón, heredero espiritual de Rodó, su hermano Ventura, José Santos Chocano, Leopoldo Lugones, Enrique Gómez Carrillo, y muchos más que sería prolijo enumerar. Hago votos vehementísimos por el triunfo de la hermosa labor cultural de Ud. u por el continuo afianzamiento y desarrollo de la pujante personalidad brasileña, de que es Ud. meritísimo apóstol, y créame, su admirador y amigo M. Uloy"

O PETROLEO NO MEXICO

A secção estatística do Departamento de Petroleo acaba de publicar estatísticas completas relativas á produção total de petroleo no Mexico durante o anno de 1921, a qual montou a 192.916.775 barrils. 41 por cento da quantidade produzida na America do Norte e 23 por cento da produção mundial total. O relatório assinala que em 1901 a produção total do Mexico foi apenas de 10.345 barrils. Em Janeiro de 1921 a produção de 15.203.551 barrils; em Novembro de 1921, 21.113.448 barrils e em Dezembro, 23.931.747 barrils. Os terrenos de Tuxpan forneceram a grande maioria, pois 151.049.163 barrils vieram de seus poços, ao passo que o Rio Panuco produziu 41.764.751 barrils e o districto de Tabasco 2.861 barrils. A exportação total foi de 172.268.136 barrils, ou 27.387.621 metros cubicos, um augmento sobre o anno anterior de 26.759.187 barrils. A maior quantidade, 99.481.429 barrils, foi exportada por via de Tampico, ao passo que 69.956.594 barrils foram exportados por Puerto Lobos e Tuxpan, e 2.859.667 barrils por Puerto Mexico. Segundo a qualidade o oleo exportado se dividio da seguinte maneira: Petroleo leve em bruto, 1.509.568 metros cubicos; oleo combustivel, 719.544 metros cubicos; oleo bruto pesado, 642.070 metros cubicos; gasolina em bruto, gasolina refinada, asphalto, lubrificantes e gaz se seguem em escala descendente.

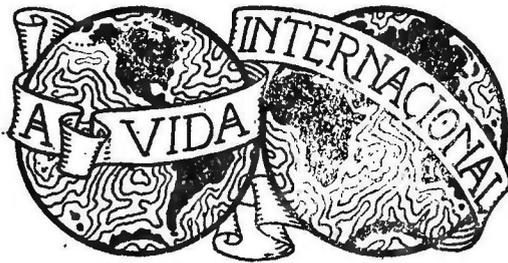
A MISSAO DE LA HUERTA A NOVA YORK

Chegou a Nova York o secretario da fazenda, Sr. Adolfo de la Huerta, que foi alli afim de conferenciar com Comité Internacional de Banqueiros para regular a questão da divida mexicana. Reina grande optimismo acerca do resultado das conferencias, dado o resultado que tiveram as reuniões preliminares celebradas em Paris, nos principios do presente mez, e ás quaes compareceu o Sr. Thomas W. Lemont, da firma J. P. Morgan & Companhia, de Nova York, que começou a tratar a questão, no Mexico, em meados de 1921, bem como os representantes dos banqueiros ingleses, francezes e belgas. Nas referidas conferencias discutio-se e approvou o novo plano que será submettido em Nova York ao Sr. de la Huerta, e que se refere á consolidação da divida e a fórma por que deverão ser pagos os juros atrazados, plano este que se julga satisfará o governo mexicano, dado o interesse que os banqueiros têm mostrado por resolver nos problemas financeiros do Mexico. Julga-se que influirão para a favoravel solução desta questão a confiança cada vez maior, que nos Estados Unidos se tem para com o governo do general Alvaro Obregon, e o prestigio de que desfruta nos centros financeiros norte-americanos o representante do nosso governo, Sr. de la Huerta, que brevemente iniciará os trabalhos que o levaram a Nova York.

A DOCTRINA DE MONROE E A AMERICA LATINA

A doutrina de Monroe — escreve o Sr. Felix Perez na *Cuba Contemporanea* — começa a encontrar objecções ou, antes a reclamar certas modificações nas Republicas da America Latina. No Uruguay, Republica Argentina, Colombia, os homens mais eminentes, reconhecendo embora as

vantagens dessa doutrina, notam que ella pôde ás vezes, ferir, na sua fórma, as susceptibilidades dos paizes que quer defender e que entendem poder dispensar tal protecção. No entanto, esse inconveniente desapareceria por completo se todos os Estados americanos formulassem declarações analogas, entrando em accordo para intervir em favor de qualquer delles — inclusivamente os Estados Unidos — que, para defender os seus direitos, se visse em guerra com qualquer potencia. Na America Latina é hoje opinião geral que os Estados são capazes de se defender a si mesmos e que a doutrina de Monroe se pôde afinal reduzir a esta formula: a influencia da America do Norte em vez da influencia da Europa. Essa doutrina não deve ser aceita por que ella estabelece uma situação para a qual os outros americanos não foram consultados e, por conseguinte, vai de encontro á independencia e soberania dos povos, que toma sob a sua protecção. E estas opiniões constituem para os Estados Unidos tantas outras sugestões para que renunciem á doutrina de Monroe e se juntem á Sociedade das Nações, cujos principios são, até agora, incompatíveis com os seus.



A PAZ MUNDIAL

No "lunch" que lhe foi ha dias offerecido pelos membros da Camara dos Commons que apiam a politica internacional do gabinete, o primeiro ministro inglez, Sr. Lloyd George, teve occasião de se referir por duas vezes á Conferencia de Genova. O principal proposito dessa assemblea — disse — foi cuidar da restauração das finanças internacionais, do restabelecimento das relações commerciaes, de uma maior vinculação de relações diplomaticas, e do afastamento de certas disputas que poderiam fazer perigar a paz das nações. Os principaes obstaculos que se apresentavam aos delegados eram: a circulação fiduciaria dos diversos paizes; a instabilidade dos cambios; as questões aduaneyras; as restricções ao commercio; as difficuldades de transporte e a falta de segurança contra as guerras. Quatro commissões tinham sido designadas para tratarem desses problemas. Os resultados obtidos pelas nações nessa conferencia foram importantes e o perigo da guerra foi conjurado. Lloyd George, porém, não considera completo o trabalho da Conferencia; apenas o considera iniciado. Sua impressão, entretanto, é que ella conseguiu muito. Trinta e quatro nações tinham ido alli para discutir suas divergencias, remover difficuldades e afastar apprehensões, fazendo um esforço real por chegarem a um entendimento como até então nunca tinham alcançado; e nações que tinham estado em sanguinolento conflicto umas com as outras. Se a Conferencia de Genova não tivesse tido êxito, as condições da Europa seriam verdadeiramente tragicas: as vias de commercio embaraçadas pelas restricções e entraves e, além disso, a esmagação commercial dentro de envenenados pantanos; disputas, suspeições e disseções entre as nações, que acabariam em grandes conflictos. Mas o êxito, mesmo parcial, da Conferencia de Genova, foi esse grande passo para ser attingida a paz na Europa. "Nós tomamos posições — disse Lloyd George — de onde poderemos avançar mais tarde. Amanhã avançaremos. Nós estabelecemos a paz entre as nações que tinham preparado exercitos, umas contra as outras. Se nós pudermos ir para a frente e fizermos um accordo, contando com a boa vontade e a cooperação destas grandes nações, o effeito psychologico sobre a Europa será immediato e incalculavel". Lloyd George disse tambem que era necessario manter a unidade das forças politicas do paiz; e, voltando a tratar da Conferencia de Genova, manifestou a sua impressão de que a Europa estava tão convencida da necessidade de paz, que a opinião publica despertada pelas discussões daquella assemblea e os apellos que esta fizera, não aos governos mas aos povos que dirigem os governos, eram de tal ordem que impulsionaram o carro da paz para o seu grandioso fim. Era cedo demais para esperar que em seis semanas pudessem ser accommodadas todas as difficuldades, removidos todos os preconceitos e estancadas todas as fontes de disseções na Europa. Não era tudo, mas já era alguma

coisa. O Imperio Britannico — disse Lloyd George — mobilizara para a guerra cerca de nove e meio milhões de homens, dos quaes tres e meio tinham morrido, e por isso elle tinha o direito de dizer alguma coisa sobre a paz. Como cidadão inglez — disse Lloyd George ao termino — farei o maior esforço por que, batendo-se por aquelle ideal, o Imperio Britannico empregue todo o seu grande poder em proveito da paz."

DEVEDORES DA INGLATERRA

O "Council of Foreign Bondholders", de Londres publicou, em Março, o seu relatório annual. A lista dos Estados, que não puderam cumprir os seus deveres, não augmentou muito apezar da depressão commercial existente e das fluctuações extraordinarias dos cambios. Infelizmente para nós Brasileiros, no numero desses Estados, se acham indicados, ao lado da Russia e do Honduras os Estados de Alagoas, Bahia, Pará e Amazonas, que são os que, pela sua incorrectão mais têm advogado a necessidade de reforma da nossa Constituição. Eis a lista dos Estados em atrazo nos seus pagamentos:

IMPORTANTANCIA APPROXIMATIVA

(Em libras)

	Do capital	Dos juros
Russia	1.746.721.002	324.256.632
Equador	2.344.749	1.077.655
Honduras	5.393.570	22.789.477
Mexico	54.956.213	19.882.842
Estado de São Luiz Potosi	187.300	89.904
Republica Argentina: Provincia de Corrientes	297.520	53.553
Brasil:		
Alagoas	238.420	10.381
Bahia	1.637.720	40.942
Pará	2.917.660	145.666
Cidade da Bahia	592.790	111.561
Cidade de Belem	2.078.700	159.992
Cidade de Manaus	269.800	66.775
Estados Unidos	12.000.000	36.000.000
Antigos Estados confederados	2.418.800	9.566.651
Total	1.832.079.244	414.260.615

O APERFEIÇOAMENTO DOS RADIO-TELEPHONEMAS

Os jornaes americanos annunciam que o novo invento do cientista John Hays Hammond inventor do torpedo dirigido por electricidade e do submarino controlado por ondas electricas, — permittirá os radio-telephonemas a serem recebidos unicamente pela estação destinatária. O invento é tido como sendo da maxima importancia, eliminando um dos maiores obstaculos ao emprego em grande escala do radio-telephone, ou telephone sem fio. O invento tambem permittit o emprego do "Systema Multiplex" na transmissão de radio-telephonemas, quer dizer que diversas telephonemas podem ser transmittidas simultaneamente na mesma onda.

A ESTATUA MYSTERIOSA

Certo grupo de exploradores que percorria territorios poucos conhecidos nas immedições de Grater Lake, perto de Portland, no estado de Oregon (America do Norte), fez em Setembro passado curiosissima descoberta. Com difficuldade immensa, agarrando-se aos troncos, ás lianas pendentes das arvores, escorregando pelo terreno em declive forte, galgavam esses exploradores a encosta de uma garganta profunda, quando, já a meio caminho, viram ao longe, á borda de precipicio altissimo, debruçada sobre o rio profundo que fervilhava em baixo, uma mulher nua, de cabeça pendida e braços em attitud de desesperação. A muito custo, depois de horas de ascensão, tendo ainda que abrir picadas a machado, na floresta intrincada, chegaram elles á alta riba, onde verificaram estar em presença de uma obra de arte, realistica, de estranha expressão, admiravelmente esculpida na rocha, sobre saliencia projectada a 120 metros acima do rio. Impressionados com o que viam examinaram cuidadosamente a pedra onde affixou se lhes deparou esta curta inscripção: "1894 — Mary". Artistas que viram photographias dessa figuram julgam-na obra de um escultor genial. Os exploradores dizem que o ponto onde se acha a estatua e, ainda, a sua attitud e a sua expressão, fazem suppôr que ella recorde uma tragedia de amor, accorrida ha muito naquellas solidões selvagens.



VALOR ECONOMICO DOS PORTOS BRASILEIROS

O porto de Santos figura em primeiro lugar na estatística da nossa exportação para o Exterior, vindo depois em segundo o Rio e a Bahia em terceiro.

É interessante o seguinte quadro demonstrativo referente ao porto de Santos, respectivamente sobre valor e quantidade dos productos exportados:

	Contos	Em libras..
1921	841.014	28.771.457
1920	860.436	33.250.301
1919	1.037.487	64.457.871
1918	371.446	20.005.365
1917	490.279	32.685.287

Em quantidade a exportação foi a seguinte:

	Toneladas
1920	771.679
1919	766.170
1918	486.546
1917	618.615
1916	685.503

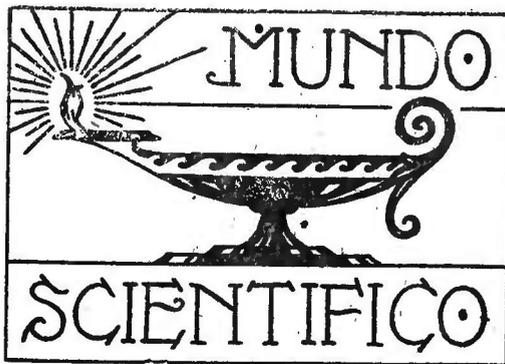
Num quadro geral, assim se classificam os portos brasileiros:

Santos	841.014:000\$000
Rio	274.968:000\$000
Bahia	133.922:000\$000
Recife	81.219:000\$000
Victoria	47.664:000\$000
Sant'Anna do Livramento	37.769:000\$000
Belém	37.276:000\$000
Manãos	36.996:000\$000
Paranáguá	33.136:000\$000
Rio Grande	29.518:000\$000
Porto Alegre	24.048:000\$000
Fortaleza	20.508:000\$000
Maceió	19.205:000\$000
Pelotas	16.026:000\$000
S. Luiz	11.324:000\$000
Ilha do Cajueiro	10.354:000\$000
S. Francisco	10.119:000\$000
Cabedello	8.904:000\$000
Uruguayana	6.746:000\$000
Foz do Iguassu	4.673:000\$000
Natal	5.385:000\$000
Antonina	3.273:000\$000
Corumbá	2.667:000\$000
Itacoatiara	2.080:000\$000
Itaquy	1.630:000\$000
Juaraky	1.523:000\$000
Bagé	1.483:000\$000
Florianopolis	912:000\$000
Porto Murinho	580:000\$000
Porto Esperança	435:000\$000
São Borja	306:000\$000
Itajahy	304:000\$000
Jaguarão	263:000\$000
Oyapock	199:000\$000
Laguna	127:000\$000
S. Xavier	54:000\$000
Amapá	49:000\$000

Feita a classificação pelos Estados, a situação se modifica, pois que o Rio Grande do Sul assume um dos primeiros lugares. Assim, pelos dados de 1921, o valor da exportação assim se descreve pelos diversos Estados:

S. Paulo	841.014:000\$000
Distrito Federal	274.968:000\$000
Bahia	133.922:000\$000
Rio Grande do Sul	120.405:000\$000
Pernambuco	81.219:000\$000
Espirito Santo	47.664:000\$000
Paraná	43.088:000\$000
Amazonas	39.076:000\$000
Pará	37.524:000\$000
Maranhão	21.696:000\$000
Ceará	20.508:000\$000
Alagoas	19.205:000\$000
Santa Catharina	11.462:000\$000
Parahyba	8.904:000\$000
Rio Grande do Norte	5.385:000\$000
Mato-Grosso	3.682:000\$000

Do exposto claramente se infere, e por maneira inequivoca, a situação de supremacia do Estado de S. Paulo na economia Geral da Nação.



DR. ALOYSIO DE CASTRO

A Sociedade das Nações acaba de nomear o illustre Professor Aloysio de Castro, Director da nossa Faculdade de Medicina e membro da Academia de Letras, para fazer parte da comissão encarregada pelo Conselho da Liga, em Genebra, de estudar as questões de cooperação intellectual em todo o mundo. A alta distincção conferida ao nosso patricio foi recebida com grande alegria e repercutiu intensamente em todos os circulos intellectuaes do paiz, onde o illustre professor goza do maior prestigio, de sciencista emerito e de escriptor poderoso e elegante. Para se avaliar do verdadeiro significado da escolha do Dr. Aloysio de Castro e da honra que ella representa para o Brasil basta referir os seus outros dez companheiros pois ainda não foi escolhido o delegado norte-americano. Pertencem á comissão, afóra o nosso patricio, Einstein, o grande sabio que acaba de operar na phisica uma revolução integral com suas theorias transcendentaes sobre a relatividade; Bergson, o mais insigne philosopho dos tempos que correm; Madame Curie, a notavel sciencista, cujos estudos sobre o radium celebrisram seu nome; J. Destrée, da Academia belga; G. A. Murray, da Universidade de Oxford; Reynold, da Universidade de Berne; Ruffini, da Universidade de Turim; Torre Suevedo da Universidade de Madrid; Banerjee, da Universidade de Calcuttá e a senhorinha Bennievé, da Universidade de Christiania. Terá assim o Professor Aloysio de Castro assento entre figuras do maior relevo no pensamento moderno, em cujo meio sua presença ha-de contribuir para maior grandeza do Brasil, honrando-lhe a obra de cultura. Acompanhamos pois, com alegria e orgulho o nosso illustre patricio, formulando os melhores votos.



ACADEMIA BRASILEIRA

A Academia Brasileira realizou no dia 30 do mez findo uma sessão publica em homenagem á memoria de Porto Alegre. Numerosa assistencia enchia o salão da Academia, tendo occupado lugares especiaes os Srs. Carlos Penafiel, Joaquim Osorio e Sergio de Oliveira, Deputados pelo Rio Grande do Sul, e os representantes da Academia Fluminense de Letras Srs. Antonio Figueira de Almeida, Lacerda Nogueira e Monseñor Dr. Olympio de Castro, bem como o Sr. Dr. Bruno Lobo, Presidente da Sociedade Brasileira de Bellas Artes, a cujos esforços, ajudados pelo Governo Federal e pelo Governo do Rio Grande, se deve a trasladação dos despojos de Porto Alegre para o lugar de seu nascimento. Sobre a mesa da directoria via-se o retrato de Porto Alegre circundado de flores naturaes. Aberta a sessão, o Sr. Presidente Carlos de Laet poz-se de pé e fallou perto de uma hora, fazendo o elogio do saudoso poeta e artista, patrono por elle escolhido na fundação da Academia. Seguiu-se com a palavra o Sr. Alcides Maya, que leu da tribuna um discurso que será mais tarde publicado na "Revista da Academia." Por fim, o Sr. Augusto de Lima recitou as melhores paginas do poeta do "Colombo".

A BIBLIOTHECA DA ACADEMIA

A Bibliotheca da Academia Brasileira achase actualmente a cargo do Sr. Alberto de Oliveira, tendo estado anteriormente sob a direcção successiva dos Srs. João Ribeiro, Raymundo Corrêa, Paulo Barreto, Afranio Peixoto, Olavo Bilac e Goulart de Andrade. Foi iniciada em 1907 com o donativo que as livrarias Garnier e Laemmert fizeram em volumes encadernados, das obras dos academicos e seus patronos. Teve mais tarde notavel incremento com a doação de livros que pertenceram a Machado de Assis, Lucio de Mendonça. O Sr. Domicio da Gama, ao deixar a presidencia da Academia, offereceu-lhe a colleção completa dos discursos pronunciados na Academia Francaza.

INSTITUTO DE ADVOGADOS

Foi eleito orador-official deste Instituto, o Sr. Professor Eugenio de Barros Falcão de Lacerda.

ACADEMIA DE MEDICINA

Por proposta do Dr. Garfield de Almeida, a Academia votou uma moção em que "de accordo com o art. 2º dos seus estatutos, suggeria respeitosa e ao Governo Federal a necessidade urgente e imperiosa de ser posta em execução a lei n. 1.261, de 31 de Outubro de 1904, como o unico meio de ser dado combate efficaz á variola." Essa indicação teve o applauso de todos os academicos presentes e o Secretario Geral da Academia de Medicina dará conhecimento do assumpto ás autoridades do Departamento Nacional de Saude Publica.



A PARADA DO CENTENARIO

Dentre as projectadas festas do Centenario nenhuma se nos afigura mais importante que a grande parada do Centenario, que val revelar, aos olhos de nacionaes e estrangeiros, o nosso poder militar. O Governo resolveu augmentar o effectivo do Exercito do tempo de paz, convocando os reservistas instruidos das classes de 1892 a 1899. De 1 a 7 de Agosto proximo futuro deverão apresentar-se nas sédes dos commandos das regiões, ou nos corpos mais proximos de suas residencias, todos os brasileiros daquellas classes que possuem a caderneta de reservistas de 1ª ou 2ª categoria. Os primeiros, conforme é do conhecimento de toda a gente, foram instruidos nas fileiras do Exercito activo; os segundos obtiveram suas cadernetas nas linhas de tiro, estabelecimentos de instrucção e politicas militarizadas.

FRUTOS DA MISSÃO FRANCEZA

As escolas de Intendencia do Exercito registraram o primeiro anno de seu funcionamento, sob o influxo da Missão Franceza. A 27 de Maio do anno passado, foram iniciados os novos cursos, tendo se formado 30 intendentes de guerra e 30 officiaes de administração, os quaes já se encontram no exercicio de suas funcções na tropa. A proposito da passagem dessa data, que é considerada feriado, o Coronel Antonio Aranha Meira de Vasconcelos, commandante das Escolas de Intendencia, baixou longa ordem do dia historiando a vida dos cursos e enyarecendo-os. Refere-se ao concurso do Coronel Buchalet, director geral do ensino das escolas de Intendencia e aos commandantes Saly e Tauvelet. Em um dos trechos da sua ordem do dia, o Coronel Aranha assim se externa: "Estamos principiando e, como tudo o que começa, ainda necessitamos, é certo, de mais profunda experiencia, relativamente á perfeição dos methodos, que mais justamente se coadunem com a facilidade de transmissão de conhecimento inherentes aos servicos de intendencia em nosso meio. Precisamos apenas aperfeiçoar o ensino, tornando-o mais pratico, facto este que facilmente será conseguido, porque vejo o interesse do Exm. Sr. Dr. Pandiá Calogeras, Ministro da Guerra, em apparellhar o Exercito de tudo o que ha de melhor e mais necessario. Nunca tivemos tantas escolas como actualmente: nunca o Exercito se sentiu tão fortemente attrahido pelo sen-

timento de mal profissionalismo, como no actual periodo governamental. Explique-se como se quizor tal facto, mas ahi temos, para corroborar o que affirmo a realidade de um exercito muito mais instruido do que outrora. Completamos a instrucção propriamente militar com a soluçao do problema da selecção tecnica, fornecendo aos que hão de dirigir o Exercito a maior somma de conhecimentos, o maior descortino intellectual possível e teremos assim muito contribuido para a obtenção da maxima eficiencia do nosso Exercito"



UM CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDANTES NO RIO

No salão nobre do Hospicio Nacional de Alienados reuniram-se os academicos desta Capital para a organização de um Congresso Internacional de Estudantes, a realizar-se no Rio de Janeiro, em commemoração ao Centenario da nossa Independencia. A ella compareceram academicos de Medicina, Direito e Engenharia, tendo sido elaboradas e approvadas as bases geraes do Congresso Internacional de Estudantes, as quaes serão dadas á publicidade brevemente. Para tomar parte nesse Congresso, serão convidados os estudantes brasileiros e os de todos os palzes da America, Europa e Asia. Nessa reunião elegeu-se a commissão executiva do Congresso, assim constituida: Presidente, Hermelino Lopes Rodrigues, sextanista de medicina; Secretario, Hotschild Nogueira, quartannista de direito, e Theseureiro, Lyceandro Pereira da Silva, terceannista de engenharia.



o ESPOLIO ARTISTICO DE PEDRO AMERICO

O Congresso de Geographia reunido e encerrado recentemente na Parahyba do Norte telegraphou ao Sr. Presidente da Republica pedindo que iniciasse negociações para aquisição do espolio artistico de Pedro Americo, figurando, se possível, na commemoração do Centenario. Como o Sr. Epitacio Pessoa é filho da Parahyba, póde ser que os desejos justissimos dos parahybanos sejam attendidos, com o que muito lucrará as nossas artes plasticas.

LUIZ DA COSTA

Pernambuco acaba de perder uma bella esperanza de suas artes plasticas no joven pintor Luiz da Costa, morto prematuramente no dia 23 do mez findo. Tinha apenas 21 annos de idade e era uma organização artistica apreciavel. Modesto, retrahido, foi a instancias de amigos que realizou recentemente a primeira exposiçao de seus quadros. O exito obtido foi animador, a critica não regateando elogio ao joven artista, festejando o paisagista novo. Viu todos os seus trabalhos adquiridos tendo ainda o Congresso votado uma pensão para Luiz da Costa cursar, durante tres annos, a Escola Nacional de Bellas Artes. Delle, ainda após a morte escreveu Annibal Fernandes, um dos seus admiradores amigos:

"Pobre artista! Morre certamente em plena florescencia, sem que a sua arte houvesse attingido o ponto a que chegaria com tempo, paciencia e estudo. Aos vinte e um annos, obra que elle deixa é todavia digna de apreço. Diante de si, tinha as mais largas possibilidades. Era um paysagista nato, com um sentimento admiravel da natureza que a disciplina aperfeiçoaria ainda mais. Foi um poeta e um predestinado. Nelle havia qualquer coisa de vago e de triste. A sua palheta mesmo compunha-se na melancolia. Lembro-me bem de

uma paysegem sua, a pastel em que corre um rio carregado de sombras. Nos seus quadros não se notava a vibração palpitante do sol. Mas sentia-se sempre u'a nota de saudade e de mysterio."

CLARA WELKER

A joven pintora Clara Welker apresentou-se ao nosso publico individualmente, com uma exposiçao de pequenas impressões, que foram muito apreciadas. Revelou-se a artista uma apaixonada da natureza, fazendo a paisagem com certa belleza e certo brilho. Tendo expostos quadros de hoje e de outras épocas, quando menos habil era no pincel, admiram-se telas apreciaveis, ao lado de outras que nada valem, porque faltam-lhe espirito esthetico. Mas a senhorinha Clara Welker revelou-se uma pintora de muita esperanza e estudiosa, o que nos faz esperar de sua palheta, obras mais douradas e pela qual se manifestem os seus meritos.

UM IMPRESSIONISTA

Após uma estadia de cinco annos na Europa, no gozo do premio de viagem conquistado no curso na Escola Nacional de Bellas Artes, o distincto pintor Marques Junior expõe na Galeria Jorge, á rua do Rosario, uma dúzia de quadros — o que ficou de um accidente que destruiu o melhor do seu trabalho e estudo. Quando daqui partiu, Marques Junior era um desenhador apreciavel, pintando com certo vigor. No centro artistico da capital do mundo, assistindo o desenvolver das modernas correntes estheticas, de que são pontifices Claude Monet, Renoir, Boudin e outros renovadores — Marques Junior comprehendeu que a verdadeira arte estava no "impressionismo", que é a creação da "belleza do caracter", segundo Monclair, a materialização da luz na pintura, e formou ao lado dos batalhadores novos. Foi uma evolução rápida e brilhante. O que de Paris mandou para o nosso "Salão" era sentido na nova esthetica, em rivalidade com o que elle chama "os dogmas já gastos do academicismo". E o que agora expõe é uma prova inconcussa de um esforço bom, um "impressionista" sem exageros e que póde, na luz maravilhosa do nosso paiz, fazer cousas magnificas. O seu quadro "Juventas", é realmente uma obra admiravel, como o "A Parlienze", de muita graça e muita psychologia, como ainda "Melancolia", onde vibra com ignoto pesar, o reflexo triste de uma nuvem toldando o coração da creaturinha meiga. São ainda assim, cheios de sentimento e justa comprehensão da nova esthetica, dentro dos principios da technica moderna "No espelho", "Dançarina" e "Estudo de cabeça", que figurou no "Salon" de la Société des Artistes Français de 1920. O successo que a exposiçao de Marques Junior vai alcançando é uma prova de que a sua arte foi bem comprehendida e de que vamos ter — como a França teve Morisot, Guillaume e outros, um artista de merito, abrindo, á luz moça da nossa terra, novos horizontes á arte patria.

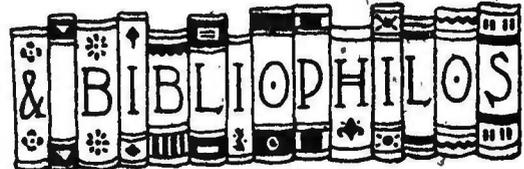
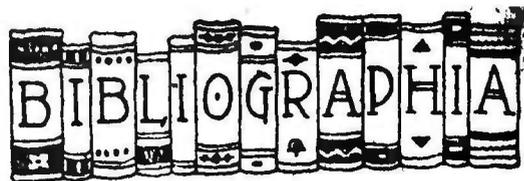
PANORAMA DA CIDADE DE SANTOS

O Governo paulista comprou por 10 contos, o quadro do illustre pintor Benedicto Calixto, intitulado "Panorama da cidade de Santos em 1922". Este quadro foi expressamente adquirido para o Museu do Ypiranga.

EXPOSIÇÃO DE CERAMICA ARTISTICA

Foi bastante apreciada a exposiçao de objectos de ceramica artistica, da fabrica do Sr. J. B. da Camara Canto. Effectivamente são de effeito agradável pelo modelado e desenho os trabalhos expostos. Executados em barro, alguns conservam a sua cor natural, e outros imitam perfeitamente o marmore, o bronze, antigo e moderno, o metal dourado e a ceramica das épocas passadas. Todos os estylos estão reproduzidos, a escultura egypcia, grega e romana, assim como as modernas escolas em pedrestaes, vasos, bustos, estatuetas, medalhões, caixas, coche-posts, jardineiras, etc. Ha tambem uma variedade apreciavel de cabeças artisticas, de muito merito. Nos medalhões figuram os proceres da nacionalidade brasileira e todos os homens notaveis do velho e do novo regimen.

Veem-se tambem varios jardineiras e vasos, altos relevos reproduzindo, com muito belleza, motivos classicos diversos e imitações das grandes obras que enchem os museus do velho e do novo mundo. Temso assim uma nova industria no paiz, onde não faltam, antes possuímos em abundancia para o seu desenvolvimento a necessaria materia prima. E' de esperar, apenas, que o Sr. Camara Canto continue a trabalhar, não só com preocupação mercantil, senão esthetica, aproveitando nas suas obras materias que aqui não escasseiam.



AS EDIÇÕES DO ANNUARIO DO BRASIL

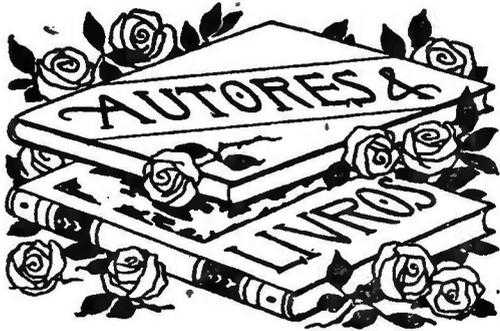
A ninguém de boa fé, que se proponha estudar o nosso meio literario, passará despercebido o desenvolvimento da industria e do commercio do livro no Brasil contemporaneo. Ainda alguns annos atraz, caprichavam os editores aqui estabelecidos em apresentar volumes de mesquinha feitura, mal cosidos e cartonados ás pressas, pelo mesmo processo por que, nas officinas ordinarias, se aprestam os cadernos de venda e as folhinhas do anno bom. Commerciantes de papeis impressos, chamou-lhes justamente um escriptor nacional, indignado com certos livreiros cujo gosto se pauta pelo amor do ganho facil e expedicto. Era o livro, no conceito delles, mercadoria como outra qualquer, sujeita aos mesmos principios que regulam o preparo dos fardos de fazenda e das mantas de carne. Não lhes mereciam os autores, até os mais famosos, maiores cuidados que, ao produtor de batatas e cebidas, dispensa o negociante de secos e molhados. Ficou assim pervertido no publico o senso das bellas obras, pois, o que lhe offereciam eram monstros e calhamagos de repugnante aspecto. Nunca foi dada aos nossos mais eminentes escriptores a honra de uma edição condigna. Para taes individuos, vale Machado de Assis tanto como o primeiro tabaré que vem da provincia, humilde, com uma collectanea de versos piñios debaixo do braço.

De par com o Sr. Monteiro Lobato, vai o Anuario do Brasil prestando assignalados servicos ás nossas letras. Dia por dia se avolumam nas livrarias as edições das duas casas do Rio e de S. Paulo. Agora mesmo, acabam os Srs. Monteiro Lobato & C. de lancar á venda varios livros novos, entre os quaes cumpre destacar os *Pequenos Estudos de Psychologia Social*, de J. F. Oliveira Vianna, *A Mulher que peccou*, de Menotti del Pichia, *Redempção*, de Veiga Miranda, *Sonho de Gigante*, de J. A. Nogueira, *A paisagem no conto*, no romance e na novella, de Fabio Luz, *Tropas e Boiadas*, de H. de Carvalho Ramos, *Joaquim Nabuco*, de Henrique Coelho, e *Notas de um Estudante*, de João Ribeiro.

Depois do *Fausto*, de Renato Almeida, cujo successo de imprensa e livraria tem sido enorme, vem o Anuario do Brasil de publicar os seguintes volumes: *Thomas Antonio Gonzaga*, com prefacio e notas de Alberto Faria; *Imitação de Christo*, versao portugueza do P. Venerio A. Cordeiro; *A Italia Azul*, de Jayme Cortesão; *Obstinados* (contos), do Visconde de Villa Moura; *Cousas do Tempo*, de Tristão da Cunha; *Pascal e a Inquietação Moderna*, de Jackson de Figueiredo; *Conversas*, de Coelho Netto; *Historia do Estado do Rio Grande do Norte*, de Rocha Pombo. O apuro com que são editadas as suas obras, tem valido ao Anuario a frequencia de outros editores, a exemplo dos Srs. Brigueit & C., e da Livraria Castilho, que ahi fizeram imprimir trabalhos de vulto.

Em que pése á apinhão de alguns criticos impertinentes, os volumes de autores escolhidos da *Anthologia Nacional*, que o Anuario põe em circulação todos os mezes, merecem justos louvores. A divulgação das obras primas da litteratura portugueza, de tão difficil conhecimento, assim como a traducção escorreita dos mestres estrangeiros, bastariam para recomendar o editor. Acresce ainda que taes volumes se fazem acompanhar de introduções e commentarios preciosos como os que nos deparam as *Liras*, de Gonzaga, minuciosamente estudadas pelo Sr. Alberto de Faria, o mais abalizado critico e historiador literario do assumpto. Fica assim ao alcance do publico uma serie valiosa de pequenas selectas, onde os bons exemplos de lidima lingua se ajunta o prazer da amavel leitura. Tudo são indícios, pois, de que brevemente poderemos ver as obras dos brasileiros na vestimenta de que são merecedoras. Terão influído grandemente nesta reforma, tanto os Srs. Monteiro Lobato & C. quanto o *Anuario do Brasil*.

Em breve serão publicados por este: — *Poesias*, de Raymundo Correia *Epigrammas Ironicos e Sentimentaes* e *O Espelho de Ariel* (ensaios), de Ronald de Carvalho; *Os Bastiões da Nacionalidade*, de Elycio de Carvalho; *Intelligencia das Gousas*, de João do Norte; *Atravez dos Estados-Unidos*, de Gomes Leite; *Trabalhos de Jesus*, de Frei Thomé de Jesus, revistões por Edgard Prestage e P. Valerio Cordeiro; *Por Dalmácia e Fiume*, de Affonso Lopes de Almeida; *Gil Vicente*, de Anselmo Brancaamp Freire; *O Marquez de Pombal e sua epocha*, de Lucio de Azevedo; *Iliada*, adaptação para creanças por D. Virginia de Castro e Almeida; *Introdução á Historia de Portugal*, de A. J. Anselmo; *Noites de Sabbado*, de Augusto de Lima; *Affonso Arinos e o Sertanismo*, de Tristão de Athayde. Da *Anthologia Universal* estão no prelo: *Os melhores sermões de Vieira*, prefacio e notas de Afranio Peixoto, *A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, *Contos de Imaginação e mysterio*, de Edgar Poe, traduzidos por Januario Leite. Melhor do que qualquer louvor, esta lista de publicações realça o esforço e o triumpho da grande Casa editora, que, com a *Renascença Portuguesa*, do Porto e a *Seara Nova*, de Lisboa, constitue um centro admiravel de cultivo das boas letras.



FELISBERTO CALDEIRA, chronica dos tempos coloniaes, por Rodrigo Octavio, Livraria Aillaud e Bertrand, Paris e Lisboa, 1921, 2ª edição. O A. é um dos nossos escriptores mais estimaveis, pela sua probidade, pelo brilho da sua composição e pela sua cultura. Poeta e prosador, e sua obra é considerada sem favor como representativa da litteratura brasileira no que ella tem de superior como expressão e como pensamento. Até hoje, publicou: *Pampas*, versos de 1884 e 1885; *Poemas e Idylls*, versos de 1886; *Christo*, novella, 1889; *Festas nacionaes*, educação civica, já no 20 milheiro, 1892; *Sonhos fumestos*, drama em verso, 1895; *Bodas de sangue*, novella, 1895; *A estrada*, drama, 1908; *A balaiada*, estudo historico, 1909; *Vera*, poema, 1916. *Felisberto Caldeira*, cuja primeira edição foi publicada ha mais de 20 annos é, no genero, um dos nossos bons livros, e, talvez, a melhor producção do A. A historia é o caso doloroso do contractador de diamantes Felisberto Caldeira Brant, que, vivendo no seculo XVIII, no Tejuco, o famoso *Districto Diamantino*, cheio de prestigio e de opulencia, é injustamente, por despeito e perseguição dos prepostos de El-Rei, preso remetido para as encovias do Limoeiro, em Lisboa, onde morreu miseravel, despojado de toda a riqueza e consideração sem ter podido rever a esposa amada e a querida terra. O A. conta esse tragico episodio da nossa historia colonial num estylo claro, limpo e suggestivo, com forte poder evocativo e, o que é mais, com emoção.

PARA A HISTORIA DA PHILOSOFIA EM PORTUGAL, subsidio bibliographico, por Fidelino de Figueiredo, Typ. da Empreza Litteraria e Typographica, Porto, 1922. É uma separata da *Revista de Historia*, vol. 11, 1922 de 200 exemplares. O texto compõe-se de um prefacio, de uma bibliographia portugueza de philosophia e de uma bibliographia estrangeira para o estudo da philosophia em Portugal. O nome do A. é vantajosamente conhecido no nosso paiz onde elle, ha dois annos, nos deu uma serie de interessantes conferencias acerca de assumptos de litteratura lusitana. Socio da Academia de Sciencias de Lisboa, director da *Revista de Historia*, membro de varios de nossos institutos e de innumerables associações estrangeiras e ex-director da Bibliotheca Nacional portugueza, o seu labor é fecundo e insigne, representado principalmente pelos varios volumes da *Historia da Litteratura Portuguesa*. Dotado de forte capacidade do trabalho, senhor de uma invejavel cultura e investigador infatigavel é um dos mais completos humanistas da peninsula, além de escriptor probo, perspicaz e brilhante. Além do trabalho que origina estes breves commentarios, revela-se com as excellentes qualidades que fizeram d'elle um orientador acatado da mentalidade lusitana, neste momento.

A RAINHA D. LEONOR, 1458-1525, pelo Comde de Sabugosa, Portugalia, editora, Lisboa, s/d. O A. é mestre consumado na arte de evocar, é, desde muito, exerce esse mister delicado, aristocratico e para poucos de investigar, interpretar, explicar e esclarecer a historia portugueza antiga. Pela sua obra, nervosa e suggestiva, composta com a mais natural e captivante elegancia, pelo seu estylo de boa linhagem, simples e claro com o bom dizer dos maiores da lingua, pela escolha dos assumptos, pela sua erudição discreta e escolhida, pelo seu bom gosto litterario e pela sua probidade, além de outros muitos predicados, conquistou um lugar brilhante, á parte, entre os primeiros escriptores portuguezes. Se o poeta encanta pela belleza e harmonia do verso, que nunca é na sua obra banal ou incolor, o narrador de ficção ou o contador de historia verídica deleita sempre, seduz, fascina. Lê-se qualquer uma das suas obras, seja *Embrechados*, *Gente d'algo*, *Domos dos tempos idos* ou *Neves de antanho*, com prazer igual e com o mesmo encanto, tal como succede com os bons vinhos antigos, que conservam o mesmo capitoso saber e colorido. Este livro acerca de D. Leonor, veio confirmar o conceito geral em que é tido o escriptor em Portugal e no Brasil, onde innumeros são os seus admiradores: A Rainha Dona Leonor é uma das mais nobres figuras de Portugal, e que, como, diz o A., apparecendo na scena portugueza, no momento em que a nação cumpria a sua mais alta missão historica nos destinos da humanidade, soube ser com relevo, com força creadora e com proveito, não só a *parceira* do grande Rei seu marido, mas a soberana. Viveu nobremente, recriou só praticando o bem e diffundindo a arte, morreu em belleza coroada com o nimbo da santidade. A sua existencia foi uma serie de quadros coloridos pela magia da sua grande alma, tocados da graça quasi divina de sua intelligencia, ou realçados pela bondade de um coração que amou e tambem muito soffreu. Na explicação prévia, lamentando que o personalidade de D. João II, que tão grande foi tivesse feito esquecer até agora essa figura representativa de mulher, escreve o A.: "O seu vulto, no periodo mais fecundo do cyclo aureo, tem uma grandeza notavel que se impõe á attenção de todos os que presam as glorias patrias, e seduz ainda tambem como estudo de uma alma em que se agitaram a par da iniciativa fecunda de rainha de um povo em plena expansão da sua actividade, os sentimentos de maior violencia, que podem atravessar um coração feminino. Assistiu á agonia da quadra cavalheirosa, e á operação cyclopica effectuada por seu marido uma transformação dos processos pelos quaes se governam as nacionalidades; interessou-se pela faina dos descobrimentos e pelo movimento das idéas, que prepararam a Renascença portugueza; esteve em contacto espirital com os sabios, os artistas, os guerreiros e os navegadores, de, que esta época foi tão fertile; presidiu a festas de aparato, a jogos do *gaya sciencia*, a *córtex d'amor*, e fundou institutos impereciveis para alluvio das miserias; encommendou obras d'arte que ainda hoje nos encantam; estendeu a sua protecção ás primeiras tentativas dos artifices *empremeiros*, e á paciente arte dos que adornam com illuminuras os livros de *Horas*, em que resava; e por ultimo, entre as suas maiores glorias, amparou, no seu primeiro balbuciar o fundador do theatro portuguez. Como mulher o seu animo foi tocado por algumas das alegrias que são mais gratas na vida, e foi victima das maiores desventuras que podem retalhar o coração..." A Rainha D. Leonor é, repetimos, um formoso livro, refulgente de belleza e de verdade e o A. nesse difficil genero, mixto de arte e de historia, attingiu a perfeição.

CORAÇÃO DA EUROPA, por Gustavo Barroso, editor, A. J. Castilho, Rio de Janeiro, 1922. Trata-se de um estudo sobre a republica Tchecoslovaca. Além do prefacio, de uma pequena bibliographia e um appendice, onde se encontram varios escriptos, contém o livro 8 capitulos versando sobre a geographia, a historia, a politica, a economia, a defesa nacional, vida financeira e a litteratura da forte e sympathica nacionalidade, que se formou pela união dos tchecos e slovacos, ramos de uma mesma raça, habitantes das antigas provincias austro-hungaras Bohemia, Mosario, Silesia, Slovaquia e Russia sul-Karpathica, e que, através dos seculos o máo grado todas as oppresses conservaram sempre intactos o sentimento ethnico e o espirito da liberdade. O livro de Gustavo Barroso, escriptor sempre interessante e suggestivo, merece por muitos titulos ser conhecido.

AS DUAS EDIÇÕES DOS LUZIADAS DE 1572, por Alexandre de Albuquerque, Papelaria Ribeiro, Rio de Janeiro, 1921. Nesta monographia discute-se, agtado pela Bibliotheca Nacional, de

Lisboa, o controvertido problema bibliographico da edição *princeps* dos *Luziadas*. Propondo-se essa instituição, reproduzir em *fac-simile* a primeira edição estampada do poema nacional sabendo que o Gabinete Portuguez de Leitura possuía um exemplar da primeira edição, dirigiu sua consulta á conhecida corporação do Rio de Janeiro acerca do assumpto. O resultado foi esta bella monographia do A., que é trabalho consciencioso de erudição e de polemica, e escripto ainda com methodo e muito clareza. Concluindo o A. affirma: as edições com a data de 1572 são apenas duas; a edição *princeps* é a que tem o pelicano voltado para a esquerda do leitor; a segunda é a que tem o pelicano para o lado direito; a terceira é a chamada vulgarmente dos *Piscos*, de 1584; a reimpressão não foi realizada para emendar a outra, nem para escapar á censura, tão sómente com animo commercial, mercê do esgotamento do primeiro; a data da reimpressão, não pode localizar-se fóra do Privilegio, isto é, depois de 1582; tudo indica que essa reedição se fez nos primeiros annos do Privilegio, durante a actividade de Antonio Gonçalves, 1572 a 1576; que as maiores probabilidades revertem a favor dos annos de 1572 e 1576, e mais deste, que de aquelle; que na ultima hypothese, a data de 1572 é uma negligencia do editor, ou um desfarce para evitar acrescendamentos no poema; tudo indica, finalmente, a influencia de Camões na edição *princeps*, e tudo indica a sua ausencia na outra. No nosso entender, o A. revolveu definitivamente o curioso problema, com este estudo, que enriquece a bibliographia camoneana ao mesmo tempo que lhe aumenta a reputação de publicista brilhante, sabedor eximio de historia e litteratura portuguezas.

LITTERATURA PARAENSE, por J. Eustachio de Azevedo, editora A Semana, Pará, sem data. É uma synthese historica do movimento litterario do Pará, acompanhada de varios sonetos de poetas paraenses e de poesias esparsas do A. Na introdução, o A. revela erros, equívocos e faltas acerca da litteratura do Pará provenientes da ignorancia de nossos criticos, a começar por J. Verissimo, que embora paraense, no seu compendio de *Historia da Litteratura Brasileira*, não se referiu a um só escriptor ou poeta paraense, visto como no seu entender, ao "Pará a civilização brasileira nada, absolutamente, deve". O A. mostra que, além dos conhecidos Tenreiro Aranha e Bruno Seabra, o Pará possui uma pleiade de prosadores e poetas cheios de talento e inspiração, muitos delles dignos de figurarem em qualquer anthologia brasileira. Assim é que cita, entre outros, os nomes de Gomes de Amorim, Juvenal Tavares, Souza Filho, Julio Cesar de Souza, Santa Helena Magno, Rayol, D. Macedo Costa, Inglez de Souza, Tito Franco de Almeida, Paulino de Britto, Marques de Carvalho, Alves de Souza, João de Deus Rego, Sant'Anna Nery e Theodoro Rodrigues. O livro vale como um excellentes subsidio para a historia das letras patrias. O A., anteriormente, havia publicado um bem documentado volume intitulado *Anthologia Amazonica*, cujo segunda edição augmentada appareceu em 1918, no Pará, em que figuram os litteraturas dos dois Estados que constituem a Amazonia. No prefacio da *Anthologia*, o A. escreve: "A litteratura brasileira está no Rio de Janeiro, e tudo. Pois, bem, tratemos de nós, mostremos que nesta nesga da patria onde o Equador escaldava e o Amazonas rebrama, ha uma pleiade de poetas distinctos e inspirados, digna de acatamento e veneração". O A. sahu-se galhardamente da empresa.

QUEM VÊ CARA, por Mario Sette, Monteiro Lobato & C., editores, São Paulo, 1922. O A. é um nome de relevo na litteratura nortista. Tem uma bagagem apreciavel, ainda ha pouco nos tendo dado *Senhora de Engenho*, um romance de costumes pernambucanos que alcançou um exito muito estimavel. Antes já havia o A. publicado alguns volumes como *Ao clarão dos obuzes*, *Espinhos e rosas*, etc. É um escriptor moderno e brilhante, de quem os Srs. Monteiro Lobato & C. acabam de editar um livro interessante, denominado *Quem vê cara...*, uma serie de contos dialogos, breves, encantadores, de estylo ameno e graça. Lê-se todo o livro com prazer porque *Quem vê cara...* não diminui o valor do escriptor de *Outros olhos*, antes reafirma as qualidades innegaveis do A. É um livrinho excellentes.

FABULAS, por Monteiro Lobato, Monteiro Lobato & C., editores, São Paulo, 1922. É de Monteiro Lobato, o brilhante e popularissimo escriptor-editor. Como se deprehende do titulo não é do genero de *Urupês* nem dos outros volumes com que tem enriquecido a nossa lit-

teratura. *Fabulas*, adoptado em boa hora nas escolas publicas de São Paulo, não contém originalidades. Fazendo-as — diz o autor — nada mais fez senão dar forma sua ás velhas fabulas que Esopo, Lafontaine e outros crearam. Algumas são tomadas do nosso *folclore* e todas trazem em mira contribuir para a criação da fabula brasileira, pondo nellas a nossa natureza e os nossos animaes, sempre que é isso possível. Ao contrario de innumerous livros infantis que pullulam por ahí, *Fabulas*, de Monteiro Lobato deve ser recommendado ás creanças que nelle muito colherá de bom para o espirito novo.

HEPTACORDIO, por Ibrantina Cardona, Typ. Sociedade Editora Olegario Ribeiro São Paulo, 1922. — A A. resurge, após alguns annos de silencio, com um livro *Heptacordio*. Rivallando com a áddosa artista dos *Marmores*, na perfeição estrutural dos seus versos, Ibrantina Cardona mostra-se de uma riqueza de vocabulário ainda não attingido por nenhuma poetisa no Brasil collocando-se com seu recente livro na plana dos nossos melhores versadores. *Heptacordio*, divide-se nas seguintes partes: *Cordas*, *Vibrações bellhas*, *Culto pagão* e *Vibrações lyricas*. Do valor do livro da poetisa fluminense diz melhor do que qualquer elogio ao seu estro magnifico, o seguinte soneto *Sonho de Artista*:

"No anelo de subir á resplendente altura
Do teu pouso sereno, Arte divina e eleita,
Sem tregua, luto e canto; á forja que o tortura
O verso acheço e bato, ao meu suor sujeita.

Torço a fôrma e a retorço; abro á cinzeladura
O estylo, engasto á phrase a rima que deleita;
D'alma vibratil dou-lhe a harmonia, a flexura,
Dou-lhe a expressão e o animo; ergo a ideia
[perfeita...

Que assim passe na luta, e exgote a vida in-
[teira,

A rendilhar meu canto; e, pertinaz obreira,
Morra, embora ao sabor desse supremo goso.

De officina do ideal, do meu sonho de artista,
Versos de filigrana e rimas de amethysta
Hão de elevar-me. ó Arte, ao sólio do teu pouso"

Heptacordio reafirma, pois, brilhantemente, o renome de Ibrantina Cardona.

ITALIA AZUL, Jayme Cortesão, Annuario do Brasil, Rio, 1922.

A fantasia do poeta reúne o Sr. Jayme Cortesão, figura de relevo na moderna geração de escriptores lusos, o talento de narrar. E' um pintor de cousas e paisagens, um annotador leve e subtil de sensações e impressões. O livro que acaba de publicar não é apenas, como a qualquer critico apressado se afiguraria um rór de chronicas fugazes, feitas ao correr da penna, dessaboridas e inuteis. Um escriptor de verdade nunca deixa de ser interessante quando, como no caso, se inspira em motivos eternos nas creações mais altas do engenho humano. As vozes da terra italiana sempre nos suggerem lições ineditas. Quem, a exemplo do Sr. Jayme Cortesão, se debruçar commovido sobre o passado daquella gente illustre, encontrará materia digna de copiosas meditações.

Italia Azul é, ao mesmo tempo, um livro de historia e uma obra de arte. Ha nelle capitulos de observação e de critica esthetica muito apreciaveis como os que se referem á civilização pompeiana, que o autor mostra conhecer admiravelmente. Mas o que melhor nos impressiona em todas as suas paginas é a frescura de emoção, a sensibilidade e a finura de percepção do seu autor. Diante de um busto mutilado, de um painel de tintas embotadas, de um fragmento de cratera ou de amphora o Sr. Jayme Cortesão vae recompondo, trecho a trecho por um simples commentario ou uma formosa imagem, a physionomia de uma época. A graça com que elle descreve os interiores das villas de Pompeia é, por sem duvida, singular. Percebe-se, desde logo, que não defrontamos um mero passeador sem mira, disposto a embasbacar o leitor com meia dúzia de citações apanhadas a qualquer indicador ou incitadas pela intrujice dos cinceroses loquazes.

O Sr. Jayme Cortesão não se esquece de artista, e é um artista delicado, cheio de fantasia, transmitindo as suas impressões num estylo colorida e macio, que traçou os capitulos deliciosos da *Italia Azul*. Monumentos, homens, cousas, paisagens entrevistas pela portinhola dos combios, cidades percorridas na célere carreira do viajante, aldeias vislumbra-

das na distancia, entre campos e vergeis turbilhonates, tudo emfim, neste livro gentil é marcado com precisão, finura e sobriedade.

MACHADO DE ASSIS, por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim. Ed. Liv. Garnier. Rio, 1922.

Acaba de apparecer, elegantemente editada pela Livraria Garnier, uma selecta colleção de obras de Machado de Assis, organizada pelos Srs. Alberto de Oliveira e Jorge Jobim. Merece inteiro louvor o espirito com que foi feita essa Anthologia, digna do grande mestre do romance psychologico brasileiro. Os trechos de prosa e verso foram escolhidos com apuro e gosto, refulgindo ali as mais bellas paginas e as creações de maior relevo do nosso illustre escriptor. A *Capitu*, de "olhos de resaca", o subtil D. Casmurro, o desencantado Braz Cubas, o inquieto Rubião, todos os personagens da admiravel comedia de Machado de Assis, estão excellentemente representados nessa modelar anthologia. Realça-lhe ainda o incontestado valor, um prefacio do Sr. Jorge Jobim, traçado com elegancia e profundidade, vasado numa linguagem lidima e sobria. Vale por um capitulo da melhor critica litteraria o estudo penetrante, minucioso e verdadeiramente bello que o Sr. Jorge Jobim consagrou aos typos culminantes de Machado. Vemol-os na sua nudez psychologica, observamol-os através das suas tropas, guiadas por um atilado engenho, que os foi buscar dentro da propria vida, palpantes ainda do tumulto do mundo. O prefacio do distincto poeta e escriptor sul-riograndense é uma das melhores contribuições para o conhecimento da obra e da personalidade do autor de "Quincas Borbas"

ALAMEDA NOCTURNA, Rodrigo Octavio Filho, Annuario do Brasil, Rio, 1922.

O Sr. Rodrigo Octavio Filho é um poeta fino e delicado, que herdou as qualidades melhores da musa de Mario Pernherneiras. Sua poesia, comtudo, não é a de um discipulo nem a de um imitador, mas a de um espirito affirm com o do autor das *Historias do meu Casal*. Acresce ainda que a simplicidade dos seus versos tem já um requinte novo, qualquer cousa de espontaneidade agreste de Francis Jammes e da doçura penetrante de Rodenbach. Pertence, o Sr. Rodrigo Octavio Filho a uma geração de reformadores da poesia nacional. Todos os seus motivos, ou a maioria delles, estão bastante alongados daquella secura parnasina que, até bem pouco, esteve em moda entre nós. Caracteriza as suas composições um termo accento elegiaco, de um lirismo gracioso e invulgar. Os quadros que pinta são, por via de regra, instantes d'alma, manchas impressionistas, esbatidas e subtilezas, poma esta deliciosa *Tarde de Outomno no Luxemburgo*:

Calou-se, no jardim, a coral da alegria...
Chegou o outomno... as folhas tombam, uma a
uma...
E ha saudades no outomno... e dôr... melancolia...
E ha desmaios de tons... e tudo é cinza e é
bruma...

Passa o vento arrastando os seus passos de doente...
Ouço uma estranha voz... Verlaine! eu bem te sinto,
Nesta tarde que morre aos poucos pelo poente
E em que o jardim parece embebido em absyntho.

As folhas caem... E' todo o amplo jardim que chora...
Elias são tristes como as lagrimas do homem
E tantas, a cair, por essa linda hora,
Que parecem, até, illusões que se somem...
Como é calmo o jardim! Já se foram as creanças,
Sem algararra, sob a suggestão do outomno...

Emmudeceu no espaço a voz das esperanças!
Farece que o jardim dorme agora o seu somno...
Ah! que grande doçura anda dentro de mim
E pára, com a emoção de uma folha cahida...

...No meu sonho indeciso — antes um nebuloso
Devaneio fugaz de meigo e de amoroso —
Eu presinto feliz, que deve ser assim.
O jardim que eu sonhei e me espera na vida...

Está nesta breve nota o que ha de mais agudo na arte do poeta. Elle não descreve as cousas, mas as suggerere pelo ambiente em que as situa, as modela com precisão, mas as va envolviendo numa trama cheia de mysterio e sedução. As suas rapidas *Aguaes Fortes* são documen-

tos admiraveis do seu temperamento, assim como os *Velhos Versos á minha Casa*, onde palha um perfume de terra tocada de sol realmente licioso. *Alameda Nocturna* é um livro de verdadeiro poeta.

PHYSIONOMIAS DE "NOVOS". João Pinto da Silva, Monteiro Lobato & C. S. Paulo, 1922.

Dos nossos modernos criticos litterarios é o Sr. João Pinto da Silva um dos que melhor comprehendem a sua missão. De par com o brilhante Sr. Tristão de Athayde, occupa o escriptor sul-riograndense lugar de relevo e eminencia nas letras brasileiras. Poucos sabem, a exemplo do autor de *Vultos do meu caminho*, penetrar com tanta agudez as raizes de uma obra, espremendo-lhe o summo ou marcando-lhe a physionomia tão seguramente. Usando, com a largueza que lhe dá a experiencia moderna, dos processos de Taine, o Sr. João Pinto da Silva procura, ao mesmo tempo, examinar objectivamente a estrutura do livro e estudar o meio que o produziu. Inspira-se, como aconselhava Macauley, num sincero espirito de sympathia para formar os seus juizos. Não confunde grosseria e franqueza, não aggride mas corrige, não aponta os erros se não pelo goeto de fazer sobressair as qualidades. Com tudo isso, é, também, um creador. As paginas que analysa não reflectem apenas um olhar frio e prescrutador, espelham sobretudo as riquezas de uma intelligencia arguta, ávida e curiosa. Está sempre aberto, e á disposição dos seus methodos de investigação, o thesouro da sua variada cultura esthetica e sociologica. Pôde elle, assim, fixar num traço ou num breve commentario ou numa simples imagem a mascara de um artista, as preferencias de uma época, as virtudes e os defeitos dessas preferencias. Domina, pois, os problemas que ventila; despojando-se tanto quanto possível dos preconceitos que lhe são proprios. O magnifico ensaio que escreveu sobre Rodó documenta, á sociedade, o que acima dissemos. Apesar de todo o seu partidarismo latino-americano, são generosos os seus conceitos e as suas replicas em relação á politica expansionista do "yankees". E' que o Sr. João Pinto da Silva não se deixa levar pelo pendor das suas antipathias, mas segue naturalmente as directrizes de um pensamento claro, ponderado, que tira dos factos os argumentos que elles comportam.

Só um temperamento como o seu falsearia a tarefa subtil e delicada de balancear a obra de uma geração que surge. Nestas suas physionomias de "novos" houve serias difficuldades que vencer. Se, em alguns casos, já se lhe depararam materias bastantes para assentar opiniões precisas, teve elle que lutar em muitos outros com a exiguidade fatal de documentos apreciaveis. Nada impede, porém, que seu ultimo livro seja um filão precioso para todos quantos desejarem conhecer as inclinações dos modernos escriptores nacionaes. Faltarão, alli, porventura alguns nomes, mas o Sr. João Pinto da Silva não pretendeu fazer historia litteraria, cousa de nenhuma cabida no caso, se não apresentar uma serie de retratos largamente desenhados. Por esse lado, é sua recente produção uma das que mais honram a cultura e a personalidade de um verdadeiro critico.

JACKSON DE FIGUEIREDO — *Pascal e a inquietação moderna* — "Annuario do Brasil", 1922. O Sr. Jackson de Figueiredo acaba de publicar um novo livro de pensamento, que é mais uma affirmação brilhante de seu espirito e de sua cultura. E' um estudo profundo da alma inquietã de Pascal e seu reflexo no homem moderno, como elle amedrontado deante do abysmo, que tem á direita. Expondo com grande acerto as linhas primaciaes da philosophia de Pascal, o Sr. Jackson de Figueiredo mostra como o individualismo contemporaneo, em suas diversas manifestações de religiosidade, philosophia, poesia, se resente da influencia do grande pensador. Para o A. o scepticismo moderno, como o de Pascal, não tem vendores para a negação, antes procura se refugiar na creença fugindo ao imperio eecco da razão, puramente syllogistica. Este é o fundamento do livro, digno do apreço de quantos se interessam pelas cousas de pensamento. O prefacio estuda, com acuidade e precisão, as tendencias espirituallistas da joven mentalidade brasileira, depois de Farias Brito, o mais alto engenho philosophico apparecido em nosso paiz, no conceito justo do Sr. Ronald de Carvalho. O livro do A. inicia a *Collecção Eduardo Prado*, editada pelo *Annuario do Brasil* e pelo *Centro D. Vital*, de que o Sr. Jackson de Figueiredo é fundador e presidente, colleção que pretende dar ao Brasil as diversas modalidades do nosso pensamento catholico.

RANULPHO PRATA — Dentro da Vida — Narração de um medico de aldeia. — Typ do Anuario do Brasil (Rio — 1922).

O Sr. Ranulpho Prata colloca como a razão superior da vida, a resignação. Deante da fatalidade inexorável, que move as coisas num conflicto perpetuo, só resignado o homem encontra forças para dominar o tumulto insano que o absorve e atráe. Mas essa attitude não vem de uma illusão philosophica, como aquelle amor fati de Nietzsche, mas é o producto logico da vontade, que subsiste e domina a propria dôr. Portanto, é superioridade e não indiferença. Vêde, por exemplo, essa narrativa do livro do Sr. Ranulpho Prata. É a luta persistente entre a alegria desejada e a decepção conseguida, num logro sempre renovado, mas nunca vencedor. Ha no fundo da tecedura da narrativa um fundo de bondade animador, ensinando-nos a vencer a vida com a propria tragedia de sua illusão, ainda da mais dolorosa. Em face de tantas dôres, a renuncia physica ou moral, seria o golpe certo, para quem não se entregasse a um enleio espirital ou religioso. Mas, a constante acção, continuando cada desgraça, vencendo o destino tragico, é um admiravel exemplo de força, de dominio sobre o ephemero da existencia.

Aquella infeliz creança, que abriu os olhos e sentira o mundo na mais miseravel das contingencias, cuja primeira infancia foi dolorosa e injusta, não se revoltou nunca, mas encontrou na vontade de vencer o estímulo ascendente para o triumpho. Quando a vida lhe deu os primeiros frutos, mirrados para tão afanosa luta, e no coração um affecto mysterioso nasceu, projectou-se logo, ameaçador, um véo de morte, negando-lhe o amor. A doce Candida Maria morreria longe delle, leprosa, como toda sua ascendencia, victimas certas do mal terrivel. O drama de sua existencia, aggravado pela contingencia de sua profissão de medico, parece maldito, nesse transe de agonia. Mas não se abate. Reage pela vontade e, transmutando seu amor numa idealidade ardente, passa a cumprir o desejo da muito amada, administrando um leproso, onde os doentes não apagarão jámais o quadro tragico de sua paixão.

A sentença de vida é a dôr silenciosa a que o fadou destino incerto. E elle a cumpre, na mais admiravel victoria da vontade contra a dôr.

O livro é feito com grande emoção, traduzindo a angustia de um espirito forte desejo de penetrar os meandros obscuros do mysterio do mal. Ha uma inquieta e subtil pesquisa, renovada a todos os instantes deante da vida silenciosa. Essa parece-me ser a essencia da obra do Sr. Ranulpho Prata, realizado com as mais bellas disposições de espirito e apreciaveis meritos de escriptor.

POETAS BRASILEIROS (Traducción Anotada) — Enrique Bustamante y Ballivián. Rio. 1922.

É factu incontroverso, que já não surprehende a mais ninguem, o desconhecimento da nossa litteratura nos paizes vizinhos da America do Sul. Tirante um ou outro nome, como o de Bilac ou o do Sr. Ruy Barbosa, os dos outros autores brasileiros são mais ou menos ineditos, mesmo entre os letrados e os homens cultos da America Latina. Só ultimamente, mercê de uma insipiente approximação entre os escriptores brasileiros e argentinos, é que os nossos poetas e publicistas vão sendo estudados e commentados naquella republica do Prata. Servio de muito, para isso, a admiravel obra de Garcia Merou — *El Brasil Intelectual* — cuja repercussão foi grande e é ainda duradoura na Argentina.

A differença de lingua impede, naturalmente, a vulgarização dos nossos livros, de leitura difficil para os povos hispano-americanos. Emquanto isso acontece no que nos respeta, succede o contrario no tocante a litteratura hispanica da America. Poetas, romancistas, novelistas, publicistas e cientistas das nações Ibero-americanas são lidos e versados carinhosamente. Quem escreve para os argentinos escreve tambem para o Chile, para a Colombia e o Mexico. As edições se esgotam rapidamente, em virtude de um intercambio intelligente e activissimo. Nada temos feito, porém, no sentido de proteger e desenvolver o nosso mercado de livros. Continuamos insulados e obscuros, á espera de que os outros se encarreguem de promover uma propaganda que temos descurado infelizmente.

Acaba de prestar-nos, nesse passo, inestimavel serviço o illustre peruano Sr. Enrique Bustamante y Ballivián, publicando uma selecta de poetas brasileiros, desde Gonçalves Dias até aos de mais recente nomeada. Não admira,

aliás, que sejam quasi perfectas as traducções do Sr. Ballivián, porquanto é o autor delles artista de verdadeiro merito, famoso no seu paiz pelos volumes de poesias que tem estampado. Possuindo um temperamento complexo, capaz de exprimir a belleza das cousas por varias formas, organizador da anthologia em questão, soube dar aos nossos poetas o accento e a graça que lhes são peculiares. Além disso, as notas bio-bibliographicas que acompanham as versões, mostram que o distincto escriptor e diplomata peruano procurou estudar a nossa historia litteraria e o nosso meio intellectual com propriedade e segurança. Damos a seguir algumas mais felizes, onde se faz patente o escrupulo do fino poeta Sr. Ballivián:

ANOCHECER

(Raymundo Correia)

Incendia al Occidente en su agonia el Sol... Aves, en vuelos destacados, por cielos de oro y púrpura rayados, huyen... Ciertra sus párpados el dia.

Delinea la distante serrania sus vértices de llamas aureolados, y a todo, en torno, esfuma, derramados, sus tonos suaves la melancolia...

El aire mece un mundo de vapores... Cresce in informe mancha en el paisaje la sombra, al apagarse los fulgores...

La natura serena languidece... Poco a poco la luna entre el follaje surge trémula, trémula... Anochece.

Dos modernos, aquellos que melhor comprehendeu o Sr. Ballivián, foram os Srs. Ronald de Carvalho, Manuel Bandeira, Alvaro Moreyra e Ribeiro Couto. Vão aqui amostras que do-cumentam o nosso julzo.

VESPERAL

(Ronald de Carvalho)

El cielo parece adormecido, el cielo profundo...

Vaga en el un largo beso doloroso, caricioso...

La tarde muere. La sombra ha caido sobre el mundo.

La sombra es un labio silencioso, silencioso...

LA FINA LA DULCE HERIDA...

La fina, la dulce herida que fue dolor de mi gozo, dejó quebranto amoroso en cicatriz dolorida.

Pues que ardor pecaminoso prendió en el alma perdida la fina, la dulce herida que fue dolor de mi gozo.

Como una daga partida hiere el golpe voluptuoso... Que en el pecho, sin reposo, me arderá toda la vida la fina, la dulce herida.

ASPIRAR

(Alvaro Moreyra)

Criatura vespéral que tus brazos abriste en la distancia azul que un día te llamó, dime si hubo en la Tierra, o si en la Tierra existe, una cosa más cruel, una cosa más triste que este eterno aspirar de quien nunca alcanzó !

VISITA

(Ribeiro Couto)

Un rayo de sol entra por la ventana. La alegría de un rayo de sol. Cómo está, claro ahora mi cuarto de enfermo !

Si yo fuera un rayo de sol no bajaría a un cuarto de enfermo. Iría para aquella nube que va pensando allá lejos, aquella nubecita blanca en el cielo azul, para viajar, para ser feliz...

Mientras tanto, espera, rayo de sol. Queda un momento, rayo de sol. Mi rayo de sol...

A anthologia do Sr. Bustamante y Ballivián vae, sem duvida, contribuir muito para que seja apreciada e louvada nos paizes hispano-americanos a poesia brasileira. Por que não tentaria, por igual, um dos nossos bons poetas empreza semelhante á do illustre diplomata, fazendo uma selecta portugueza de versos peruanos ?

Livros recebidos:

FIGURAS VISTAS POR DENTRO, estudo de psychologia social brasileira, por Simão de Mantua, Monteiro Lobato & C., editores, São Paulo, 1921.

PEQUENOS ESTUDOS DE PSYCHOLOGIA SOCIAL, por Oliveira Vianna, Monteiro Lobato & C., editores, São Paulo, 1922.

A LINGUA PORTUGUEZA NO BRASIL, por Sordano Leite, Anuario do Brasil, editor, Rio de Janeiro, s/d.

JOANNA ANGELICA, a primeira heroína da Independencia do Brasil, pelo Prof. Dr. Bernardino de Souza, Imprensa official do Estado, Bahia, 1922.

A FEIA, novela de Souza Costa, editora A. Novela Portuguesa, Lisboa, 1922.

JOSÉ INGENIEROS Y EL PORVENIR DE LA FILOSOFIA, por Julio Endara, Agencia General de Libreria, Buenos Aires, 1922, 2ª edição.

A OPINIÃO PUBLICA NOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE, estudo de ciencias sociaes e de educação moral e civica, por Ruy Nobre, Empreendimento Litterario Ibis, Districto Federal, M C M XVII.

A SABEDORIA DOS INSTINTOS, idéas e anticipações, por Pontes de Miranda, J. Ribeiro dos Santos, editor, Rio de Janeiro, 1921, primeiro premio da Academia Brasileira.

MUTE JEFF & C., chronicas, por Benjamin Costallat, Leite Ribeiro, editor, Rio de Janeiro, 1922.

OS CONDEMNADOS, contos atrozes, por Gabriel Marques, Monteiro Lobato & C., editores, São Paulo, 1922.

OS CANGACUROS, romance de costumes sertanejos, por Carlos Dias Fernandes, Monteiro Lobato & C., editores, São Paulo, 1922.

A BAHIA NO ANUARIO ESTATISTICO DO BRASIL, 1908-1912, por Euvaldo Diniz Gonçalves, Imprensa Official, Bahia, 1922.

CHICO ANGELO, por Debora Monteiro, edição da Casa America, Recife, 1922.

UMA FIGURA HISTORICA, por Costa Filho, Imprensa Official, Bahia, 1920.

Biotônico
FONTOURA
O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

Casa Matriz: AMSTERDAM

Filiaes na America do Sul: Rio de Janeiro
 — S. Paulo — Santos — Buenos-Aires
 Santiago do Chile — VALPARAISO

Capital autorizado: florins 50.080.000
 Capital realizado e reservas: florins 30.180.000

Fundado pela Rotterdamsche Bankvereniging, Amsterdam — Rotterdam
 Haya, cujo Capital Realizado e Reservas montam
 a florins 114.000.000

Succursal no RIO DE JANEIRO

11-13, RUA BUENOS AIRES, 11-13

Telephones: Norte 5356, 5357 e 5358.

Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

CAPITAL FR\$ 50.000.000

CAPITAL REALIZADO

Accções Frs. 50.000.000

Obrigações Frs. 65.000.000

Fundo de reserva Frs. 12.500.000

Emprestimos sobre primeira hypotheca a curto e longo prazo, reembolsaveis a prazo fixo ou por amortizações semestraes com direito de reembolso antecipado

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento. Dinheiro para construcções.
 Abertura de credito para construcções de predios até 50 % do valor dos mesmos,
 inclusive o terreno

Adiantamento sobre titulos, mercadorias e warrants.

Gerencia de immovels, cobrança de juros sobre apolices, acções e debentures, guarda de valores, etc

Séde Social em Paris: 39, BOULEVARD HAUSSMANN, 39

SEDE DE OPERAÇÕES E DIRECÇÃO GERAL: AVENIDA RIO BRANCO, 44

Endereço Telegraphico: BRESIFONCI

RIO DE JANEIRO

Telephones } Directoria N. 4.116
 } Secretaria N. 2.085
 } Expediente N. 3.750

Caixa Postal 1.307

Agencia — RUA S. BENTO, 24 — S. PAULO